





SEI LÁ



Margarida Rebelo Pinto

# Sei Lá

OFICINA  
DO LIVRO

[www.oficinadolivro.pt](http://www.oficinadolivro.pt)

© 1999, Margarida Rebelo Pinto  
e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.  
uma empresa do grupo Leya  
Rua Cidade de Córdova, 2  
2610-038 Alfragide  
Tel. 21 041 74 10, Fax. 21 471 77 37  
E-mail: [info@oficinadolivro.pt](mailto:info@oficinadolivro.pt)

Título: *Sei Lá*  
Autoria: Margarida Rebelo Pinto  
Revisão: Henrique Tavares e Castro  
Composição: Informaster  
Capa: Maria Manuel Lacerda / Oficina do Livro  
Impressão e acabamento:  
Rolo & Filhos II, S.A. (Portugal)

14.<sup>a</sup> edição: Abril, 2009 – 2000 exemplares

ISBN 978-989-555-457-7  
Depósito Legal n.º 290227/09

*Ao meu querido amigo António Alçada Baptista,  
pelo seu afecto infinito  
Ao Lourenço, por me ter dado um novo sentido à vida*



*(...) Os homens raramente se explicam,  
e quando o fazem, fazem-no mal.*

Eduardo Mendoza  
in *A Cidade dos Prodígios*



# Parte 1

*Maio de 1996*



# I

— **O**que mais me chateia é quando perco a ponta — comentou a Luísa na sua voz distante e inexpressiva, de quem está sempre um bocadinho a leste. Mais uma vez tínhamo-nos juntado as cinco para jantar em casa da Mariana e para variar, entre cada garfada de *bolognesi* atacávamos o nosso prato preferido: homens.

— São uns idiotas, coitados — desabafou a Mariana. — Uns autênticos idiotas. Por mim, acho que cheguei ao limite da minha paciência. Acabou-se.

O tom de voz não escondia a mágoa das solidões escolhidas. A Mariana. De nós as cinco a mais bonita, a mais doce. E também a mais azarenta no que respeita ao chamado sexo forte. A Teresa, calada como sempre.

— Não são idiotas, Mariana. São só um bocado básicos, percebes?

O meu tom soava a falso, mas tentei dar-lhe um ar de sábia condescendência. Não me julgo minimamente conhecedora de

tal matéria, muito pelo contrário. Quantos mais anos passam e mais homens conheço, menos me sinto à vontade para dissertar sobre eles.

— Estamos nós aqui a falar deles para quê? Afinal nenhuma de nós está bem com o que tem, *so what's the point?*

A Teresa finalmente decidira-se a entrar na conversa, com certeza com o intuito de a acabar. Mas a Mariana já desfiava todo o seu rosário.

— Pois, pois, para vocês é fácil falar. Cada uma com o seu cãozinho fiel com o rabinho entre as pernas e eu aqui a penar, feita parva, à espera do Príncipe Encantado e a limpar teias de aranha.

— Só esperas porque queres — voltou a cortar a Teresa em tom de quem não deixa margem de resposta.

E eu ali, a assistir. Não me apetecia falar. Era a mais nova do grupo e sempre fora tratada como a mascote. Mas os anos tinham passado e se eu já não era uma miúda, elas galopavam para os entas. Apesar de ter por todas uma grande admiração, com o tempo apercebera-me de que os dez anos de diferença que nos separavam pouco ou nada me tinham ensinado. Elas tinham os mesmos problemas que eu, e muitas vezes piores.

— Pois, é como vos digo — voltou a Luísa à carga —, o que mais me chateia é que perdi mesmo a ponta pelo Manel.

— Estarei enganada, ou já te ouvi dizer que nunca tiveste muita? — Outra vez a Teresa a morder.

A Luísa acendeu um cigarro lentamente, muito lentamente, enquanto reflectia se ia ou não dar-se ao trabalho de lhe responder. Expirou uma longa baforada para o tecto e fez meia dúzia de círculos de fumo que se desfizeram contra o candeiro da cozinha.

— Deve ser por isso que a perdeste — não resisti a comentar. A Luísa fitou-me metalicamente e sorriu.

— Sabes, miúda, o problema é que hoje em dia eles são perfeitamente dispensáveis. Já não nos sustentam. Não nos protegem. Não sabem tratar da casa, são em geral péssimos cozinheiros. Muitas vezes, até somos nós que acabamos por os sustentar. Por lhes orientar a carreira, lhes arranjar empregos, lhes dar a mão. — Respirou fundo e deixou cair a sua tirada final. — Se não fosse pela cama, não precisávamos deles para nada.

— Hoje em dia há muitas maneiras de resolver esse assunto — disse a Catarina com um sorriso malicioso. Era de todas a mais ajuizada. Uma frase daquelas vinda dela deixou-nos boquiabertas.

— Ah sim, minha sonsinha? Então porque é que não me explicas quais são, que eu devo ser um bocado tansa? — A Mariana esperava a resposta.

— Sei lá, vibradores e essas coisas assim... — corou. — Não olhem para mim com essa cara, eu nem sequer vi nenhum na minha vida.

— Queres dizer ao vivo — disse a Teresa perdida de riso. — Pois não sabes o que perdes.

E, respirando fundo, assumiu uma postura de professora, tirou os óculos à Luísa (*design* Armani, caríssimos e muito bonitos), colocou-os no seu nariz afilado e impertinente e proferiu em tom solene:

— O vibrador é já de si um objecto muito prático, eficaz e higiénico, podendo ser adquirido em lojas da especialidade. Este objecto funciona a pilhas, ou, como dizem *nuestros hermanos, con pilas*, o que neste contexto até tem graça porque se transformam muito rapidamente em competentes substitutos das ditas, com a maior parte das suas vantagens e nenhum dos seus inconvenientes. Esta maravilha da tecnologia moderna tem ainda a agradável particularidade de ser facilmente portátil e de satisfação quase imediata.

— Quem sabe, sabe — suspirei.

— É como uma fatia de bolo de chocolate, com a vantagem que não engorda — concluiu a Teresa, devolvendo os óculos à Luísa.

— Estás a reduzir o sexo ao que ele tem de mais básico, que é chegar ao orgasmo.

— E tem alguma piada se não chegares lá?

Achei que não havia resposta possível. Afinal, ela de certo modo estava certa. Mas a Mariana não concordava.

— Ó Teresa, por amor de Deus, então tu achas mesmo isso? Pareces um homem a falar.

— Aprendi com eles — respondeu friamente. — Se eles não fossem tão egoístas no seu comportamento sexual, eu também não me punha tão à defesa.

— Mas não és tu que dizes que o João é uma cama espetacular? — perguntou a Luísa.

— Sim, ou porque é que achas que o aturo há tantos anos, apesar das facadinhas que já me foi dando?

Por causa da vida que ele te dá, minha parasita, pensei eu sem me pronunciar. Nunca a vi a trabalhar mais de dois meses seguidos em lado nenhum. Arranja sempre uma desculpa para se vir embora. E vive sempre a queixar-se. O João, pelo contrário, está sempre bem-disposto. É possuidor de um bigode elegante e uns olhos castanhos-claros que já seduziram meia Lisboa. Faz parte daquele género de homens que não tem nada de especial, mas que por isso mesmo consegue dar a volta à cabeça das mulheres. Há nele algo de profundamente encantador. Talvez o seu sentido de humor, talvez a sua cor de pele, não sei bem. Há dez anos que vive com a Teresa. Nada de filhos, projectos, conversas sobre o futuro. Estão juntos e pronto. Como quem vai todos os dias há vinte anos tomar o pequeno almoço à pastelaria da esquina. E ele continua sem atender o telefone em casa dela, onde vivem desde sempre, num ritual

de cerimónia vetusto e bizarro que misteriosamente agrada aos dois. A Teresa continua a sentir-se a dona da casa e o João uma espécie de visita de carácter permanente, qual sportinguista ferrenho que compra um lugar cativo na bancada central.

A Luísa tinha acabado de se separar do quarto (ou seria o quinto?) namorado com quem vivera alguns meses. Esteve apaixonada mas quando lhe passou a ponta deitou tudo a perder. Tudo, é como quem diz. A casa era dela e o trabalho de directora criativa rendia-lhe mais de quinhentos contos por mês, por isso a separação resumiu-se à saída do Manel lá de casa. Caixotes à porta e não se fala mais no assunto. Nada de papéis assinados, pensões e filhos ou quaisquer outros laços. A Luísa tinha perdido as ilusões, o que não a impedia de sair sozinha à noite para voltar a casa acompanhada. Assim, com a facilidade de quem come um gelado. Sem sentimentalismos nem pretensões românticas. Uma noite bem passada. Nada de mais. Nem telefones nem intimidades. Toma lá dá cá, foi tão bom não foi? E depois esquecia-se dos nomes deles. Até o Manel, um médico de sobranceiras farfalhudas e ar discreto não passava de mais um troféu para a colecção. Às vezes parecia mesmo um homem. Fazia-nos confusão, mas acho que todas desejávamos ser como ela, nem que fosse por uma noite.

A Catarina era a única que tinha um casamento a sério. Dois filhos adoráveis, uma casa linda no Príncipe Real, chão de madeira, cozinha Míele, criada interna, tudo à moda antiga. Casara aos dezoito anos com o Bernardo, um marido dedicado e devoto que nunca se importara de mudar as fraldas aos filhos a meio da noite, enquanto construía a pulso uma carreira prometedora na banca. Aparentemente uma jóia, se não o tivéssemos já apanhado no Plateau com meninas ainda a curar o acne e por duas vezes estacionado em segunda fila à porta do Elefante Branco. A Luísa e a Teresa quiseram pôr a Catarina ao corrente, mas a Mariana e eu opusemo-nos. Coitada da Cata-

rina. Às vezes sentia remorsos de não lhe contar a verdade, mas com o passar dos anos esta mentira foi-se instalando e já nenhuma de nós ligava ao caso. É espantoso como as pessoas se habituem a coisas que em tempos acharam inaceitáveis.

Quando soubemos das escapadelas do Bernardo juntámo-nos em reunião de emergência. Mas o tempo passou e agora o assunto caíra no esquecimento. E neste esquecimento, quem escapou impune foi o próprio bandido, graças à nossa passividade. Mas por tudo isso não deixava de ter graça ouvir a nossa rapariga ideal a falar de coisas tão *kinky* como vibradores. A menina bem-comportada que só teve dois namorados e casou virgem, que sempre foi a melhor aluna do colégio e teria sido uma das melhores da faculdade se não tivesse desistido, a pedido do Bernardo, “que a via sempre tão cansada entre os biberões, as fraldas e os apontamentos de Introdução à Economia”. A Catarina desistiu de Economia a meio do segundo ano e nunca mais voltou à faculdade. Um desperdício. Mas era feliz, na sua vida harmoniosa e arrumada, os filhos na Escola Avé Maria, missa na igreja de Santos ao domingo à tarde, lanchinhos e festas de anos para a pequenada com bolos surpresa e palhaços mais caros do que divertidos. E depois, aqueles dois miúdos eram o orgulho de qualquer mãe: caracóis louros e olhos azuis, sempre vestidos a condizer, muito Jacadi e Mothercare que o *father pays* e nem se importa, desde que veja a mulher contente e os filhos bonitos. Mas o Bernardo tem que se lhe diga. Não é nenhum santo, mas é esperto que nem um alho e muito discreto. Tivemos vontade de perguntar à Catarina afinal de onde é que lhe vinha tanta ciência sobre o dito objecto de diversão sexual, mas contivemo-nos. Há perguntas que não se fazem. Até porque se tal objecto era usado pelo casal só indicava alegria conjugal e a Catarina tinha um ar consolado. Sacana do Bernardo. Saltava a cerca mas não deixava o seu crédito por mãos alheias. Um verdadeiro macho

latino, do género que nós todas odiávamos, mas que no fundo invejávamos por saber ser tão cabrão e ter uma imagem tão exemplar. Não basta ser, é preciso parecer. E se se souber parecer melhor do que se é, o jogo está ganho.

Já era tarde quando decidimos dar uma volta pelo Bairro Alto, a Luísa e eu, porque a Catarina tinha de levar os miúdos à escola cedo e o João apareceu para buscar a Teresa. A Mariana estava com uma neura letárgica e só de ouvir falar em sair começou logo a abrir a boca de sono.

Deixei o meu carro à porta de casa da Mariana e seguimos no Honda V-Tec da Luísa, preto, novinho em folha, com tecto de abrir e leitor de CD. A menina trata-se bem. Comprou o carro depois de se ter separado como presente a si mesma. A Luísa tinha decidido ter tudo na vida e já tinha uma grande parte do que queria. Filha natural de um Andrade de boas famílias e maus hábitos, tinha como mãe a antiga criada de fora da casa do Lumiar. Os avós paternos sempre tinham ajudado a mãe, mas nunca aceitaram completamente a neta, o que provocava na Luísa um profundo e merecido nojo. Talvez por isso mesmo adorasse deixar cair num jantar de cerimónia que a mãe era cozinheira e devorasse com o mais profundo dos desprezos os meninos bem do T-Clube, os quais se gabavam aos amigos de ter comido um gaja muita boa sem sequer perceberem que quem os comia era ela, leoa bastarda, pronta a afiar as unhas e os dentes em carne masculina fresca e bem temperada. E nem sequer era bonita, ou particularmente bem feita. Mas tinha garra e fazia exactamente o que queria e como queria.

O Bartis estava semicheio, normal para um dia de semana. Casais de todos os sexos, fauna mista entre o *designer* e o pintor, um estilista conhecido e meia dúzia de manequins da moda, um realizador de cinema já a entrar na terceira idade,

um pequeno grupo de queques a fingirem-se modernos, e a habitual massa anónima da periferia lisboeta que alugou umas águas furtadas a uma peixeira no Bairro Alto, se vestiu de preto e achou que assim entrava no meio artístico. Não gosto muito do Bartis, mas faz parte do circuito de manutenção, é um mal menor para quem sai à noite. A verdade é que gosto cada vez menos de sair. Em vez de se encontrarem dezenas de pessoas conhecidas, como há uns anos, esbarra-se com uma maioria pós-moderna da margem sul e uma pessoa acaba por se sentir como peixe fora de água. E depois, a música já não é a mesma, dança-se mal e sem prazer. Só que o vício de sair é mais forte que tudo e do Bartis fomos ao Bar do Rio e daí para o T-Clube onde a música está sempre mais ou menos com dez anos de atraso em relação às outras discotecas e a frequência é sensaborona, mas pelo menos não cheira a sovaco e alguns homens conseguem não ter cara de gestores chamados Victores e Sérgio. A Luísa ligou logo as antenas e apontou o foco para dois que estavam no bar. Pediu um *gin* tónico e uma Coca-Cola para mim, (o álcool depois da meia-noite põe-me a dormir em menos de cinco minutos) e ficámos ali as duas à conversa enquanto ela trocava olhares alternadamente gulosos e superiores com os dois exemplares da mais pura raça lusitana que nos observavam discretamente.

Eu estava noutra onda. Desde que acabei namoro com o Ricardo que não me apetece sequer olhar para um homem. Estou fechada para balanço, como as lojas no dia 2 de Janeiro. Só que já vamos em Maio e eu continuo hibernada de corpo e alma, sem paciência sequer para uma conversa de circunstância.

Ao fim de meia hora, um deles aproxima-se da mesa. Não consegue disfarçar o nervosismo, coitado. Deve ter a minha idade, mas tem cara de menino da mamã. Estou a vê-lo sentado num motão oferecido pelo papá (reconhecem-se logo pelas

botas e pelo blusão) e deve trabalhar numa sociedade financeira, ou então é advogado. Basta abrir a boca e topo-o logo.

— Posso sentar-me com vocês?

Eu nem lhe respondo. A Luísa lança-lhe uma baforada de fumo para a cara como se fosse sem querer e diz que sim com a cabeça.

— O Francisco e eu estávamos ali a tentar adivinhar os vossos nomes, e eu resolvi perguntar.

A Luísa e eu trocámos um olhar cúmplice.

— Chame lá o seu amigo, que ele é giro — diz a Luísa.

O Francisco, que tem cara de parvo e é tudo menos giro, está encostado ao bar, escondido atrás dum *whisky*. Aposto que é JB. O nosso mensageiro, que se deve chamar Gonçalo ou Salvador, acena com a mão e o Francisco obedece, qual cãozinho amestrado.

— Então diga lá como é que eu me chamo — desafia a Luísa.

— Talvez Vanda.

— Vanda??? Acha-me com cara de possidónia?

Por acaso até tem, mas com os seus óculos Armani e o cabelo impecavelmente cortado, o *bâton* irrepreensível e as roupas que veste, parece tudo menos filha de uma cozinheira. Até tem um certo bom ar que puxa ao pai.

— Desculpe, não a quis ofender, mas é que o Francisco acha que você tem cara de Vanda.

— Está enganado, chamo-me Ana Rita. E a minha amiga, Sofia.

— E o que é que vocês fazem?

— Eu é mais casamentos e baptizados — foi o que me veio à cabeça.

— Ah, que giro, então organiza festas???

Mordeu o isco, coitado. Ainda é mais parvo do que eu pensava.

— Somos sócias. Ela toma conta da parte comercial e eu organizo os eventos.

— Que giro! A mãe também — disse triunfante.

— A mãe??? — perguntou a Luísa com ar de gozo. — Qual mãe??? A minha não é de certeza, embora seja uma grande cozinheira.

— Não — responde o idiota, que ainda não nos revelou o seu nome —, a minha mãe, percebe?

— Ah, então se calhar a sua mãe também é cozinheira como a minha.

O rapaz está a ficar chateado. Deve-lhe ter passado finalmente pela cabeça que estamos a gozar com ele. O Francisco ainda não disse uma palavra, mas noto-lhe uma expressão cáustica, de espectador profissional. E deve ser menos parvo do que o outro, porque já nos topou.

— O Gonçalo adora meter conversa com pessoas estranhas — comenta entre dentes.

— Bingo!

Mais uma vez acertei no nome dele. Estou a ficar boa nisto.

— Bingo o quê? — pergunta o dito.

— Nada, nada, é que me lembrei de uma coisa em que nunca tinha pensado.

É uma estupidez tão grande que dá gozo dizer só para ver a cara das pessoas quando a ouvem. Além disso é um bom seleccionador: os mais espertos riem-se e percebem que é uma brincadeira. Os parvos denunciam um ar perplexo de quem está a tentar interpretar. O Francisco ri-se. O Gonçalo fez o fatal ar perplexo. Está tudo dito. O giraço é parvinho de todo e o outro deve ser espertalhão.

— Venha, vamos dançar.

E lá vou eu para a pista fazer figura de parva ao som dos Gipsy Kings que por acaso detesto, mas como já estava farta da

conversa, aproveito a boleia. O jovem tenta conversar na pista, finjo que não oiço nada e ele desiste. Enquanto danço, olho à volta e entristeço-me com o panorama. Não há, no meio de tanta gente, uma única mulher bem-arranjada ou um homem para quem valha a pena olhar. Os portugueses são tão feios. E como se não bastasse, arranjam-se mal. É o reino do tafetá e da camisa Ralph Lauren. Vão à loja e escolhem a mais foleira, mas como tem lá o homenzinho em cima do equídeo, acham-se o máximo. O que conta é a marca. Olho distraída para o símbolo bordado na camisa do meu companheiro de pista. Estes portugueses são seres modelares. Parece que nas maternidades havia fotocopiadoras, porque são todos um bocado iguais.

A música passa para um *slow* e o rapaz agarra-se logo.

— Você é gira, é pena é não se chamar Sofia nem ser organizadora de festas.

O que é isto? O tipo conhece-me?

— Está muito bem informado.

— Eu conheço-a perfeitamente. Escreve numa revista, eu já lá vi a sua fotografia. É você, não é?

— E se eu lhe disser que me confundem muitas vezes com essa pessoa?

— Não, não, eu sou bom fisionomista. Vi logo que era você, por isso é que pedi ao Gonçalo para lá ir fazer figura de estúpido e meter conversa consigo e com a sua amiga.

Olhei para a mesa onde os dois conversavam animadamente, intercalando gargalhadas nervosas. A Luísa devia estar a fazer contas de cabeça para se decidir se ia levar ou não o Gonçalo para casa e o Gonçalo já estava visivelmente excitado. Vê-se logo quando começam a saltar de uma perninha para a outra. Batem com o maço de cigarros na mesa, brincam com o isqueiro, começam a beber copos uns atrás dos outros. Aquilo ia dar asneira e lá ficava eu sem boleia até ao meu carro. É por

estas e por outras que trago sempre o cartão dos rádio-táxis na carteira.

Voltámos para a mesa. A Luísa estava a explicar ao Gonçalo como é que tinha conseguido fazer um pião na marginal com o seu Honda V-Tec. Para não lhe ficar atrás, ele competia com descrições audazes das suas façanhas numa CBR qualquer. Estavam os dois a aquecer o carburador. Sugerir à Luísa que já passava das duas e talvez fosse uma boa hora para regressar ao doce lar, mas a rapaziada estava animada e queria ir à Kapital. Saímos juntos e o Gonçalo, coitado, não resistiu a abrir o BMW a vinte metros de distância para mostrar o alarme sofisticado do seu controlo remoto. Só faltou fazer um telefonema inútil do seu portátil, mas também já não eram horas de ligar a ninguém.

A Kapital estava morna, mas pelo menos a música era decente e as empregadas são engraçadas e simpáticas, para variar do empregado de bar tipo mono-em-pé característico das discotecas queques. Acho piada a estas fatiotas de rede de pescador e aos *eye-liners* desenhados a Rotring. Sentamo-nos ao balcão e eu peço a minha habitual Coca-Cola. Não me apetece estar ali. Estou cansada e a minha cabeça não pára de pensar na entrevista que tenho de fazer amanhã a um daqueles empresários que de repente se tornam mediáticos. O grande problema é que na redacção me pediram para fazer uma entrevista simpática, mas só me vêm à cabeça todas as traulhices e negócios duvidosos que eu por acaso sei que ele fez. A situação é delicada. Ele não pode perceber que eu sei coisas que com toda a certeza não lhe interessa nada que eu saiba, e eu já sei que não vou conseguir esconder o meu ar céptico quando ele se alongar em bazófilas sobre como conseguiu ter sucesso. Mas vou ter de me aguentar, senão ainda arranjo um inimigo e Portugal é um país demasiado pequeno para uma pessoa se poder dar a esse luxo. O Francisco observa-me em silêncio enquanto

o casal maravilha continua a contar mentiras um ao outro. É extraordinário as barbaridades que se dizem depois das três da manhã.

— Quando voltar à base avise.

— Estou cansada e amanhã tenho uma entrevista que ainda não preparei.

— Não me diga que vai entrevistar o Clint Eastwood.

— Não, mas por acaso o meu entrevistado até nem é mau actor.

— Eu conheço-o?

— Provavelmente, respondo — é o empresário Luís Lopes de Sousa.

O Francisco não o conhece pessoalmente, mas já ouviu falar, parece que é amigo dum tio dele. É fascinante como em Portugal toda a gente já ouviu falar de toda a gente e há pelo menos um tio ou um primo em décimo sétimo grau que trabalhou, andou na escola ou conhece as pessoas que referimos. Uma verdadeira aldeia, este país à beira-mar plantado. O Ricardo, que de português não tem nada, também tinha uma teoria sobre isto. Defendia que esta era a verdadeira razão da demência mental dos portugueses, a consanguinidade. Quando todos se casam com todos, os cruzamentos consanguíneos são fatais.

A Luísa e o Gonçalo continuam animadamente a conversar, mas eu cheguei ao fim da noite.

— E se fôssemos embora?

A Luísa olha-me como se lhe estivesse a espantar a caça.

— Bem, se insistes muito levo-te ao teu carro.

— Se quiser eu levo-a — corta logo o Francisco. A mosca morta está a sair da casca.

— Deixem-se estar, obrigado, prefiro apanhar um táxi.

— Nem pense, nós vamos levá-la — insiste o Gonçalo, que apesar de parvo é bem-educado.

— Não, nós vamos as duas, não nos perdemos.

A Luísa deve ter decidido no último instante que esta noite vai dormir sozinha. Mas o Gonçalo que não é mau tipo insiste em seguir-nos por Lisboa à noite. A Luísa deixa-me no meu carro onde entro sem me despedir do par de jarras que estacionou o BMW à espera não sei de quê. Espero que não tenham a triste ideia de me seguir até casa. Mas não. O Gonçalo saiu do carro e pôs-se a falar com a Luísa. Está a jogar a última cartada, mas parece-me que não vai ter sorte. Arranco sorratamente sem olhar para trás. Não me apetecia ver a cara do Francisco. Não sei porquê, mas acho que não é de confiança.

Chego a casa. Está um frio de rachar e ligo o aquecedor para ver se não morro congelada. Já são três e meia e devia deitar-me, mas deixei o computador ligado e o texto que tinha começado a escrever exerce sobre mim uma atracção irresistível. É sobre o Ricardo, ou melhor, sobre a minha relação com ele. Não consigo perceber porque é que nos separámos depois do mais espantoso e intenso romance de toda a minha vida. O Ricardo era a minha alma gémea. Dávamos-nos bem em tudo. Talvez demasiado bem, porque nos isolámos do mundo. Vivíamos um para o outro. Acho que foi isso que matou a nossa relação. De tanto respirar o mesmo ar ficámos sem oxigénio. Mas agora que estou outra vez sozinha e saboreio a solidão como um luxo, e a liberdade como um troféu, não consigo deixar de pensar que deixei partir o único homem que amei verdadeiramente, totalmente, com o corpo, a alma, o coração e a cabeça. Onde estará ele agora? Soube que voltou para Pamplona depois da separação. Nunca mais deu sinal de vida, nem espero que dê. Capricórnio puro. Quando corta o mal é pela raiz. Já lá vão seis meses. Depois de amanhã faço anos e nem sequer organizei nada. Pela primeira vez nos últimos anos não me apetece ver ninguém. Talvez jante com os meus pais, logo se vê. Mas também não me apetece encarar a minha mãe, que

não aguenta ver-me desarrumada na vida e me cobra, mesmo sem querer, o facto de viver sozinha, ter tido vários namorados sem ter casado com nenhum, e não lhe dar mais netos para a galeria familiar. Já tive mãe, mas não resultou, desculpe.

Desligo o computador às cinco da manhã e preparo um chá de cidreira para dormir melhor. Amanhã é outro dia e este até nem foi mal passado. Antes de adormecer ainda imagino a cara do Gonçalo a entrar no apartamento da Luísa, todo *design* e modernices, ele que só deve ter visto sofás às flores e cortinas cor de salmão desde que nasceu. Sonho com a Luísa que se ri às gargalhadas enquanto lhe entorna iogurte de morango em cima. Estão os dois a tomar banho de espuma numa banheira gigantesca e pedem-me para lhes ir buscar as toalhas. Sentado num banco de madeira ao fundo, o Francisco assiste à cena.

## II

Chego cinco minutos atrasada ao escritório do meu entrevistado. É um décimo terceiro andar nas Torres das Amoreiras com chão de mármore e paredes forradas a madeira escura, uma recepção enorme e uma recepcionista com cara de Célia e sorriso mecânico. Estou com ar de *zombie* e a base não faz milagres. Ainda retoquei com o tapa-olheiras nos semáforos, mas hoje não estou para mais. A suposta Célia, que passou meia hora frente ao espelho antes de sair de casa, olha-me de lado. Quando me anuncio, liga pelo telefone interno e diz à Dona Carlota que eu cheguei. Já estou a ver esta Carlota. Cabelo escadeado em madeixas, camisa da Fil-à-Fil, muito ouro ao pescoço e um rebanho de pulseiras, relógio de marca, saia travada e sapatos clássicos. Poucos minutos depois, a dita assoma à recepção. Bingo. É tal e qual como eu tinha imaginado, só o cabelo é que é melhor, pelo menos não tem madeixas.

— O *Sôtôr* está à sua espera.

Conduz-me pelos corredores até uma sala ao fundo com uma longa mesa de reuniões e convida-me a sentar. Escolho a cabeceira. Por uma porta entreaberta oiço a voz do Luís Lopes de Sousa ao telefone.

— Sim, querida, já disse que sim. Sim querida, podemos ir para Courchevel. Sim, querida, marque tudo que depois logo vejo se consigo ir ou não. Está bem, está bem. Olhe que chego tarde. Se calhar tenho de ir jantar com os alemães. — Silêncio. — Pois é, uma grande estucha, mas tem de ser. Eu não vou tarde, esteja descansada. Está bem, querida, não espere por mim para se deitar. Está bem, está bem, eu não faço barulho se já estiver deitada. Um beijinho, querida, até logo.

E desliga. Espero que não demore muito tempo que ainda tenho trabalho à minha espera na redacção e já são onze e meia. Mas o telefone toca outra vez.

— Olá borracho, estás boa? — O tom mudou visivelmente. — Então, sempre queres ir jantar ao Guincho? Mas só se for às Furnas, porque no Monte-Mar ainda dou de caras com os meus sogros. E se viesses cá ter às cinco? Está bem, então espero por ti na garagem. Sim, no sítio do costume. Vê lá se vens bonita, que eu gosto de ti bem-arranjada. Queres comprar o quê? Mais uma? Mas este ano já compraste três malas da Vuitton... Está bem, depois vemos isso. Até logo, Bibinha, adeus.

Ok. O Luís Lopes de Sousa, além de ser aldrabão nos negócios, também tem *affairs*. Ou me engano muito, ou ainda descubro quem é esta Bibinha. A Bibinha deve chamar-se Isabel, ou então Bárbara e neste caso não há muitas. Finalmente Sua Excelência digna-se a vir ter comigo. Fato escuro, camisa azul-forte, gravata com bicharada. O género de roupa que estes “Tios” acham fantástica.

— Bom dia, como está? Desculpe tê-la feito esperar. Quer um café, alguma coisa...

— Só um copo de água, obrigada.

Liga o interfone.

— Ó Carlota, traga um copo de água para a senhora — o tom de voz é afectado e embirante. Não estou a gostar da cara dele. É moreno, baixote, magro e tem um ar um bocado sebo. Tresanda a perfume. Tem um Rolex escandalosamente espampanante no pulso fininho e peludo e usa botões de punho. Que figura! E acha-se nitidamente o máximo. É preciso ter muita pachorra para aturar estes imbecis.

Volto para a revista depois de ter recusado um convite para almoçar. Das duas uma: ou era só charme para ver se eu recusava e nesse caso teve sorte, ou então queria conversa. Não é a primeira nem a última vez que isto me acontece. As pessoas não percebem que a minha simpatia é só para as pôr a falar, que me estou nas tintas e só quero fazer o meu trabalho. Basta um sorriso mais afável e acham que é tudo deles. Decididamente, não tenho paciência para caramelos. Lá me contou umas histórias rocambolescas de como teve sucesso neste e naquele negócio. Mal sabe ele que lhe conheço a crónica toda. A exportar mão de obra nacional para a Alemanha ao preço da chuva também eu já tinha uma casa na Quinta da Mariinha. Ou duas. Para não falar de uns negociozinhos algo duvidosos em Macau, ligados ao jogo e outras actividades lúdicas que não metem dados. Quando comecei a fazer entrevistas, pensei, ingénua, que ia fazer revelações, relatar factos interessantes, mostrar coisas que o comum dos mortais não vê. Agora já percebi. Pagam-me para escrever o que as pessoas querem ler. Na melhor das hipóteses, porque na maior parte dos casos pagam-me para estar calada. E eu entro no jogo. Mas apesar de tudo, gosto do meu trabalho. Pelo menos escrevo e, quando já não tenho nada para dizer, divago. É absolutamente extraordinário como os meus entrevistados gostam das partes que invento. Quando me telefonam a agradecer referem sempre este ou aquele parágrafo que tanto gostaram e que é exacta-

mente o tal em que pus a minha imaginação a correr ao sabor da pena para chegar ao número de linhas que precisava. Se eles percebem ou não é-me indiferente. Ficamos todos contentes e o que é preciso é que as pessoas gostem de se ver e de se ler, diz o Paulo, o meu director. Meteu-se nos negócios das revistas desde miúdo e com a revista descobriu a fórmula ideal para vender em Portugal: falar de pessoas que conhece, com nomes de boas famílias ou fortunas razoáveis, contando todas as banalidades possíveis sem nunca entrar em assuntos difíceis, polémicos ou pouco agradáveis. O que faz de mim mais uma esteticista de figuras públicas do que uma jornalista, porque passo a vida a lavar a reputação e a embonocar criaturas que seriam muito feias aos olhos do mundo se sobre elas fosse revelada a verdade nua e crua.

Já é tarde quando acabo de escrever o texto sobre o Luís Lopes de Sousa. Apetece-me dar-lhe um título a gozar com a cara dele, mas era chato e o Paulo não ia gostar. Assim do género, “Nos antípodas da vulgaridade”, ou então, “Com jeito para o negócio”. Havia de ser bonito. Resisto estoicamente e chamo-lhe: “Uma história para contar”. Não diz absolutamente nada, mas também não ofende.

Chego a casa quase às nove. Podia ter ido jantar fora com o Francisco que me apanhou mesmo à saída da revista, mas não me apeteceu. A Luísa resolveu dar-lhe o meu telefone sem me consultar e já vai ouvir das boas. Disse-lhe que tinha de trabalhar à noite, precisava de acabar um texto. Nada menos verdade. Só me apetece jantar, vegetar em frente à televisão e dormir. A casa ficou maior e o ar mais leve, principalmente desde que o Ricardo se foi embora. Só que agora a solidão tem outro sabor, às vezes delicioso, outras bem amargo...

Já estou mentalizada para devorar placidamente um Bacalhau à Braz congelado, alegremente acompanhado de uma Coca-Cola e rematado com um pudim *flan* de plástico,

quando toca o telefone. É o meu primo Zé Miguel a convidar-me para jantar. Estou estoirada, mas aceito com gosto. Há poucas pessoas de quem eu goste tanto da companhia como da do meu primo. E se fôssemos ao Casanosta, sugere. A mim, apetecia-me mais o Japonês. É que estive o dia todo agarrada ao computador e estou com os olhos em bico. O Zé Miguel ri-se, não porque eu tenha tido piada, mas porque acha graça às minhas parvoíces. Então vamos lá. O primeiro a chegar, senta-se.

Arrumo o carro com bastante dificuldade e muita imaginação e chego ao restaurante antes do Zé Miguel. Escolho uma das mesas recolhidas numa salinha semiprivada, separada por umas cortinas. O Zé Miguel chega pouco tempo depois, despenhado e com a gravata à banda como sempre. Tem um ar invariavelmente desarrumado que lhe dá imenso charme. Usa o mesmo perfume há anos, *Monsieur de Givenchy*, que lhe fica a matar. É uma brasa, este meu primo que é quase meu irmão. Daqui a um mês regressa a Seattle, onde é administrador da Boeing para o mercado europeu. Quando vem a Portugal sente-se um pioneiro do *Espaço 1999* que foi parar, por acaso, a um filme da Beatriz Costa. Acha tudo pitoresco, acolhedor, divertido. É um turista involuntário e um *yuppie* em estado puro com todas as qualidades e todos os defeitos que isso implica. O que ele ganha por mês dava-me para trocar o meu Golf CL 1.4 por um Cabriolet, mas ao olhar para ele ninguém diz. Tem um ar discreto e mesmo os fatos da Boss que veste escondem bem o quanto custaram.

— Que gira que está a minha prima — comenta com simpatia enquanto me dá um beijinho na cara.

O Zé Miguel é ótimo para me afagar o ego. Para ele estou sempre gira, mesmo com rolos na cabeça ou uma máscara de pepino nos olhos. É um charmoso compulsivo, não resiste a ser encantador com qualquer mulher. Até com a própria mãe.

Foi assim que vi muitas amigas minhas caírem na esparrela. A Luísa. E a Mariana também. Com a Luísa não foi grave. Comearam-se ferozmente um ao outro e quando estavam de barriga cheia foi cada um para seu lado. Com a Mariana é que foi pior. Ela apaixonou-se e perdeu completamente a cabeça. Passou um Inverno inteiro a telefonar para Seattle e quando o Zé Miguel veio nas férias da Páscoa e lhe disse simpaticamente que estava tudo acabado, entrou em depressão. Lá fui eu de piquete limpar lágrimas e encher-lhe o frigorífico de mimos para a rapariga não morrer à fome. Ainda fiquei lá a dormir três noites, com medo de a deixar sozinha. Ficou completamente desfeita. Depois passou, mas ainda hoje fica cabisbaixa quando se fala no Zé Miguel. E secretamente não perdoa à Luísa ela ter tido um romance com ele. Para a Luísa foi só mais uma aventura que lhe deixou óptimas recordações, porque o Zé Miguel possui o raro dom de ficar amigo das mulheres com quem dorme e se há coisa que a Luísa aprecia é um bom amigo.

Pedimos a ementa do costume, *sushi* e *sashimi* e *saké* para acompanhar. Raramente bebo, mas hoje está-me a apetercer. Quero-me esquecer que amanhã faço anos e o Ricardo não está cá para os passar comigo. O Zé Miguel vai falando das suas novas namoradas, as quais colecciona como quem colecciona borboletas. Esta semana já saiu com três diferentes. Se fosse outro tipo qualquer, esta conversa punha-me fora de mim. Mas como é o Zé Miguel, eu desculpo tudo. A certa altura, pergunta-me se tenho tido notícias do Ricardo. Nada, respondo lacónica. O Zé Miguel faz-me uma festa no cabelo. O meu olhar deve-se ter ensombrado e nem o *saké* me levantou a moral. Tento dar a volta ao assunto para não me sentir pior.

— Sabes, ele quis-se ir embora e foi, não o censuro. Depois de a paixão arrefecer, parece que não havia entre nós entendimento possível. Estávamos sempre a discutir, sempre chateados um com o outro. E depois, nunca fez um esforço para

se dar com os meus amigos, passava a vida a criticar tudo e todos. O pior é que depois dele, nunca mais fui capaz de olhar para a cara de nenhum homem. Fiquei com alergia ao género masculino.

O Zé Miguel olha-me, pesaroso, como se eu lhe estivesse a dizer que estou com *pitiríase versicolor*.

— Coitadinha da minha priminha — diz com o ar mais compreensivo do mundo.

— Vá lá, vá lá, não me puxes para a neura, que amanhã faço anos e não quero ter um dia negro.

E voltamos ao tema predilecto do Zé Miguel, as namoradas.

Volto cedo para casa. O Zé Miguel não resistiu a ir visitar uma amiguinha depois do jantar e eu achei óptimo porque assim ponho o sono em dia. A saída de ontem à noite cansou-me um bocado. E o Francisco, será que vai voltar a ligar? Espero que não. Quero paz e sossego, chocolates e amigos. Estou bem assim, ou pelo menos o melhor possível dadas as circunstâncias. E no entanto, há qualquer coisa nele que me atrai. Deve ser a atracção fatal que as mulheres têm pelos filhos da puta. Toca a todas. A diferença é que umas caem mais facilmente do que outras. Tenho de ter cuidado. Depois da história do Ricardo não me posso deixar levar por um idiota qualquer. Muito menos do género sonso como o Francisco. Ao menos o meu *edredon* é um consolo. Todo branco de bordado inglês, esticado a preceito, que a Virgínia sabe o que faz, ali à minha espera, fiel e silencioso. Inicio o ritual sagrado dos cremes: limpar a pele, tonificar, hidratar. Os três actos nocturnos que há anos repito religiosamente. De repente vejo a imagem do Ricardo no espelho atrás de mim. Agarra-ma pela cintura e sussurra *a mi cariño le gustan los cremes*. Falávamos sempre em castelhano, o que para um basco representava um esforço notável, quase tão grande como um anglicano converter-se

ao catolicismo. Saio da casa de banho depressa para adiar a memória. Pronto, agora vou dormir e não se pensa mais nisso. Sonho que discuto com o Ricardo num prado verde a perder de vista, com o Zé Miguel a correr lá ao fundo, vestido de apicultor, perseguido por uma praga de borboletas gigantescas de todas as cores que zumbem e se transformam em zângãos ameaçadores...

### III

Não disse a ninguém na revista que fazia anos, mas aquele maldito ramo de flores e meia dúzia de telefonemas denunciaram-me. Agora é beijinhos e parabéns para a esquerda e para a direita. De manhã ligou logo a minha mãe e a minha tia, mãe do Zé Miguel. Depois, a Luísa, que é a organização em pessoa. As flores não vieram do País Basco. Foi o palerma do Francisco com um bilhete, armado em carapau de corrida. Gostava de saber como é que sabia que era o dia dos meus anos. Deve ter sido a Luísa que lhe disse. O Paulo vem dar-me os parabéns e pede-me para rever o primeiro caderno. Como sou péssima a descobrir gralhas, levanto-me e leio cada palavra em voz alta, soletrando cuidadosamente sílaba a sílaba, à caça dos erros. Fecho-me na sala de reuniões para estar mais sossegada, mas a Odete insiste em passar-me chamadas. A Odete é a verdadeira telefonista. Anda sempre impecavelmente penteada porque vai duas vezes por semana ao cabeleireiro da tia, lá no Feijó, onde vive com os pais. Unhas que variam entre o

cor-de-rosa, o encarnado e o cor-de-laranja, conforme a estação do ano. Indumentárias de uma imaginação e criatividade extraordinárias: combinações de azuis e verdes, de encarnados e amarelos. Muitas pulseiras e anéis, pechisbeque e ouro habilmente misturados, de tal forma que alguém menos atento se arriscaria a imaginá-la descendente de uma família de ourives. E pensar que todos os dias vem de transportes públicos: primeiro a camioneta até ao barco, depois o cacilheiro e finalmente o autocarro até ao escritório. É boa pequena. Trabalha com o Paulo desde que ele começou a fazer revistas, faz parte da mobília. Já conhece tão bem o *jet-set* que fala de toda a gente como se tivesse andado com eles na escola. Outro dia veio cá uma tia, daquelas que toda a gente conhece, ver as fotografias da entrevista e a Odete fez-lhe um grande sorriso e só não lhe deu um beijinho porque a tia se apercebeu do perigo e desviou-se a tempo.

O pior é que acordei exausta e com um vazio do tamanho do mundo depois de ter passado a noite a discutir em sonhos com o basco. Durante o dia faço um esforço permanente e vagamente bem sucedido para não pensar no assunto e à noite o subconsciente vingá-se. Bem diz o Miguel Esteves Cardoso que os sonhos são o xixi do cérebro. Ou talvez o sono seja uma segunda vida. Senão, porque passa o ser humano um terço da sua vida a dormir? Se fosse só para descansar, provavelmente precisávamos de menos horas. Deve ser por isso que as pessoas de idade dormem menos. Já não precisam de viver mais. Às vezes penso que vou ficar velhinha, sem netas divertidas a quem possa contar as minhas aventuras. E lembro-me imediatamente da avó Helena, do seu sorriso jovial e da sua voz de menina de dezoito anos, mesmo aos oitenta e um...

Passa pouco do meio-dia quando me liga o António, o meu amigo mais antigo, como eu gosto de lhe chamar. Há muito que já passou dos sessenta, mas a idade não lhe entrou

na alma. Continua a namoriscar todas as meninas bonitas que conhece, às vezes com bastante sucesso. O facto de ser um pintor com nome no mercado ajuda-o nas conquistas, facto que ele finge não perceber. Nunca se esquece do meu dia de anos. Como não falamos há meses, pergunta pelo basco. Explico-lhe em três parágrafos que o Ricardo já não está em Portugal e porquê. O António consola-me.

— Deixe lá, pode sempre namorar comigo.

Nem me importava, só que não consigo sentir a menor atracção por homens mais velhos. Apenas uma platónica e doce amizade onde a abstinência sexual é regra inquebrável. Logo a seguir liga-me a Catarina a combinar um almoço com a pandilha. Espera-me outra sessão de crónica feminina ilustrada em forma de terapia de grupo, mas afinal é o dia dos meus anos, devo, pelo menos, tentar divertir-me.

Antes de entrar no carro reparo num papelinho enrolado no limpa pára-brisas direito. “Bom dia, brasa. Volto ao fim da tarde para irmos beber um copo, está bem?” Assinado “F”. Estou tramada. Entrou uma melga na minha vida. Vou ter de convocar uma daquelas empresas desparasitárias que vêm nas páginas amarelas. Será que o rapaz não trabalha? Só hoje já arranjou tempo para ir à florista e para vir a Campo de Ourique. De repente sinto-me espiada, seguida por binóculos de uma janela qualquer. Entro rapidamente no carro e arranco o mais depressa que posso.

Vamos almoçar às docas. A Teresa e a Mariana já chegaram. A Catarina, que apanhei à porta de casa, vem de orelha murcha mas disfarçou no caminho. Pôs-se a falar dos miúdos com tal efusão que percebi que deve ter havido chatice com o Bernardo. Sentamo-nos numa mesa na esplanada, o que me diverte, porque me distraio a ver o gado a passar. Homens com ar de empresários de fato escuro e camisa azul-forte, que este ano está na berra, com as gravatas mais estapafúrdias que se

possa imaginar. O mau gosto não tem limites. De facto, os portugueses não se podem considerar altos. É tudo rasteirinho. As gralhas já começaram a falar, mas estou a leste, não me apetece participar na dialéctica. A Luísa dá-me um lenço da Hermès que custou o triplo do que eu alguma vez pensaria dar por ele. A Teresa optou por um livro do Gabriel García Márquez e a Mariana deu-me um diário de cabedal absolutamente delicioso, cheio de folhas brancas. Precisas de fazer companhia a ti mesma, diz-me baixinho. Soube ler-me a alma e só por isso já me salvou o dia. Mas o panorama complica-se quando me apercebo de que estão a combinar um jantar em casa da Catarina, eu que tinha prometido jantar com a família. Explico-lhes que é impossível e acabo por aceder em aparecer depois do ingrato repasto familiar. A verdade é que não me apetece ir a casa da minha mãe. Detesto a maneira devastadora e certaíra como desvenda o que me vai na alma. Quando fores mãe vais perceber, filha, que nós sabemos sempre o que se passa com os nossos filhos, costuma responder-me quando a acuso de excesso de acuidade psicológica. Já me estou a ver sentada à mesa a falar de tudo e de nada para não ser interrompida até chegar o momento da verdade em que a neura, o basco e assuntos a estes subjacentes irão cair na sopa ou, com um bocado de sorte, na *mousse* de chocolate.

O vinho do almoço subiu-me um bocadinho à cabeça, até porque a salada era mais de alface do que de frango e o açúcar da torta de laranja que se seguiu para compensar a ausência calórica do repasto não chegou para neutralizar a alcoolémia. Está um dia bonito, cheio de sol, por isso vou a guiar de janela aberta até à revista. Se calhar peço ao Paulo para me baldar à tarde e vou fazer umas compras às Amoreiras. Há anos que mantenho este ritual de dar a mim própria um presente no dia 13 de Maio. Quando era miúda e rezava à noite,

pedia sempre ao Menino Jesus um presente-surpresa. Foram anos e anos a fio de pedidos em vão, pois pedir desejos no dia de Nossa Senhora de Fátima é como querer ir à Caparica dar um mergulho no primeiro domingo de Agosto. O expediente celeste estava sempre sobrecarregado, em permanente hora de ponta. Porém, faz agora dois anos, alguém lá em cima deve ter encontrado algum dos meus requerimentos, já amarelecido pelos anos e gasto pelas correntes de ar, a cheirar a mofo das nuvens e do jacto dos aviões, e lá me caiu um presente exactamente do céu, quando no dia 13 de Maio fui ao aeroporto buscar o Jorge Amado para o entrevistar. O avião fizera escala em Pamplona e o Ricardo ficara sentado ao lado do grande escritor. Como vinha para Portugal fazer o mestrado em Literatura Portuguesa, Brasileira e Espanhola, rapidamente encontraram temas de conversa. Ainda me lembro de os ver chegar, o Jorge Amado a andar devagarinho, enquanto falava entusiasticamente sobre o seu último romance, e o Ricardo ao lado dele, a empurrar-lhe o carrinho das bagagens. Apesar não ir para o mesmo hotel, fez questão de nos acompanhar. No entanto, manteve-se calado durante quase todo o trajecto, enquanto o Jorge Amado me descrevia a viagem e me falava de como tinha sido interessante a conversa com “esse jovem basco” que lhe tinha salvado as últimas duas horas do voo. Apercebi-me que se tinha estabelecido entre eles uma enorme empatia e entendimento, o que não deixava de ser curioso, porque pelo retrovisor o que eu via era uma cara fechada, séria, de olhar distante e altivo, que de vez em quando esboçava um sorriso tímido e circunstancial.

O Jorge Amado faz parte daquelas pessoas cuja sabedoria e serenidade já tornaram imortal a sua existência. Apesar da avançada idade, o *jet lag* parecia ter-lhe passado ao lado. Falou pelos cotovelos de Portugal, que conhece como a palma da mão, porque é grande amigo do António. O facto de eu lhe ter

sido recomendada pelo António deu-lhe confiança e em poucos minutos a proximidade estava criada. Quando chegámos ao hotel, combinámos encontrar-nos por volta das três e visitar o António no *atelier*. Une-os uma amizade com cinquenta anos durante os quais viajaram e trabalharam juntos. Além disso, são dois Don Juans do tipo compulsivo e o facto de já terem trocado várias namoradas nas últimas décadas deu-lhes uma cumplicidade única, pessoal e intransmissível.

O Ricardo aceitou que o deixasse à porta de um hotel modesto e simpático na Baixa, depois de eu ter insistido em dar-lhe boleia. Manteve-se silencioso durante quase todo o percurso, alheio à cidade e às pessoas, ligado à terra apenas por uma cordial e cerimoniosa conversa de circunstância habilmente conduzida para falar um pouco de tudo sem revelar absolutamente nada de si mesmo.

Passaram-se duas semanas até o voltar a ver. Quando nos despedimos, dei-lhe um cartão e já pensava que se tinha perdido na Biblioteca Nacional a trabalhar na tese quando nos encontramos na Kapital, numa daquelas clássicas saídas com a Luísa que só serviam para ela engatar um puto qualquer e eu me distrair a beber Coca-Cola e a morder o ambiente. Lá estava ele, com uma garrafa de cerveja na mão, blusão de camurça e calças de ganga, o cabelo curto e aqueles enormes olhos verdes, distantes e alheados de tudo.

Aquela noite mudou a minha vida. Ficámos a conversar até às dez da manhã, tomámos o pequeno almoço juntos, voltámos a encontrar-nos à tarde, depois de algumas horas de sono exausto e sobressaltado e os dias que se seguiram foram só para estarmos juntos e nos conhecermos. Menos de duas semanas depois, o Ricardo veio viver para minha casa, com a naturalidade que só os casais abençoados conhecem. Ambos sentíamos que estávamos destinados a ficar um com o outro, como se algum ser divino nos tivesse juntado e protegido do

resto do mundo. Tudo nos era tão doce e fácil nessa época... Trocámos de vidas, de corpos, de cabeça e de alma, passámos a ser uma só pessoa e foi exactamente isso que mais tarde nos separou. A separação foi-me tão dura que a memória apagou os últimos dias que estivemos juntos. Quando me lembro do Ricardo, lembro-me sempre dos primeiros tempos, que foram os melhores. O fim está enterrado no meu subconsciente e não quero desenterrá-lo, nem tão pouco tentar perceber porque é que perdi o único homem que amei. Às vezes ainda me assalta aquela sensação completamente estúpida e gratuita que tudo teria sido diferente se no último minuto, como quem tem o futuro na mão, lhe tivesse pedido para ficar, conseguindo assim um acrobático e milagroso *volte-face* de *happy end* americano. Mas não. Na noite em que ele partiu, dentro dele já tinha partido há muito tempo, já não estava comigo.

Chego à revista completamente absorvida pelo tema. Vim a guiar com o piloto automático ligado e o lugar à porta não me obrigou a descer à terra para me preocupar com as tarefas diárias do comum mortal: acordar a horas, escolher a indumentária, estacionar o carro, ter de comer, pagar contas, trabalhar, falar ao telefone, despejar o lixo e dormir. A verdade é que odeio a monotonia da vida em que estes actos quase abjectos e sem sentido sem repetem sem descanso, e, pior ainda, que a sua repetição represente o nosso equilíbrio, triste paradigma da nossa vida organizada, espartilhada em horários, obrigações e deveres, almoços e jantares, dias e noites que se comem uns aos outros sem darmos pelo tempo que vai passando, passando, até ao dia em que se faz trinta anos, e depois quarenta e depois cinquenta.

O estado de nervosismo do Paulo quando chego faz-me imediatamente mudar de ideias. A gráfica não entregou os *ozalides* dos dois últimos cadernos e a revista vai sair atrasada. Num ataque de zelo sugiro-lhe irmos os dois à gráfica aper-

tar-lhes os calos, mas o Paulo diz que está farto de lhes telefonar e que não é isso que vai resolver o problema. Quando sai da sala, ligo para a revisora da gráfica que é minha companheira de luta desde que a revista começou. Já nos safámos muitas vezes uma à outra, pode ser que ela me saiba dizer o que se passa. Chama-se Elisa, vive sozinha com seis gatos numas águas furtadas em Alcântara. Dei-lhe boleia uma vez, numa noite de fecho da revista. Nem quis acreditar quando subi para lhe cravar cigarros e me vi rodeada de felinos, cada um com o ar mais pindérico e desgraçado que o outro. Uma versão lusitana e periférica dos Aristogatos. Também havia uma Duquesa, que em vez de ser branca era desbotada, um gato castanho, O' Maley, uma Maria, um Toulouse e um Berlioz. O sexto gato, um raquítico cinzento, cego de um olho e sem bigodes chamava-se Roquefort. Não quis perguntar à Elisa porque é que tinha tantos gatos nem tão-pouco porque é que sendo tão vulgares todos tinham nomes de película. Seria mais normal chamarem-se bichanos, o que dá direito a várias diminutivos como ano, aninha, bichinho, etc. Mas não. A Elisa, que era a mais vulgar e simples das criaturas, num toque de ousadia e originalidade, resolveu baptizar a sua família evocando a aristocracia disneyniana.

A Elisa não sabe o que se passa, mas revela-me em tom de secretismo que as contas do Paulo com a gráfica andam um bocado esquecidas, e que o senhor Américo, que é o sócio-gerente resolveu pregar um susto “àquele rapaz armado em carapau de corrida que ainda agora largou os cueiros e já está convencido que é um grande empresário das publicações em Portugal”. A Elisa não imita a voz do senhor Américo com muito rigor, mas a reconstituição da cena é tão engraçada que não posso deixar de me rir. Porque é que em Portugal toda a gente é assim, sempre pronta a contar com a boa vontade alheia? Se não dependesse do Paulo para pagar as contas, orga-

nizava já uma jornada de luta com o senhor Américo, avante camarada, avante, a terra a quem a trabalha, o povo unido jamais será vencido. Está cada vez mais na moda as pessoas não serem de boas contas em Portugal.

Às cinco da tarde o Paulo dispensa-me com um sorriso amarelo depois de termos terminado a reunião de edição do próximo número. Diz-me que não gostou muito da entrevista ao Luís Lopes de Sousa.

— Você faz melhor do que isso.

— Não gostei dele — resmungo entre dentes.

— Mas devia gostar, sabe? Devia gostar de todas as pessoas que entrevista.

Nem me dou ao trabalho de lhe responder que o que eu gostava era de trabalhar num semanário de grande tiragem, o *Expresso*, por exemplo, e fazer reportagens a sério, a investigar casos de corrupção, tramóias de clubes desportivos e abusos do sis. Mas para isso tinha de ser mais politizada, que é uma palavra que também está muito em moda. E tinha de fazer parte do circuito jornalístico, ir ao Snob comer bifes de carne de cavalo à meia-noite, actividade impossível de realizar porque detesto carne equídea, dar-me com a pandilha do *Público* e da *SIC*, enfim, ser do meio. Em vez disso, passo as noites e os fins-de-semana com os amigos do costume ou com a família. Devia ser mais mundana, mas com o tempo desinteressei-me da vida cosmopolita desta cidade provinciana onde todos se cruzam, se conhecem e se maldizem na via sacra das noites sempre iguais, cinzentas e desenxabidas, divididas entre os cochichos do Bairro Alto e os bares da docas. Há muito que me cansei de ser portuguesa e de cá viver. Queria mais e melhor. Um lugar onde sentisse a vida a pulsar e acontecessem coisas interessantes e diferentes em vez deste marasmo nacional podre e acomodado, onde todos se instalam em esquemas de favores e cunhas, jogos de cama e *lobbies* mais ou menos ranhosos, mas

nem por isso menos eficazes. A sociedade vive fechada dentro de si mesma, como se todos tivessem um umbigo gigante e palas como os burros para olharem sempre e só numa mesma direcção. Mais ou menos de dez em dez anos renovam-se algumas caras, mas nada se altera, a mentalidade não muda nunca, e o mais engraçado é que toda a gente se acha muito moderna e evoluída.

Chego às Amoreiras depois de quase me ter pegado à pancada com um taxista que se atravessou à minha frente na subida da Joaquim António de Aguiar. Quando tenho estes conflitos quotidianos, imagino sempre que me transformo num desenho animado, tipo Génio do Aladino, gigantesco feroz e aterrador e que esborracho com a ponta dos dedos os meus inimigos do asfalto, qual guerrilheira urbana. Esqueço o incidente assim que mergulho no ópio do final do século que são os centros comerciais. Ponho-me a deambular à procura de um vestido engraçado ou de um casaco azul-escuro, mas sem êxito. Ao fim de sete lojas já esgotei o meu espírito consumista. Ainda dou um salto à livraria, numa tentativa funesta de me deixar conquistar por um livro, mas saio derrotada da grande meca lisboeta, não sem me ter deixado tentar por uma solitária e deliciosa sessão de cinema. Infelizmente acabava depois das nove e chegava a casa da minha mãe demasiado tarde.

## IV

**T**lim-Tlong. Sabe sempre bem ouvir esta campainha que tem pelo menos a minha idade. Depois, passar a porta e sentir o cheiro característico, inconfundível e inesquecível da nossa primeira casa. Como sempre, há flores por toda a parte, e como sempre, não em demasia. A minha mãe continua a fazer os arranjos mais bonitos que alguma vez vi. Ultimamente dedicou-se às flores secas, sobretudo depois da morte da avó Helena, como se a sua alma já estivesse cansada de tanta frescura efêmera. Envelheceu um bom bocado nestes últimos anos, mas por dentro continua a mesma mulher empreendedora, metódica, alegre e profundamente enérgica. O meu sobrinho João Pedro inventou-lhe a alcunha perfeita: Galinha-Grande-Sempre-A-Andar. Ao avô chamou-o Faraó-Sentado e a mim Borboleta-Distraída. Não há dúvida que as crianças com cinco anos já têm muito que se lhe diga.

Chegaram todos antes de mim. O meu irmão Zé Pedro e a Isabel, a minha irmã Joana e o meu cunhado Henrique.

A sobrinhada em bando assalta-me, pendura-se nos braços e no pescoço, dá-me os parabéns atabalhoadamente e desaparece tão depressa como apareceu, regressando em alegre e desconcertante chilreio ao quarto dos brinquedos onde continuam a brincar aos imperadores. Uma brincadeira inventada pela minha sobrinha mais velha, que dizia com ar inchado que os pais eram os imperadores do prédio. Foi assim que se inventou uma nova designação para a função de administrador de condomínio que se transformou numa piada na família.

Estes jantares de família deixam-me sempre um bocadinho em baixo. Gosto de estar com eles e de brincar com os miúdos, mas ver as famílias dentro da minha família, já tão sólidas e bem sucedidas, faz-me pensar que só falto eu para seguir o exemplar caminho dos meus irmãos: um bom casamento, vida próspera e organizada, rebentos a assegurar a descendência. Nunca quis tal futuro, desde muito cedo me demarqueei dos modelos perfeitos e maçadores com que os meus pais sempre viveram. Queria ter outra vida, viajar, sair à noite, acumular o máximo do prazer com o mínimo de responsabilidade. Vivi assim nos últimos dez anos, sem grandes desgostos nem preocupações, com relações mais ou menos estáveis, que sempre controlei com alguma facilidade.

Os anos foram passando e agora, de repente, parece que me caíram em cima. Olho para os meus irmãos e dou comigo a cobiçar-lhes os filhos, as casas, a vida rotineira e segura, a paz familiar. Tenho trinta anos e não construí nada, a não ser uma vaga carreira de jornalista, provavelmente sem sentido e seguramente com pouco futuro. Não tenho nada, comparado com eles.

— A mana hoje está chocha — comenta o Zé Pedro.

— Comi alho ao almoço — respondo lacónica. Uma das coisas que mais me diverte quando estou com eles é a arte de desconversar. Com os anos tornou-se a forma de comunicação

mais eficaz entre nós. É ao mesmo tempo um desafio e uma terapia. Passamos horas nisto e quando a desconversa acaba estamos todos muito mais bem-dispostos e descontraídos. A meio do bacalhau espiritual regado a bom tinto alentejano lá vem a pergunta fatal:

— E então, filha, nunca mais tiveste notícias do Ricardo?

Pergunto com secura se quer que apresente um relatório por escrito. Devo tê-lo feito num tom terrivelmente antipático porque de repente o ambiente gelou. Não me perdoam não ser como eles. Preferiam ver-me casada com um idiota qualquer do que solteira, à solta, dona da minha vida e senhora do meu nariz. A verdade é que a maior parte das pessoas sobrevive mal sozinha. Arranjam sempre um apoio, uma bengala, uma máquina à qual se ligam para garantirem a sua subsistência física, económica e afectiva. E no entanto, tantas e tantas destas pessoas acabam por ter uma existência profundamente miserável, só porque não sabem, não querem ou simplesmente não conseguem dar o salto... Antes de me separar do Ricardo, já a nossa existência era um penoso e silencioso martírio, estéril e moribundo. Por ironia, foi ele que saiu, foi ele que deu o salto, deixando-me a alma carregada de tristeza e de impotência por não ter sido eu a primeira a dar o pontapé de saída de uma relação sem saída nenhuma. As bengalas sempre são um apoio e as melhores que temos são aquelas que exclusivamente elegemos para tal. As piores são estas em que transformamos as pessoas que já amámos e que não sabemos como mandar embora. O vazio é como a idade. Vai sempre aumentando e ficando mais pesado, mais difícil de ignorar. E é o hábito, primeiro inimigo do amor vivo, que nos faz cair na armadilha enganadora e traiçoeira de deixar passar o tempo, esquecer as discussões, atirar para trás das costas o que não conseguimos encarar de frente, admitir factos e palavras que ferem a nossa dignidade e nos fazem ser menos gente.

Entretanto, já chegámos à sobremesa. Devo ter dito qualquer coisa simpática porque o ambiente desanuviou e a sobrinhada já domina a conversa subordinada ao tema quem-vai-ser-o-quê na festa do colégio. Entre flores, passarinhos e borboletas distribui-se a fauna infantil numa peça cujo tema é obviamente ecológico. A pouco e pouco vou-me descontraindo. No fundo, prezo muito esta família unida e perfeita. Dá-me tudo o que não tenho: paz, estabilidade e segurança.

O jantar até decorreu com a devida normalidade e a boa disposição habitual para a circunstância. Fiz um esforço para me manter alegre, mais para não ter de ouvir amanhã a minha mãe ao telefone a dizer-me que me achou muito em baixo do que por qualquer outra razão. E como já estou treinada, o esforço resultou em pleno, até para mim, que saí de lá com uma boa disposição que já não sentia há meses.

Está uma noite radiosa, daquelas com alguns pingos de vento e o céu sobrelotado de estrelas. Levitei ao som do *Eine Kleine Nachtmusik* até casa da Catarina. De repente, enquanto guiava, todos os meus problemas pareciam voar pela janela e desaparecer no escuro atrás de mim. Não resisti a infringir o código e pisar alguns sinais encarnados, como se estes personificassem barreiras intransponíveis da minha existência. E assim ultrapassei a solidão, a tristeza, a dor de ter perdido o Ricardo, o medo de estar sozinha.

Cheguei a casa da Catarina tão bem disposta que o João me perguntou, quando entrei, se tinha fumado um charro. Sentia-me em verdadeiro estado de graça. Não, mas já agora até era bem-vindo. Tem calma, diz a Mariana, ainda não jantámos. Passo rapidamente para a cozinha onde a Catarina, a Luísa e a Teresa se embrulham numa dança algo confusa e surrealista do fogão para o frigorífico e deste para o microondas. A Lurdes, que é o apêndice serviçal da casa, foi ao cinema com o namorado. Coitada, até trata bem dos miúdos, mas é como

eu, tem horror à cozinha e, quando lhe cheira a convidados, inventa logo uma desculpa para se pôr a andar.

Ganhei alergia a cozinhas desde miúda por causa duma cozinheira muito gorda chamada Almerinda que havia em casa da minha avó e se entretinha na noite de Natal a contar-me como é que se assavam as criancinhas no forno lá na terra dela quando não faziam os trabalhos da escola. A Catarina não é má dona de casa, mas também não é nenhum génio de Pântagruel. A Teresa, graças à sua actividade essencialmente desocupacional, faz alguns petiscos dignos de nota e a Mariana também é boa em massas e arroz. Mas no que toca a petiscos, não há como a Luísa e o João para a realização de festivais gastronómicos inesquecíveis. Ela, porque cresceu entre refogados, *polmes*, *bavaroises* e caldos. Ele, porque como todos os grandes engatatões que conheço, aperfeiçoou as artes culinárias durante os anos em que viveu sozinho, levando assim para a cama, metódica e fatalmente, as mulheres mais difíceis que caíam na asneira de jantarem em casa dele. Só o João sabe como tornar um pargo no forno num prato afrodisíaco. Diz que o segredo está no tempero e no vinho. Já me passou pela cabeça que recorria a artimanhas de alquimista, deitando pós mágicos nos aperitivos enquanto as incautas raparigas iam à casa de banho retocar o rímel, mas só de ver aquela cara divertida, o bigode estimado e possante e os olhos de raposa matreira, desfiz logo a dúvida. O João é mais do tipo Exterminador Implacável, daqueles que sabe que não falha. Se não caem à primeira, hão-de cair à segunda, ou à terceira, com mais ou menos um copo de vinho branco. É como na história do Capuchinho Vermelho, *o tiro foi bem na testa, não comerá mais criancinhas nos caminhos da floresta*.

Observo-os discretamente à volta do fogão. A Luísa, chiússima como sempre, com uma saia comprida e umas botas que me fazem uma certa inveja, os seus Armani na ponta do

nariz e o cabelo impecavelmente penteado. O João com o nó da gravata meio desapertado, a fralda da camisa quase a sair por fora das calças. Os dois conversam animadamente sobre ervas aromáticas cujos nomes não consigo decorar, como, cebolinho, beldroegas ou coisa parecida.

Volto para a sala onde a Mariana e a Catarina se sentaram a beber um *whisky* enquanto esperam que os génios da colher de pau terminem o petisco. A Teresa está agitada, vai da sala para a cozinha e desta para a casa de jantar com a desculpa que ainda não deve estar tudo na mesa. Pergunto pelos rebentos da Catarina que, graças a Deus, já estão a dormir e como a casa é grande não há perigo de acordarem. A Mariana está muito bonita, com o cabelo apanhado e um vestido justo que lhe fica a matar. Com esse corpinho é um crime não teres namorado, digo-lhe com profunda simpatia. Se fosse homem perdia a cabeça por esta mulher. Nunca vi combinação tão perfeita de força e doçura, inteligência e sensibilidade, talento, boa educação e bom coração. E no entanto está só, como canário esquecido na marquise. Que desperdício! A Catarina continua com a mesma cara de caso com que almoçou, mas pintou-se e pôs uma minissaia para levantar a moral. Apesar de já estar um bocadinho roliça, ainda tem um corpo razoável e se soubesse arranjar-se de uma maneira mais *sexy*, talvez o Bernardo olhasse para ela com olhos de homem e não de marido. Só então é que reparo que o Bernardo ainda não chegou, mas não me atrevo a fazer perguntas porque já percebi que o mal estar da Catarina tem a ver com isso mesmo.

Há anos que ciclicamente a Catarina sofre com o Bernardo. Em silêncio, com a dignidade própria das esposas exemplares que se querem ver respeitadas em toda e qualquer circunstância. Às vezes imagino a Catarina a entrar num quarto, deparar com o Bernardo na cama com uma gaja qualquer, e dizer “desculpe, enganei-me no quarto”. É uma mulher à antiga por-

tuguesa que continua a acreditar que uma senhora às vezes é melhor não falar, não ver ou não ouvir certas coisas.

Tive uma tia assim. Costumava passar férias no Luso com o marido. Cada ano, conheciam novas pessoas. Numa dessas estadias, um senhor de meia-idade, viúvo, encantou-se por ela. Ao constatar que todos os seus avanços caíam em saco roto, insinuou-lhe que o meu tio estaria numa casa menos recomendável, certamente entretido com companhias femininas. Perante a gélida indiferença da minha tia, o viúvo em acto desesperado escreveu uma morada e um telefone num papel. A minha tia pegou no papel e disse: “Sabe para que é que isto serve?” Acendeu um fósforo e queimou a prova do delito conjugal. Mas a história não acaba aqui. Nunca o meu tio soube de tal episódio e só depois de ter morrido é que a minha tia contou a história aos sobrinhos, como um troféu eterno do seu carácter.

O Bernardo chegou. Inspecciono mecanicamente o nó da gravata. É o ponto fraco de todos os adúlteros. Os homens lembram-se sempre de entalar bem a fronha da camisa, de puxar afincadamente as meias acima do tornozelo, de se esfregarem no duche até neutralizar o odor alheio, de abrir o vidro do carro para o cabelo secar mais depressa. Mas o nó está lá, torto, fininho, feito sem brio nem profissionalismo, absorto e pouco convicto a denunciar a escapadela. E o nó do Bernardo não se parece em nada com o nó de Windsor.

— Linda gravata — comento, sarcástica. De repente apeetece-me denunciá-lo em frente de toda a gente, perguntar-lhe porque é que tem de comer gajas por fora com uma mulher bonita, inteligente e querida que lhe dá uma vida santa e uns filhos exemplares. Contenho-me e acendo um cigarro. Se calhar é por isso mesmo. Se ela fosse feia, gorda e chata e lhe fizesse a vida num inferno, ele já não a enganava.

— Vais ter uma visita-surpresa — anuncia a Luísa, depois de pousar em cima da mesa da casa de jantar uma terrina

fumegante com uma caldeirada que realizou orgulhosamente, mano a mano, com o João.

— Deve ser o lobo mau — comento secamente.

— Não, não — responde com um ar matreiro que é quase sempre arauto de confusão —, é um carneirinho bom, tenrinho, bonitinho... — É espantoso como a Luísa reduz sistematicamente os homens a pedaços de carne. Imagino-a a gerir uma loja de pedaços de homem, só que não está no talho, de avental, mas sentada atrás de uma secretária de estilo, como as das grandes ourivesarias, a encorajar as freguesas de meia-idade sequiosas de carne fresca com um catálogo debaixo dos olhos e um babete para não suja-rem o mostruário. — Este é interessante, se gosta de bícepes bem modelados... já experimentei e é uma bela peça. — Joalheira de carne humana, devoradora implacável, Mata Hari do Bairro Alto. Por uma noite apenas, gostava de ser como ela. Sacar um puto e aqui vai disto. Mas não, tive de nascer fatalmente feminina. Só desejo aquilo que amo, não consigo aplicar o inverso.

— E pode-se saber quem é?

— Tem calma, mais tarde verás.

Quero lá saber. De repente caio em mim e acordo para a vida.

— Não me digas que é o melga do Francisco??? — pergunto sem querer ouvir a resposta.

— Exacto.

— Mas eu passei o dia todo a escapar-me desse idiota!

— Quem é o Francisco? — pergunta a Teresa.

— É um amigo do Gonçalo.

— Olha lá — diz o João com cara de gozo —, o Gonçalo é aquele puto que tu sacaste no T-Clube?

— Exacto — responde a Mata Hari.

— Então temos esquema...

— Vocês não estão bons da cabeça. Então fazem-me um jantar de anos onde eu nem sequer janto e convidam-me aquele par de jaras?

A ideia de ver entrar pela porta o atrasado mental do Gonçalo e o sonso do Francisco que mal me conhece e já não me larga dá-me vontade de ir embora imediatamente. A Mariana deita água na fervura.

— Ao menos tens quem te ligue...

Apetece-me responder-lhe que uma mulher como ela nem sequer devia fazer certo tipo de comentários, que o facto de se estar sempre a lamentar só se vira contra ela, mas calo-me. Não é este o momento.

— Só lhes disse para passarem por cá se lhes calhasse em caminho.

Em caminho, boa piada. A casa da Catarina é na Rua da Escola Politécnica. É difícil não ficar em caminho de quem quer que seja.

— Mas quem é esse Francisco?— volta o João à carga.

— Já te disse, é amigo do Gonçalo.

— Não é isso. O que estou a perguntar é quem é ele, o que é que faz, é Francisco quê?

— Francisco Cara de Cu — respondo.

— Cara de cu ou não, o rapaz acha graça à aniversariante — atalhou logo a Luísa. — E aqui para nós, a nossa viúva basca também lhe achou uma certa piada.

Rio-me para não lhe responder torto. Tinha de lhe dizer que lá porque come tudo o que lhe aparece à frente sem gosto nem critério, isso não lhe dá o direito de julgar os outros pela mesma bitola, mas esse é o género de comentários que só traz mau ambiente e além disso não surtiria qualquer efeito na Luísa. Ficava mais ofendida se lhe dissesse que a saia não combina com a camisa.

— Não é tal — respondo placidamente. — Não acho graça de espécie nenhuma ao tal Francisco, não faço sequer ideia do apelido, profissão, *pedigree* e outros assuntos que lhe sejam adjacentes. E quanto à piadinha da viúva basca, considero-me uma viúva alegre, se querem pôr as coisas nesses termos.

A Mariana intervém em meu auxílio.

— Vocês sabem o que é que me aconteceu outro dia? — E começa a contar uma intriga rocambolesca da qual foi vítima no Conservatório onde teima em ser professora de violino, e rapidamente a conversa toma outro rumo.

Já passa das onze e meia quando a campainha toca e os dois palermas assomam à porta. O Gonçalo, coitado, pede imensa desculpa à Catarina pela intromissão, mas o gelo quebra-se quando no minuto seguinte se reconhecem e recordam saudosamente as tardes de Verão no Jardim da Parada, em Cascais, ele de calções azuis escuros e ela com uns totós giríssimos que todos os miúdos adoravam puxar. A Catarina ainda hesita em reconhecê-lo, mas o nome de família do Gonçalo dissipa-lhe todas as dúvidas. E como não há coincidências, as mães dos dois ainda outro dia se encontraram numa passagem de modelos da Ayer, que por acaso saiu na revista. Observo cuidadosamente as feições do Gonçalo e reconheço de imediato os traços comuns com a mãe dele que saiu numa fotografia ao lado da Tia Constança, mãe da Catarina. Têm a mesma boca seca, o mesmo nariz adunco, os olhos claros e o cabelo louro. Não percebo como é que a Luísa pode dormir com esta criatura insignificante e depois ainda olhar para a cara dele.

— Sim, sim, — diz a Catarina já entusiasmada com a oportunidade de reviver o passado na Parada. — A minha mãe até me disse que a sua irmã Carlota está à espera de bebé e que você era o único que ainda não tinha casado...

O Bernardo segue atentamente a conversa e como não era do grupo da Parada olha para o Gonçalo com alguma descon-

fiança. Ele, igualmente menino bem mas de menos posses, passava férias na Praia Grande e sempre achara os meninos de Cascais seres insuportáveis. O Gonçalo embalou na conversa com a Catarina sobre trezentos primos e mais quatrocentos amigos, património da infância comum.

Quem não achou graça à brincadeira foi a Luísa, que por vagos momentos perdeu a sua pose de espia fatal e se encolheu no sofá do fundo, ouvindo atentamente a conversa dos dois. Coitada da Luísa. É nestas alturas que a vida se torna mais ingrata. É uma mulher interessante, tem uma carreira invejável, uma inteligência brilhante, um futuro promissor, uma casa espectacular, mas falta-lhe a bagagem da infância, de tios e avós, de casas de férias no Douro ou no Ribatejo e passeios de *charrette*. Não foi nada e criada no meio, não tem o maldito cartão de visita indispensável em certos círculos da sociedade portuguesa: o apelido sonante. E a história de ter mãe cozinheira e de ser filha ilegítima dá-lhe a volta ao estômago, por mais que ela goze com o facto.

O Francisco entrou com o sorriso enigmático que parece nunca tirar da cara. Dá-me um beijo ausente e apressado e põe-se a observar os quadros com excessiva atenção para não se mostrar desocupado, e em seguida não se poupa em gabar o aspecto divino do leite-creme que a Teresa, esmerada, fez para o jantar. Deve estar furioso por não ter respondido aos telefonemas e me ter escapado ao fim da tarde de um encontro imediato de terceiro grau, por isso circula entre a sala e a casa de jantar como se eu não estivesse lá. Ao ver a Luísa enfiada num canto, resolve sentar-se ao lado dela e conversar em voz baixa e tom suspeito, de modo a que ninguém oiça o que lhe está a dizer. Deve ter alguma graça porque a Luísa já recuperou a cara alegre e os dois soltam gargalhadas abafadas e cúmplices. A certa altura o Francisco pousa-lhe a mão no ombro para lhe segredar ao ouvido uma idiotice qualquer e sem saber porquê

sinto-me incomodada com aquilo. Devo estar parva! Então o gajo está-se a meter com a minha amiga, que por acaso até tem um caso presentemente com o amigo dele (ou se calhar por isso mesmo), e isso chateia-me?

Olho em volta e reparo que todos se estão a divertir menos eu. Até a Mariana participa alegremente na conversa do Gonçalo e da Catarina que continuam a reviver o passado na Parada. O João e o Bernardo discutem futebol com a convicção que só os homens conseguem ter acerca de tal assunto. Os outros dois continuam a cochichar no sofá do fundo. E se me fosse embora agora? Ninguém dava pela minha saída, seria perfeito. Começo a duvidar que se juntaram propositadamente para os meus anos. Para a Luísa, tratou-se apenas de um pretexto para voltar a ver o Gonçalo. Como este não lhe ligou, parece ter já encontrado uma solução alternativa. Para a Catarina, a noite revelou-se surpreendente. Voltar a ver um amigo de infância sabe sempre bem, e esta foi a noite perfeita para o encontro, pois pelo que percebi o Bernardo deve andar a fazer das suas e ela está-se a vingar. Só eu não retiro nada de produtivo da noite. Faço trinta anos, e depois? Nada na minha vida mudou. Continuo na mesma casa, a trabalhar na mesma revista e a entrevistar pessoas que não têm nada para dizer, a lamentar secretamente não estar no *Expresso* e não ter esquecido ainda o Ricardo. Há meses que está tudo parado, estagnado, como um lago de águas turvas onde nem uma folha cai...

Antes de o conhecer a vida corria mais fluida, era tudo mais fácil. Só agora vejo até que ponto mudei desde que o Ricardo passou a fazer parte da minha vida. Tornei-me outra pessoa, muito mais séria e soturna. Fechei-me dentro de mim própria, primeiro por imposição dele, que habilmente me foi manipulando à sua vontade até se sentir completamente dono de mim. E o mais irónico é que quando me apercebi disso e me quis libertar, achei que se ele saísse da minha vida tudo voltaria

a ser como dantes. Só que já me tinha esquecido como é estar sozinha. Acordar em silêncio, preparar o pequeno-almoço só para um, muitas vezes almoçar uma sanduíche em pé para não me sentar sem companhia e chegar a casa ao fim do dia sem ninguém à minha espera. A família, os amigos, as amigas, os Gonçalves e os Franciscos contam muito pouco neste cenário de peregrinação interior, neste voto involuntário de monge car-tuxo pouco convicto.

De todos eles talvez quem esteja mais próxima de mim seja a Mariana, por igual condição de solidão escolhida mas involuntária. Lembro-me dela há dez anos. Linda, cheia de vida, a coleccionar casos que se tornavam inevitavelmente histórias de paixão e romance ao melhor estilo camiliano. Relações que se perderam no tempo e que deixaram marcas; o cansaço, a tristeza, o conformismo e uma profunda descrença no género humano. A Mariana é ainda hoje uma mulher bonita, mas profundamente só, mesmo consigo própria, que prefere enfiar-se na cama rodeada de caixas de chocolates e livros do Somerset Maugham a aceitar um convite para sair à noite com as melhores amigas. O seu violino e os seus alunos continuam a ser a única coisa que lhe dá verdadeiramente prazer. O resto é solidão.

Aproxima-se com o seu andar ligeiro quase voador e senta-se ao meu lado.

— Não gosto nada quando me olhas com esse ar de comi-seração. Vá lá, é o dia dos teus anos, anima-te, ou pelo menos faz um esforço, senão quem olha para ti com pena sou eu.

Isto dito com um sorriso, devagarinho, como só ela sabe. Com uma amiga assim não precisava de mais nenhuma. Ela tem razão. Vou mudar de canal e hoje é um óptimo dia para o fazer. Já não sou a triste viúva basca, a solteirona inconfor-mada que sonha com fraldas e biberões. Vou ser outra vez a pessoa que sempre fui antes da invasão basca que me arrasou mas que já acabou há seis meses.

— Sabes o que é que te fazia bem? — continua com a expressão maliciosa de fêmea com cio — era mandar umas trancadas valentes, daquelas que nos deixam de barriga cheia. A propósito, há quanto tempo é que não dás uma queca?

— Já entrei na fase das teias de aranha — respondo divertida.

— Então é isso, mulher. Estás a precisar de dar umas curvas.

— Mas com quem? Até parece que não sabes que nesta terra de parvos e peludos não há nada de jeito.

— Pois, mas com o basco também não te safaste, pois não? Se calhar és tu que és muito esquisita...

— Então e tu, minha solitária?

— Não estamos a falar de mim, deixa-me cá estar no meu canto, sossegada. Já tenho quarenta anos, já perdi a paciência para muita coisa, mas tu não. Com trinta andava eu no bem bom e não te podes deixar ir abaixo, tens de aproveitar enquanto ainda não te acomodaste, senão ficas velha, gorda e chata como a média nacional. Olha para a Teresa, queres ser assim?

A comparação só serve para me espicaçar mas resulta. Acho que vou ali ao sofá do fundo reclamar do Francisco a atenção que mereço. Se me acha graça vou-lhe dar um bocadinho de trela. Levanto-me com um sorriso de orelha a orelha e aproximo-me a passos largos.

O Francisco levanta os olhos devagar, passeando o seu sentido da visão com o olhómetro ligado pelas minhas pernas acima. É evidente que se pôs à conversa com a Luísa para passar o tempo, porque está visivelmente babado a olhar para mim e isso agrada-me. Pela primeira vez olho para ele com olhos de gente. Tem cara de miúdo, olhos pequeninos e vivaços. Pensando bem, até é giro. E também já percebi que de parvo não tem nada. Sonso, isso sim, mas para isso chego eu

bem. Está decidido. O Francisco vai entrar num capítulo qualquer da minha existência, não sei qual nem em que contexto. A partir de agora vou tirar partido da situação e aproveitar o interesse que ele tem por mim para me sentir outra vez desejada e mulher. Tanto me faz se o desejo dele é puramente carnal, também não quero uma relação séria. Aliás, nem sequer é uma relação que eu quero. Quero companhia e talvez um bocado de cama. Que diabo, bem posso desapertar o cinto de castidade que impus a mim mesma desde a partida de Ricardo.

— Anda cá, quero falar contigo.

Agarro-o pela mão e levo-o para a cozinha.

— Queres beber alguma coisa? — pergunto enquanto preparo um *whisky* com água Castelo para mim.

— O mesmo que tu beberes — responde com um sorriso mal contido.

A aula de química já começou e a temperatura está a subir. Agora estamos os dois ligados à corrente e vai ser uma delícia gerir a voltagem. Dou-lhe o copo e aproximo-me propositadamente dele. Cheira bem e sinto-lhe o hálito fresco. O sorriso de há pouco rasga-se e analiso meticulosamente a fila de dentes imaculados e bem tratados. Além disso tem pouca barba. Ele procede ao mesmo reconhecimento porque está fixado na minha boca. Tem de ser, vou dar-lhe um beijo. Pouso os dois copos como se fosse eu a comandar as operações e deixo-me ir num beijo longo, doce, bom demais para ser o primeiro.

— Obrigada pelas flores. E pelo cartão.

— Obrigado por teres fugido ao fim da tarde e ter andado doido à tua procura.

— Já me encontraste, não já?

— Não, tu é que me encontraste a mim.

O rapaz andou a ver filmes dos anos 40 *starring* Humphrey Bogart. Não faz mal. Eu até acho graça a trocadilhos e

tiradas cinéfilas. Além disso faço anos e já estou um bocadinho bebida, por isso deixo-me ir na onda. Lá vem outro beijo, ainda melhor que o primeiro. Penso na Luísa e na vertigem em que vive permanentemente com a sua sucessão imparável de aventuras. Se é isto que ela sente, então começo a percebê-la melhor.

As mãos dele percorrem-me os braços, agarram-me as mãos, escorregam-me pelas costas e descem até às ancas. Levanto-lhas para os ombros para lhe travar os ímpetos. Tudo isto é muito bom, mas nada de meter o carro à frente dos bois. O problema dos homens é que querem sempre ir para a cama demasiado depressa. Mas o Francisco aguenta-se bem, pede desculpa e tudo.

— Desculpa de quê?

— De pôr as mãos onde não devia — responde sem perder o registo. Agora está-se a fazer de tímido respeitador. Quem tem lata tem quase tudo na vida, apetece-me dizer-lhe. Mas não. Continuo a fazer-me de parva.

— E quem é que te disse que não devias?

Retoma o fôlego e o olhar incendeia-se ligeiramente.

— És uma *teaser* — deixa escapar enquanto disfarça uma expressão vagamente confusa.

— Porquê, não gostas?

Agarra-me outra vez e aperta-me os ombros enquanto me puxa contra ele.

— Gosto de ti, não percebes? Gosto do teu ar arrogante, da tua boca enorme, do teu pescoço que nunca mais acaba, não me saís da cabeça.

— Bem, parece-me que ainda não tive sequer tempo para entrar — respondo com cara de directora de colégio. Gosto de tiradas poéticas mas não estava à espera de tanto e desconfio da conversa. Lentamente deixa os braços caírem, afasta-se e dá mais um gole no *whisky*.

— Não me dás a mínima chance, pois não? — pergunta em tom desprendido. Decidiu mudar de tática. Agora quer extrapolar sobre o assunto.

— Qual chance? Estamos a passar um bom bocado e tu comesças a falar logo em coisas sérias! Gostas de mim o quê? Nunca conversámos sobre coisa nenhuma, é a segunda vez que nos vemos e vens-me com essa conversa?

— Vá lá, não leves as coisas tão a peito. Não acreditas em amor à primeira vista?

Apetece-me responder-lhe que a última vez que acreditei correu-me tudo mal e ainda estou a sofrer as consequências. Até estou disposta a ser sincera, mas uma ponta quase imperceptível de cinismo na sua expressão faz-me parar. O que é que este gajo quer afinal? Pela primeira vez em meses e meses de abstinência estava disposta a deixar-me ir numa aventura sem conteúdo nem objectivo, e ele teve logo de começar com despropósitos e a fazer-me lembrar como sou idealista e romântica.

— O que é que sabes de gostar de alguém, estúpido? Achas que se gosta assim sem mais nem menos de tudo o que nos aparece à frente, ou pertences ao tipo de homens que quer comer tudo o que mexe?

De novo o olhar malicioso. Estende-me as mãos à altura dos olhos.

— Pffffffffffffff !!! A gata está assanhada! Quem é que te fez tanto mal para me tratares assim?

— Não me chateies!

A brincadeira da gata assanhada cortou-me completamente a onda. Viro-lhe as costas. Acabou-se mesmo antes de começar. Não estou para diálogos telenovescos sobre banalidades na noite dos meus anos. Vou-me embebedar sozinha, que sempre tem o seu quê de divertido. Volto para a sala onde de repente todos se calam sem conseguirem esconder uma expressão expectante e ligeiramente aparvalhada. Antes de ter sequer

tempo de abrir a boca, o Francisco surge atrás de mim e diz com o ar mais normal do mundo:

— A Madalena e eu estávamos a combinar ir ao Dock's beber um copo. Porque é que não vamos todos?

Imediatamente o grupo divide-se entre os entusiastas e os sonolentos.

— Obrigada, mas estou quase a transformar-me em abóbora — boceja a Mariana. — Hoje em dia convencê-la a sair de casa é mais difícil do que pôr um elefante a andar de bicicleta. A Catarina também não está para aí virada e além disso a Lurdes ainda não voltou e não quer deixar as crianças sozinhas. O Gonçalo olha-a com decepção.

— Vá lá, só um bocadinho...

Do nada surge o Bernardo com cara de poucos amigos e põe o braço à volta dos ombros da legítima. E a Catarina, no seu papel de amantíssima esposa, aninha-se. A Luísa quer sair e já. O João também ia beber um copo, mas a Teresa corta-lhe logo as vasas.

— Nem penses nisso, vamos para casa e é já.

O João desenrola o seu sorriso tão característico de *bon vivant* sem remorsos. Aposto que lhe deita Xanax em pó no chá digestivo e que se pira à noite para vadiar. Como sempre, está bem-disposto e diz que assim aproveita para se deitar cedo e amanhã fazer o seu *jogging* matinal. Estou na dúvida se hei-de ir ou não, até que me passa pela cabeça dizer-lhes que sim e eclipsar-me sem explicação. Agradeço à Catarina o jantar que não jantei e ofereço boleia à Mariana. A Mariana mora logo ali em baixo, perto da Praça das Flores, num apartamento pequeno e aconchegado, com soalho à antiga portuguesa e tecidos de estuque trabalhado onde florões e anjos dançam estáticos e imaculados. É uma casinha deliciosa, com poucos móveis e a estante a conversar sozinha no meio da sala com as partituras que nela se vão empoleirando ao longo dos anos. A Mariana

seria a única pessoa do mundo com quem não me importava de dividir uma casa. Arrumada, inteligente, sossegada, bonita, boa cozinheira, tem tudo para ganhar o Concurso da Rapariga Ideal. O Francisco faz-se ao piso para vir comigo, o que me corta a possibilidade do hipotético eclipse.

— Não tens carro?

— Não, o meu pai não me oferece nenhum desde os doze anos — responde com um sorriso irresistivelmente cómico. Pouco depois deixamos a Mariana em casa e pergunto-lhe onde é que quer que eu o deixe.

— Mas então não vamos ao Dock's?

— Não, TU é que vais ao Dock's porque a ideia foi TUA, percebes? — EU vou para casa.

Bolas, estou a ser um bocado antipática. Para disfarçar pergunto-lhe se quer que o deixe nalgum sítio em caminho.

— Não te preocupes, eu acompanho-te a casa e depois lá apanho um táxi.

Muito bem, rosno entre dentes. Já sabe onde trabalho, agora quer ficar a saber onde é que vivo. Daqui a um bocadinho está-me a mexer nas gavetas e a ler-me os diários do tempo do liceu, onde descrevo com pormenores sem qualquer interesse a minha assolapada e patética paixão pelo João Carlos que, além de ser o rapaz mais giro do liceu, era um atrasado mental que morava nas Portas de Benfica com mais três irmãos numa casa de três assoalhadas, mãe doméstica e pai capelista. Ainda me lembro da primeira vez que entrei na loja do senhor Sousa, o estabelecimento, como o próprio lhe chamava. Tinha um metro e meio de fio de gente, os óculos pendurados por finas correntes de prata, pulseira de ouro maciço e fazia-se acompanhar de uma careca luzidia e de uma fita métrica pendurada ao pescoço. Demorei alguns meses a acreditar que aquele pingão insignificante de gente era o pai do João Carlos, um metro e oitenta de altura, olhos claros e cabelo ondulado que provo-

cava ondas de suspiros colectivas entre as raparigas à simples passagem pelos corredores do liceu Maria Amália.

Há dois anos atravessou uma passadeira à minha frente e pude então rever o senhor Sousa na figura do seu primogénito. Estava quase careca, as ondas do cabelo eram já uma memória esquecida, o metro e oitenta que tanto me impressionara aos quinze anos parecia-me agora ridículo e o olhar bovino de ser que nasceu sem um átomo de inteligência e cresceu a aumentar o quociente de estupidez foi o que retive dessa visão fria e objectiva, quinze anos depois. São assim as paixões da adolescência. Ou para lembrar para sempre, ou para esquecer até nunca mais.

Fiz o trajecto tão absorvida na saga do Sousa & Filho que por pouco não chegava à porta de casa. Regresso ao futuro a tempo de virar na rua da Rosa em vez de descer para Santa Catarina.

— Moras no Bairro Alto? — pergunta o Francisco desconfiado.

— Porquê, não me achas com cara disso?

— Via-te mais numas águas-furtadas na Lapa, mas contigo tudo é possível — comenta como quem pensa que devo ser uma ave rara.

— E tu, onde é que moras?

— Em vários sítios — responde com o olhar vago de quem está a pensar noutra coisa.

Coitado do Francisco, não lhe dou a mínima hipótese. Está com um ar um bocado derrotado.

— E se fôssemos beber um copo por aqui?

— Está bem — concede sem grande entusiasmo. — Queres ir ao Frágil ?

Não sou grande fã da meca mundana de Lisboa, mas além dos Três Pastorinhas não me sinto bem em mais nenhum bar deste bairro podre e viciado onde as peixeiras convivem em

paredes meias com traficantes, estilistas modernóides, ladrões de automóveis, lojas de *design* e decoração e putas de rua.

— Então prefiro o Bartis, pode ser?

Consigo arrumar o carro com alguma perícia perto do Pap'Açorda e vem-me à boca saudades dos croquetes com arroz de tomate.

— Se não tivesses tão mau feitio até te convidava para jantar comigo amanhã aqui no Papas... — deixa cair o Francisco como quem não quer a coisa. Está bem, um dia destes.

Entramos no Bartis, que ainda está em período de ocupação. Peço uma Coca-Cola e ele um JB 12 anos.

— Podemos então voltar à conversa que ficou a meio, ou vou levar outra vez uma arranhadela?

— Qual conversa? — pergunto evasivamente.

— Ao assunto de quem te pôs tão em baixo.

— Olha lá, ó confiaçudo, e se parássemos de falar de mim e me contasses o que é que fazes na vida?

— Trabalho no sis, no departamento de investigações internacionais.

— Diz lá, a sério.

— A sério a sério, trabalho com o meu pai.

— E o que é que fazes?

— Temos uma exploração de mármore no Alentejo e eu sou o director comercial.

— Deve ser o trabalho mais sensaborão do mundo.

— Sim, digamos que passo a vida a partir pedra. — E ri-se da pouca piada que teve. Ainda não percebi se gosto dele ou não. Fisicamente é bastante atraente. Gosto dos olhos e da boca. Não gosto do ar enigmático e das mãos pequenas. Gosto do humor e da voz de miúdo. Não gosto de não saber nada dele.

— Estás para aí a pensar se me deves dar confiança ou não, não é? Já te apanhei com esse olhar de examinadora não sei quantas vezes entre ontem e hoje. Descontraí-te, Madalena,

eu não sou nenhum bicho-papão. Era muito melhor se deixas-  
ses de estar tanto à defesa.

— Melhor para quem? A defesa é um óptimo estado, Francisco. Ninguém me incomoda e não incomodo ninguém, estou no meu cantinho, tenho a minha vida...

— Mas aposto que não é assim que tu queres viver, pois não? Eu não te conheço nem bem nem mal, como há bocadinho fristaste, e com razão, mas acho-te piada e nem sequer deixas que me aproxime para nos conhecermos.

— Isso não é verdade. O que se passou na cozinha prova o contrário.

— O que se passou na cozinha foi porque te irritaste de me ver a falar com a Luísa que estava ali aos caídos enquanto o atrasado mental do meu amigo Gonçalo resolveu fazer charme à dona da casa e nem sequer percebeu que era casada.

— Como não percebeu?

— Sei lá, o marido subtraiu-se à conversa. E pela maneira como a Teresa olhava para o João, percebia-se logo que estavam juntos, o que vos deixava a ti, à Mariana e à Catarina solteiras. Felizmente consegui fazer-lhe sinal quando o Bernardo apareceu na sala, o que foi providencial, porque ele já se preparava para a convidar a ir beber um copo.

— Isso já não é parvoíce, é ingenuidade.

— E tu não fazes ideia do sucesso que faz com as mulheres!

— Não me digas que saís com ele para ver se o teu grau de sucesso também é bom?

— Saio com ele porque é meu amigo de infância e porque é boa companhia.

— Mas vocês parecem tão diferentes! De que é que falam a noite toda?

— Não falamos. A amizade entre homens é completamente diferente da vossa. Não passamos horas a fio no cabe-

leireiro de rolos na cabeça a revelar as nossas intimidades. Saímos para beber cervejas, jogar às cartas e contar anedotas. É esse o verdadeiro espírito de camaradagem masculina. O que conta é o quanto nos divertimos e como. Não interessa se é a comer tremoços e a olhar para as mulheres ou a falar de futebol ou Fórmula 1. Não somos como vocês que passam os dias a analisarem-se umas às outras como ratos de laboratório.

— Isso não é verdade.

— Nada é mais verdade, minha querida. Queres que te descreva o serão? As tuas amigas fizeram-te um jantar de anos. E cada uma de vocês passou a noite a observar meticulosamente todas as outras do grupo. Deu para perceber que de todas de quem mais gostas é da Mariana, que entre ti e a Luísa existe uma certa rivalidade, ao que parece mais do lado dela que do teu, que apesar de seres amiga da Teresa dás-te muito melhor com o João, que a Catarina adora ser a Fada do Lar mas inveja-vos a vocês, solteiras, pela liberdade que têm. Queres que continue?

Estou sem fala. Engulo em seco e olho para o relógio para ver se ele comenta. Em vez disso, o olhar adoça-se e faz-me uma festa no cabelo.

— E o Bernardo, que até deve ser um gajo porreiro, não foi com a cara do Gonçalo, o que é compreensível, porque não está habituado a ver a mulher a conversar com estranhos, sobretudo quando afinal até são amigos de infância. O João é o tipo que está sempre na maior, já deve ter andado com várias amigas da Teresa, mas contigo e com a Mariana tem uma atitude paternal e irrepreensível, embora não resista a dar-lhes uns beliscões no rabo. A tua amiga Luísa é uma *killer* em estado puro, uma predadora que podia ter nascido homem. Vê-se que não está habituada a falhar o alvo. Mesmo assim, és a mais equilibrada de todas, e a mais objectiva. Tens é uma história aí qualquer mal resolvida. Até para respirar fazes esforço! Alguém já te

roubou o oxigénio e por isso ainda te consideras em plena convalescença, o que não é rigorosamente verdade porque já estás óptima, mas deves ter percebido que também é bom estar na defensiva porque assim ao menos ninguém te volta a invadir.

O Francisco está a revelar-se esperto, muito esperto.

— Desculpa se fui muito directo, mas já estava farto de ser tratado como se me passasse tudo ao lado. Além disso, acho-te graça. Gosto de estar contigo, tens qualquer coisa que me faz ficar a pensar nos milhares de coisas que podíamos fazer juntos antes de nos deitarmos numa cama, o que só é bom sinal.

Sinto-me vacilar. Estou nua, exposta a este homem que só vi duas vezes e que decidiu não me largar. Tenho outra vez alguém a entrar na minha vida, que é exactamente o que eu não queria. Já não sei o que quero, só sinto que este homem que tanto me enerva com o seu olhar calculista e o meio sorriso cínico também me atrai e me dá vontade de me deixar ir atrás do seu tom encantatório com que me está a embalar. Enrolo as mãos uma na outra para agarrar a alma. Ainda não, é demasiado cedo, não quero envolver-me com ninguém, quero ficar sozinha, sossegada no meu canto até ser eu a decidir abrir outra vez as portas. E no entanto, já tinha saudades deste torpor sobressaltado de descobrir e ser descoberta por alguém.

A conversa continua, fluida e descontraída. Esqueço-me momentaneamente do meu voto de secretismo e isolamento e acabo por convidá-lo para beber um copo na minha casa. Já é tarde e a música entrou no irreversível e tortuoso tom da cacofonia. Apetece-me ouvir o duplo da Ella a cantar Cole Porter e enroscar-me no meu cadeirão. O Francisco aceita o convite depois de prometer que não se vai demorar. Ao entrar no prédio atrás de mim, sinto o sangue a ferver-lhe nas veias e à medida que sobe os três lances de escadas a tensão aumenta.

Sinto os seus olhos a acompanharem o movimento das minhas ancas e depois a subirem pelas costas até me rodearem os ombros.

Entramos silenciosamente e em dois minutos ligo as luzes e ponho a cantar a minha diva preferida. O Francisco dá uma volta pela sala, observando atentamente os quadros e consultando de cabeça inclinada as lombadas da minha anárquica biblioteca. Recusa o chá de cidreira que, como um ritual sagrado, acompanha os meus regressos a casa, e senta-se comodamente no meu cadeirão. Mando-o para o sofá, que o lugar é meu, enquanto lhe arranjo um *whisky* com duas pedras de gelo. Privilégios de quem vive sozinha. Ele obedece-me e apoia-se no lado direito do sofá mesmo ao lado da camilha onde repousam, qual galeria de memórias, fotografias sem tema nem ordenação, encavalitadas em molduras de madeira antigas que pacientemente fui recolhendo ao longo dos anos em antiquários duvidosos. Lá estou eu com cinco anos vestida com a farda do colégio e um sorriso de orelha a orelha, lá estão os meus pais no dia do casamento, os irmãos, a sobrinhada, o grupinho do costume e também algumas fotografias do Ricardo que ainda não guardei.

— Quem é este?

— É o meu *ex*.

Pega na moldura e observa-a atentamente. É uma fotografia tirada na praia onde aparecemos agarrados um ao outro, ostentando o sorriso Pepsodent clássico dos casais apaixonados, tipo postal de estância de Verão.

— Estás muito bonita... ele não é português, pois não?

— Porquê?

— Sei lá, tem pinta de italiano.

— Não, é basco.

— Então é este!

— É este o quê?

— Este o homem que entrou na tua vida e nunca mais saiu.

— Como é que sabes que não saiu???

— Queres começar a conversa toda outra vez ou achas que chegou a altura de admitires que o teu *ex*, que nem sequer sei como é que se chama...

— Ricardo.

— ...que esse tal de Ricardo não te deixou completamente de rastos e que por causa dele não te apetece sequer ouvir falar em ter um caso leve e inconsequente?

— E porquê tanta curiosidade sobre o assunto?

— Porque gosto de saber sempre um bocadinho mais sobre as pessoas. Se calhar falhei a vocação, devia ser detective.

— Ou então porteira.

Estou farta de responder a perguntas e passo ao ataque.

— E o que é que fazes com toda a informação que vais recolhendo? Escreves um diário, fazes *dossiers* ou usas essas informações para intimidar as pessoas numa altura em que te dê jeito?

A minha boca cala-se à força. O Francisco decidiu que a melhor maneira de me calar era tapar-me a boca com a dele. Enrolamo-nos no sofá como dois bichos de conta e mais uma vez quase cedo à tentação de me deixar ir, de me entregar, mas sua respiração ofegante em cima do meu peito torna-se subitamente assustadora. Empurro-o para trás com toda a força que tenho. Desprevenido, desequilibra-se e fica sentado no chão como uma criança, com as pernas abertas e as mãos apoiadas no soalho. Não me contenho e desato a rir. Vê-lo por momentos meio atordoado faz-me sentir outra vez segura. Estendo-lhe a mão para o ajudar a levantar-se, mas recusa o meu gesto com outro brusco. É óbvio que está chateado. Provavelmente não contava com um obstáculo a caminho da meta. Olha-me fixamente e apercebo-me que está a pensar qual é a melhor atitude

a tomar. Mais uma vez a postura de menino bem comportado prevalece. Levanta-se devagar, dá meia dúzia de passos em volta, alisa o cabelo e esboça um sorriso.

— Bolas... és mesmo tramada.

— E tu és mesmo um melga.

— Mas tu é que começaste esta brincadeira ! Agora é difícil parar.

Não lhe posso dizer que o que é mesmo difícil é continuar, porque parada estou eu há meses, fechada no meu mundo onde nada acontece.

De repente muda o tema da conversa.

— Já vi que não tens atendedor de chamadas.

— Não preciso. E além disso assim não me sinto obrigada a responder às pessoas que me telefonam.

— E se te telefonar alguém com quem que tu até gostavas de falar e não te encontrar? Não é uma pena?

— Quem, por exemplo?

— Sei lá, o teu amigo Ricardo...

Como já percebeu que não vai entrar na intimidade dos meus lençóis resolve mais uma vez provocar-me. Isto está-se a tornar repetitivo. Bebo o último gole de chá.

— Acho melhor ires-te embora — digo enquanto lhe entrego o casaco para que não haja dúvidas.

— Eu vou, não te preocupes. De qualquer maneira, obrigado pelo copo. Posso telefonar-te um dia destes para irmos jantar fora?

— Não.

Dá-me um beijo na cara, terno e longo, vagamente paternal.

— Está bem. Eu depois apareço. Gosto de ti mesmo com esse feitio de merda, sabias?...

E desce as escadas sem olhar para trás. Arrumo maquinalmente a loiça na máquina e regresso à sala vazia. Sempre gos-

tei mais dela assim, silenciosa, sem intrusos nem ruídos. Devia ter festejado os meus anos aqui mesmo com dois ou três amigos mais próximos. Tinha-me poupado aturar o Francisco e a noite teria sido seguramente menos cansativa.

Preparo-me para dormir e antes de apagar a luz volto à sala e guardo dentro de uma gaveta todos os vestígios fotográficos relacionados com o País Basco. *Chega de saudade.*

## V

Mais um dia igual aos outros. Tenho de entrevistar uma típica “tia”, daquelas com mais de quarenta anos que brincam às decorações, usam decotes de *cabaret*, minissaias praticamente invisíveis e se julgam interessantíssimas. Depois tenho de voltar à redacção e fechar o primeiro caderno com as festas da semana onde a árdua tarefa de escolher os camafeus que vão sair é criteriosamente orientada pelo Paulo que selecciona quem lhe convém, a quem deve favores e os novos alvos a atingir para obter páginas de publicidade ou apenas a simpatia e confiança das pessoas.

Demorei anos a perceber este jogo de aparecer, fazer aparecer ou fazer desaparecer as pessoas das páginas das colunas sociais. Sempre pensei que ser alvo dos fotógrafos em acontecimentos sociais não abonava em favor de ninguém. As colunas sociais são os únicos lugares onde as pessoas aparecem gratuitamente. Doutra maneira teriam de assaltar um banco, matar alguém ou fazer algo de verdadeiramente notável como dar à

luz trigêmeos. Mas as colunas sociais dão às pessoas que nelas aparecem um determinado *status* de fama e notoriedade à qual muito poucos resistem. O Paulo, que nunca escondeu as suas origens humildes, percebeu isso desde muito cedo e é assim que tem enriquecido. No fundo tudo não passa de um jogo de marionetas num palco feito de folhas de papel. Ele faz as pessoas aparecerem ou desaparecerem das páginas da revista como quem gere um negócio, onde a lei da alternativa e os princípios lógicos da oportunidade são criteriosamente geridos. Além de ser um gestor de dinheiro, é um gestor de relações.

Em cima da mesa dezenas de *slides* esperam por uma oportunidade. Com o tempo aprendi os nomes de todos eles, e quando algum me falha, a Mónica, que é a nossa secretária, lembra-se sempre de quem é. O mais ridículo é que, além de os conhecer porque muitos deles já entrevistei e os outros acabam por circular nas mesmas festas e *cocktails* onde vou mais por dever do que por prazer, também lhes conheço os podres: sei quais é que gostam de levar putas de luxo para hotéis de cinco estrelas e quais é que preferem ter um caso com a mulher do melhor amigo. Sei quais é que devem milhões à banca e quem é que enganou quem nos negócios. E sei tudo porque as pessoas me vão contando as histórias de outras pessoas, convencidas que ninguém sabe as suas próprias histórias. Há na nossa sociedade uma espécie de impunidade que permite que aconteçam as maiores barbaridades num determinado meio sem que as consequências sejam graves ou irreversíveis. De tempos a tempos estoura um escândalo, mas depois tudo volta à normalidade.

A manhã passa depressa com a sessão de corta e cola, e quando o *puzzle* está construído respiro de alívio e saio para almoçar. Está um dia luminoso e tranquilo e apetece-me estar um bocado sozinha. Vou almoçar a um café perto da revista onde servem umas *mini pizzas* deliciosas. A noite de ontem deixou-me perplexa e ao mesmo tempo reconfortada. Não con-

sigo deixar de pensar no Francisco e dou comigo a imaginar um pacato jantar com ele no Guincho. De regresso ao escritório temo e desejo que ele me volte a telefonar hoje, mas a tarde passa e o telefone quase não toca. Liga apenas a minha mãe para saber se me diverti e a Mariana a perguntar se quero aparecer para jantar. Chegou cedo do Conservatório e teve uma inspiração divina: canelones recheados com espinafres e nozes. Aceito porque, apesar do cansaço, criei a expectativa de não passar o serão sozinha e a Mariana é uma ótima companhia.

Abre-me a porta enquanto limpa as mãos a um pano da loiça onde vislumbro com alguma dificuldade pequenos anões com panelas, frigideiras e tachos na mão. Os canelones já estão no forno e cheira a caldo verde. É um jantar ecológico para lavar o corpo e limpar a alma, comenta com um sorriso. Há qualquer coisa no ar que me diz que este jantar tem uma segunda intenção. A Mariana pôs a mesa com o rigor que a caracteriza e sentamo-nos solenemente depois de abrir uma garrafa de Serra d'Aires.

Comentamos o jantar de ontem, as loucuras da Luísa, da Catarina e do Bernardo e a conversa vai parar ao Francisco.

— Já percebi que ele não te vai largar.

— Pois. E agora também já não sei se quero que ele me ligue ou não.

— Isso quer dizer que lhe achas uma certa piada?

— Isso quer dizer que decidi tirar o luto e enterrar o morto. A Mariana sorri docemente.

— O morto telefonou ontem para saber como tu estavas.

— Telefonou-te a ti?

— Sim, eram umas sete, sete e meia.

— E só hoje é que me dizes?

— Não queria estragar o teu dia de anos.

— Estragar??? Teria ficado muito contente por saber que ele afinal sempre se lembrou que eram os meus anos.

— Está bem, está bem — responde com doçura —, mas achei que isso te poderia destabilizar. O que é que te ia acrescentar saber que ele tinha ligado?

— Não sei — respondo um pouco incomodada —, mas se não quiseste dizer-me ontem, também já não tem importância.

— E como é que ele está ?

— Pareceu-me bem... um bocado tristonho, mas sabes que ele é mesmo assim. Disse-me que tinha saudades de Lisboa e que estava a pensar voltar cá um dia destes.

— E não falaram de mim? — pergunto já sem resistir.

— Claro que falámos. Perguntou-me como é que tu estavas e se tinhas alguém. Disse-lhe que estavas ótima mas sozinha.

— E ele?

— Parece-me que ficou contente com a resposta.

— E ele, tem alguém?

— Como queres que saiba? É o tipo de coisas que nunca lhe perguntaria, muito menos por telefone.

— Tens razão. Sabes como é, uma pessoa constrói sempre cenários possíveis. E se estiver com outra? Será que ainda pensa em mim?

— Não sejas infantil! Se estiver com outra, não tens nada a ver com isso.

— Aí é que te enganas.

— Porquê? Porque viveste dois anos com ele e se separaram há mais de seis meses?

— Não, porque acho que ainda gosto dele.

— Não, Madalena, tu gostas é das coisas boas que ele representa nessa tua cabecinha romântica. Já te esqueceste como se davam mal? Já não te lembras das discussões que tinham, dos mistérios que ele fazia questão em manter à volta da sua pessoa? Já te esqueceste que em dois anos nunca foste a Pamplona conhecer a família dele e como isso te deixava irritada e furiosa? Já não te lembras das cenas de ciúmes e da falta

de confiança que tinha em ti? Queres que eu te conte tim-tim por tim-tim a última passagem de ano em que ele achou que o Bernardo se estava a fazer a ti e armou aquela cena triste que nos estragou a noite?

— Onde é que queres chegar?

— Quero chegar a uma conclusão simples, óbvia e objectiva: o Ricardo não foi nem nunca será pessoa indicada para ti. Passou na tua vida como um furacão que te deixou de rastos. Foi uma paixão infeliz que te marcou profundamente e quase te transformou noutra pessoa. Não te trouxe nada de novo nem de positivo. Não construístes nada com ele e quando tudo acabou nem sequer ficaram amigos, por isso não ficou nada a não ser um punhado de memórias. E como a memória é selectiva e possui a eterna capacidade de se auto-reciclar, com o tempo vais-te lembrando só das coisas boas. Quando ele se foi embora respiraste de alívio. Seis meses depois estás a suspirar para que ele te caia outra vez na sopa.

Sirvo-me em silêncio. É tudo verdade. Do que eu sinto falta no Ricardo é apenas uma pequena parte dele. A memória encarregou-se de esbater tudo o que de negativo havia na nossa relação e como a nossa convivência se tornara difícil até atingir níveis insuportáveis de conflito e desentendimento. E no entanto, eu gostava dele e continuava a gostar, mesmo quando se foi embora de um dia para o outro.

— Não percebo porque é que te telefonou. Não é nada o género dele.

— Se calhar tem saudades e decidiu ser civilizado, pelo menos no dia dos teus anos.

— Se tivesse saudades minhas tinha-me ligado directamente.

— Está bem. Então achas que se calhar tinha saudades minhas? — pergunta em tom irónico. — Não percebes que te causa muito mais impacto ligar para uma amiga tua a saber

de ti do que ligar-te directamente? É mais uma forma de se fazer interessante, mais uma manobra de desestabilização para te deixar a pensar no assunto.

— Pensei que gostavas dele...

— A princípio gostava. Achava-o um tipo fabuloso. Inteligente, culto, discreto, bonito. Gostava muito de ti, mas não acho que fosses feliz com ele. Havia sempre uma tensão estranha no ar quando ele estava presente. Observava-nos a todos como um cientista estuda os seus ratos no laboratório.

— Que exagero!...

— O que o tempo faz à pessoas! Estás mesmo esquecida! Não te lembras como ele era cá em casa? Assim que chegava, sentava-se no sofá e seguia os passos de toda a gente em silêncio, raramente entrava nas conversas, punha-se sempre aparte.

— A isso chama-se timidez. Era uma pessoa reservada.

— Não era só isso, ele não gostava de te ver rodeada de pessoas, parecia querer guardar-te só para ele, como se fosses um tesouro selado que mais ninguém podia desfrutar. Lembra-te da fita que ele fez quando te convidei uma noite para irmos ao teatro? O descritivo das minhas memórias está-me a desviar do assunto principal.

— Mas afinal qual é que foi a ideia dele em telefonar?

— Decidiu apalpar terreno; saber se estás sozinha, por exemplo. Um dia destes ainda te bate à porta.

— Não, ele não volta. E se voltar não vem ter comigo.

— Claro que vem ter contigo. Não fez amigos, não criou laços com ninguém. Se ele voltar a Lisboa, podes ter a certeza que te bate à porta.

Regresso cedo a casa para tentar recuperar as horas de sono que perdi, mas quando me deito e apago a luz só vejo o Ricardo no meu espírito. Não quero lembrar-me dele mas a memória atraiçoa-me e transporta-me para os melhores momentos que passámos juntos. Se tivesse o número de tele-

fone dele talvez lhe ligasse. Mas não tenho nada. Só recordações filtradas pelas saudades e pelo tempo, como um filme antigo cuja cópia já está riscada de passar todas as noites.

Adormeço sobressaltada na cama fria e imensa, demasiado grande para um só corpo.

Para variar não ouvi o despertador e acordo pouco antes das dez. Não seria dramático se não tivesse uma entrevista às onze e não tivesse de passar antes pela revista para apanhar o Florindo. Arranjo-me apressadamente e saio a voar, saltando alternadamente os degraus dos três patamares até chegar à rua. O caminho para a revista é o costume. *Good morning, Vietnam*. Depois de passar dois sinais encarnados, a guerrilheira urbana opta por parar em segunda fila com os quatro piscas ligados. Quando chego, a Odete cumprimenta-me com ar comprometido depois de desligar uma chamada à pressa. Anda com cara de quem me quer alguma coisa. Provavelmente um convite para a entrega dos Globos de Ouro. Já o ano passado me pediu e como lhe consegui arranjar dois lugares ficou-me eternamente grata, só que este ano deve estar à espera que também lhe arranje um lugar ao sol. Para a Odete, esta festa deve ser o grande acontecimento do ano. Esteve espantosa o ano passado, com um vestido de lantejoulas cor de laranja e uns sapatos de verniz da mesma cor. A carteira de brocado de pérolas brancas rematava a elaborada indumentária. Estava absolutamente extraordinária e felicíssima. Não posso deixar de sorrir ao tentar imaginar o que vai inventar para vestir na festa deste ano. O Florindo já está à minha espera. É baixinho, bigode farfalhudo e cabelo encaracolado. Uma espécie de Sancho Pança cosmopolita mas igualmente plácido e envergonhado. E eu já me sinto uma Dona Quixota quando penso na entrevista que vou ter de fazer. Trata-se de um ex-ministro que é agora gestor público e que, segundo rezam as más-línguas, não deve

muito à inteligência. Ultimamente tem estado um bocado na sombra, mas o Paulo deve ter algum negócio com ele porque me pediu com solenidade que o fosse entrevistar e fizesse uma peça simpática sobre a figura. Chegámos vinte minutos atrasados, o que já deixou o senhor um pouco irritado, e quando me aperta a mão vai dizendo que tem um almoço à uma em ponto e que não se pode atrasar. Aproveito a deixa para pôr logo o Florindo a trabalhar enquanto inicio o diálogo para quebrar o gelo e ver se ele me diz alguma coisa interessante. Felizmente não há ninguém que resista a falar de si próprio e as perguntas do costume já dão algum material. O Florindo vai-se embora e o meu entrevistado liga para secretária a avisar que vai chegar tarde ao Gambrinus. Parece que o almoço afinal não era assim tão importante.

Despedimo-nos cordialmente e antes de sair pergunta-me há quanto tempo trabalho para a revista.

— Há três anos.

— E antes, onde é que trabalhou?

Respondo-lhe numa espécie de versão condensada do meu currículo, que inclui os sítios onde trabalhei e porque é que mudei de uns para os outros.

— Interessante — comenta. — Nunca pensou em ser assessora de imprensa?

— Não.

— E gostava de experimentar um dia? É que agora vou ter aqui um projecto novo na empresa e preciso de pessoas com experiência e conhecimentos nos meios de comunicação social.

— Já percebi que não me quer contar o que é... — deixo cair em tom de confidência.

— Por enquanto ainda não posso. Mas já gora deixe-me o seu cartão. Para a semana telefono-lhe.

Mais um aperto de mão e volto para a revista. É uma e meia e não paro até fechar os três últimos cadernos. Apete-

cia-me ir ao cinema e estreou um filme com o Mel Gibson. A Luísa, que é perita na matéria, também quer ver o filme e ligo-lhe para a agência para combinarmos para amanhã ao fim da tarde. Ela aceita, não sem antes me bombardear com piadinhas e perguntas acerca do Francisco. Fecho-me em copas. Amanhã conto-te tudo. Está bem, responde, já com a cabeça noutro sítio. Mas é só mesmo cinema porque depois tenho um *blind date* com um primo de uma colega minha aqui da agência no Bairro Alto para jantar.

— Um *blind date*? Estás louca?

— Não, estou é desocupada e quero-me distrair com uma coisa diferente.

— Então e a Gonçaleta? A Gonçaleta foi para o maneta!

Interrompo a conversa e desligo porque o Paulo acabou de entrar no gabinete com pezinhos de lã.

— Então a entrevista, correu bem?

— Já sabe que comigo corre sempre bem.

— Mas simpatizou com ele?

— Digamos que não antipatizei.

— Sabe do novo projecto dele? — O Paulo esfrega as mãos uma na outra. — Ele falou-lhe nisso?

— Não me disse o que era, só me perguntou se eu gostava de ser assessora de imprensa...

— E o que é que respondeu?

— Nada. Foi uma coisa que nunca me passou pela cabeça fazer.

— Se eu fosse a si pensava no assunto. Não é com certeza incompatível com o seu trabalho aqui e dá-lhe imensos contactos.

O Paulo e os contactos. É assim que ele ganha dinheiro, é assim que gere a sua vida, é para isso que ele vive. Provavelmente não se importa de me ter aqui menos tempo, até porque se aceitar ser assessora de imprensa do outro, também lhe

trago bons contactos a ele. O Paulo tamborila com as pontas dos dedos na mesa e levanta-se.

— Depois diga-me qual é a sua decisão, está bem?

— Está bem, Paulo, mas não sei se vou aceitar e, além disso, nem sequer sei se a proposta vai para a frente ou não.

— Claro que vai. Por isso é que eu pedi para ir você entrevistá-lo e não outra pessoa.

É evidente que o Paulo sabe tudo o que se passa. Possui o poder de antecipação que faz dele um homem de negócios. Podia vender sabonetes, computadores ou qualquer outra coisa. Decidiu vender a imagem alheia mas parece-me que agora tem outra na manga. De propósito para o chatear, mostro-me completamente desinteressada do projecto.

— Vamos então fechar esse maldito caderno?

O Paulo concorda e durante toda a tarde não volta a tocar no assunto. Lá para as sete entra a Odete a passo de caranguejo. Já a tinha visto a rondar duas ou três vezes a porta do meu gabinete mas devia estar à espera do melhor momento.

— Posso entrar?

— Podes. O que é que ainda estás cá a fazer? Sais sempre pontualmente às seis para não perder o barco...

— É que hoje não vou para casa... tenho um programa.

— Temos mouro na costa?

— Mais ou menos. É uma pessoa que eu conheci por acaso e que se anda a mostrar muito interessado. Já me telefonou três vezes a convidar-me para ir jantar fora...

Está visivelmente excitada com a ideia, embora tente disfarçar como pode.

— E então o que é que me queres? Estás com cara de quem me vai pedir alguma coisa.

— Queria que me emprestasses o teu relógio.

— Qual relógio?

— Esse que tens sempre posto.

Olho-a fixamente. A Odete pediu o meu relógio emprestado. O meu Hublot de estimação. Tal e qual. Como se um relógio fosse uma coisa que se emprestasse e como se fosse minha amiga há anos. O silêncio começa a pesar no ar e a Odete recua.

— Desculpa, nem sequer devia ter pensado em pedir-te nada. Não que eu to fosse roubar ou coisa do género...

— É que querias fazer um brilharete com essa tal pessoa conhecida, não era?

A Odete está agora muito corada e enrola os dedos uns nos outros. Já se arrependeu do pedido, mas não sabe como é que há-de sair da situação. A perna direita cruzada sobre a outra deixa ver uma coxa generosa e a camisa excessivamente apertada faz com que o ar passe entre os espaços que separam os botões. Até os bordados do *soutien* se vêm com bastante nitidez numa observação mais atenta.

— Ó Odete, não me leves a mal, mas com uma minissaia desse tamanho e essa camisa justa achas que algum homem se digna a olhar para o teu pulso e a fixar que relógio é que tens?

Não o disse por mal mas a Odete ficou vexada.

— Também não precisas de dizer isso assim...

— Mas é a mais pura das verdades! Vais vestida para matar, o que é que estás à espera?

— Mas eu não vou matar ninguém!

Esqueci-me que a Odete não lê nas entrelinhas.

— Não, Odete, vestida para matar é o título de um filme, percebes? É só uma expressão para dizer que estás um bocado provocante.

— Está bem, não tinha percebido.

O meu directo toca. É o Bernardo a perguntar se quero ir jantar lá a casa, porque tem uma reunião *chatíssima* e a Catarina está *um bocadinho* aborrecida por ficar sozinha. A reu-

não chatíssima soa-me a mentira descarada, e a Catarina um bocadinho aborrecida a eufemismo.

— A reunião é por acaso num quarto de hotel?

O silêncio do outro lado torna-se comprometedor.

— Porque é que perguntas isso?

— Porque acho que estás a inventar desculpas para ires comer uma gaja.

Pronto, já está. Desta vez não dobrei a língua.

— Ó Madalena, francamente!...

— Francamente o quê? Se queres fazer merda é contigo, mas escusas de me fazer cúmplice.

— Não vou comer ninguém, estás parva ou quê?

— Tu é que deves estar parvo — respondo já irritada. — Não tenho nada a ver com a tua vida, mas bolas, já me anda a irritar o estado em que tens deixado a Catarina ultimamente.

Gostava de o ter à minha frente neste momento. Conheço-o há demasiados anos para me enganar.

— Não é nada do que estás a pensar.

— Eu não penso Bernardo, só vejo, e o que tenho visto não me tem agradado.

— Mas tu não viste nada!...

— Nem preciso.

O silêncio prolonga-se outra vez e vou outra vez esperar que seja ele a quebrar.

— Bem, sempre podes ir jantar com a Catarina ou não?

— Vai à merda.

Só depois de desligar o telefone é que reparo que a Odete já não está sentada à minha frente. Desapareceu à velocidade da luz.

## VI

— **L**embras-te daquela conversa que tivemos todas no outro dia em casa da Mariana?

— Qual? Aquela sobre a falta de ponta?

— Isso — responde, enquanto se senta lentamente no sofá forrado a *chintz* azul escuro com flores minúsculas.

A Catarina tinha deitado os miúdos depois de um jantar bastante animado com os dois a fazerem disparates, possuídos por ataques de riso compulsivos e incontroláveis. Depois do barulho reinava agora o silêncio, apenas acompanhado dos Nocturnos de Chopin, muito baixinho, para não interferirem na conversa que eu já adivinhava.

— É que eu acho que perdi a ponta de vez pelo Bernardo.

Suspirou, enquanto acendia um cigarro. É raro a Catarina fumar, mas quando está preocupada é quase um acto reflexo.

— E isso já dura há muito tempo?

— Mais ou menos três meses. Mas houve outras alturas em que me aconteceu o mesmo.

— E quando foi a primeira vez?

— Bem, a primeira vez foi quando descobri que o Bernardo tinha um caso. Voltou de Genève de uma viagem de trabalho lá do banco com umas cuecas de *lingerie* ordinária perdidas no meio da roupa suja. Por acaso nesse dia a Lurdes faltou e fui eu fazer a máquina de roupa e deparo-me com o objecto no meio de meias e camisas da viagem.

— E ele?

— Negou tudo, como é óbvio. Só admitiu que tinha andado com uma qualquer nessa noite, depois de termos deitado os miúdos e de eu voltar ao assunto.

— E tu?

— Bem, primeiro fiquei completamente estupefacta. Depois irritei-me, disse-lhe que achava inadmissível uma coisa daquelas, perdi as estribeiras, insultei-o, chorei, sabes como é, aquela cena toda que uma pessoa faz quando se apanha desprevenida numa situação destas.

— E depois?

— Depois, uns tempos mais tarde, caí outra vez das nuvens quando um dia passo a buscá-lo à porta do banco e ele vem a sair com a Judite, que era a secretária dele na altura. Eu ia com ideias de o levar a almoçar, vê lá tu! E o gajo a sair-me com a menina, todo charme e sorrisos. Segui-os de carro até ao Guincho e só parei no Porto de Abrigo onde sua excelência levou a funcionária a almoçar. Esperei que eles entrassem e cinco minutos depois pedi a um empregado que levasse um bilhete à mesa. Saí rapidamente e vim para Lisboa a duzentos à hora. Deu-me um gozo, nem imaginas!

— E o que é que dizia o bilhete?

— Dizia mais ou menos isto: “Também não me importava que me trouxesses a almoçar aqui de vez em quando”. Dessa vez o Bernardo não negou. Deve ter pensado que a sinceridade era uma boa arma de persuasão. Lá me contou que se tinha

envolvido com a rapariga há pouco tempo, que até queria acabar tudo, aquela conversa típica do bandido. Eu disse-lhe que ou a gaja deixava de ser secretária dele ou ele deixava de ser meu marido. Respondeu que percebia e até achava justo. Lá telefonou a um amigo qualquer e passou-lhe a secretária. Eu decidi nunca mais tocar no assunto.

— Isso foi há quanto tempo?

— Mais ou menos há dois anos. Mas eu fiquei muito em baixo, sabes, achei que o meu marido era um pulha, um filho da mãe daqueles que não mudam. Comecei a duvidar de tudo o que ele me dizia, mexia-lhe na carteira à procura de facturas ou outros sinais denunciadores, deixei de ter descanso.

— E nunca mais descobriste nada?

— Descobri agora, há pouco tempo que ele anda metido com outra. Apanhei-lhe uma factura do telemóvel com um número da outra banda, começado por dois qualquer coisa. Telefona-lhe todos os dias de manhã assim que sai de casa e até ao fim-de-semana, quando vai comprar o jornal.

Tapo a boca para não parecer estúpida. Afinal de contas a Catarina sempre soube o que se passava ao longo de todos estes anos e nós é que fomos as ingénuas por pensar que era melhor não lhe dizer nada. Para ganhar tempo levanto-me e mudo a música com a desculpa de que Chopin é muito deprimente e, depois de hesitar, acabo por pôr um disco da Billie Holiday, também um bocado triste mas pelo menos distrai. Começo a balbuciar coisas sem nexos.

— Pois... de facto... essas histórias são um bocado sinistras... não sei como é que aguentas...

A Catarina acende outro cigarro.

— Aguento porque me casei para a vida, porque foi e é o único homem com quem fui para a cama, porque quero ter uma família e dar aos miúdos um lar, estabilidade, pai e mãe

debaixo do mesmo tecto e fazê-los sentir que neste mundo caótico ainda há valores que estão acima de tudo.

— Mesmo acima de ti própria — sussurro entre dentes. A Catarina esboça um sorriso triste, apagado, quase cinzento.

— Um dia, quando tiveres filhos, vais perceber como tudo se altera. São eles que passam a ser a coisa mais importante na tua vida e não tu. Deixas de pensar em ti, por ti e para ti. Passas a pensar em função deles. E sem querer, deixas de ser tu, ou pelo menos deixas de ser como eras. Já não és mulher, também és mãe. Se a vida te correr mal, deixas mesmo de ser mulher e a pouco e pouco vais-te habituando à ideia.

— O que é que queres dizer com isso?

— Quero dizer que deixas de te sentir *sexy*, atraente, jovem... mas também não te importas porque tens tanto que fazer e tantas coisas com que te preocupares que o que já foi importante deixa de te interessar.

— Mas o que estás a dizer é horrível e assustador!...

— Porquê? Achas que não é mais importante pensar nas prestações da casa do que em aventuras e casos? Que não tem mais valor perder dias e dias à procura do melhor colégio em vez de passar o mesmo tempo nas lojas à procura de trapos? Não achas que é mais útil levar os miúdos a brincar ao jardim ao domingo de manhã do que ficar a ler os semanários e a namorar debaixo dos lençóis? Quando o Bernardinho nasceu, foi como se a minha vida recomeçasse outra vez. Guardo aquela imagem, todo enrugado, minúsculo, enrolado naquele choro adorável de bebé... e depois com o Diogo foi a mesma coisa. Eles tomaram conta de mim, Madalena, apoderaram-se da minha existência e hoje, quando olho para eles, continuo a sentir o meu amor a crescer sempre, sem parar, e nada disso me assusta, pelo contrário, até me dá mais forças para lutar e continuar a minha vida, apesar de o Bernardo ser como é...

— Mas isso é uma forma de compensação afectiva, tu não te podes conformar em viver assim!

— Porque não? Olha à tua volta. O que é que vês? Uma casa de família como deviam ser todas, organizada, limpa, arrumada, arranjada com gosto e com carinho...

— Não, Catarina, o que eu vejo é uma mulher arrasada pela sua condição que nada faz para a mudar!

— Qual condição? Condição de mulher casada com um pulha? E que condição sofres tu? Tens medo de assumir compromissos mas já não gostas de viver sozinha, queres ter uma família mas não és capaz de abdicar da tua vida por nada nem por ninguém. E não me venhas com essa história da emancipação, basta olhar para ti, para a Mariana e para a Luísa, cada uma à sua maneira a sofrer na pele a vossa condição de mulheres emancipadas. A Mariana está uma escrava do seu próprio comodismo; tudo a cansa, a aborrece e lhe dá sono. A Luísa parece uma gata assanhada, come tudo o que lhe passa pela frente. E tu nem sequer sabes o que queres, enquanto suspiras pelo Ricardo que se eclipsou. Já não te lembras como estavas farta dele quando viviam juntos? Disseste-me tantas vezes que já não o aguentavas mais, que ele tinha um feitio insuportável, mas quando ele se foi embora ficaste desfeita. Como vês, a tua vida, a vossa vida não é mais fácil do que a minha, é só mais leve e mais vazia. Vocês estão convencidas que a emancipação é fazerem tudo o que vos passa pela cabeça e acabam por não construir nada.

Sinto-me possuída por um mutismo atávico, esmagador. Podia ripostar, atirar-lhe à cara que o que ela tem inveja da nossa liberdade, mas sei que isso não é verdade. Para ela, a liberdade não é um bem precioso, nunca lhe conheceu o verdadeiro sabor. Saiu debaixo da asa do pai para a asa do Bernardino, nem sequer teve tempo de perceber como é a vida lá

fora. É como uma criança que nunca teve irmãos. Ninguém pode sentir o que perdeu sem ter tido antes.

— Pode ser que tenhas razão, mas isso não legitima a situação em que estás. Ninguém gosta de ser enganado.

Reparo então que a Catarina se encolheu no sofá, baixou a cara, escondeu-a entre as mãos e começou a soluçar baixinho, sincopadamente, num queixume brando, perdido, escondido dentro de si mesmo.

— Vá lá, não chores. Achas que ele merece o que estás a passar?

— E tu, achas que eu mereço o que estou a passar? Bolas, abdiquei do curso por causa dele, fiz tudo para lhe dar uma família feliz, e para quê? Para ele ter casos por fora? Sou assim tão pouco atraente e desinteressante?

— O defeito não está em ti, mas nele, não percebes isso? Não te podes deixar desvalorizar nem aos olhos dele, nem perante ti própria. Um homem que tem casos tem-nos independentemente de gostar ou não da mulher com quem vive. O Bernardo é assim, está-lhe no sangue. É um predador. Para eles as mulheres são troféus de caça, vais ver que esta gaja é mais uma história sem importância como as outras...

— Mas se não tem importância porque é que lhe telefona todos os dias, porque é que lhe liga aos fins-de-semana, porque é que se mete a fundo nesta merda toda e me arrasta com ele? Porque é que não respeita os filhos e a família?

A Catarina está agora transtornada, fala alto e de forma atabalhoada, gesticula e entrelaça os dedos no cabelo como se quisesse arrancar mechas inteiras. Por fim encosta a cabeça nos meus joelhos e chora convulsivamente durante alguns minutos. Ao fundo, a Billie Holiday continua a cantar ironicamente *You can't be mine and some else's too, some day you'll find I have been a friend to you...*

O que mais me entristece não é o que a Catarina sofre, é ter sido sempre assim a condição feminina. Aguentar as merdas que os homens fazem. Tudo isto é banal, desgraçadamente banal e inegável.

Volto para casa angustiada. Guio em silêncio pela cidade deserta, quase fantasmagórica. Passam pela minha cabeça dezenas de ideias desconexas e controversas sobre a conversa que tivemos. A revolta dela em relação a nós chocou-me. As críticas foram duras e certeiras. E aqui vou eu, de regresso a casa, pronta para saborear o meu chá de cidreira e me deitar na minha cama vazia e silenciosa. Não gosto de ninguém, não há ninguém importante na minha vida. O Ricardo é apenas a sombra de uma memória que o tempo se encarregou de suavizar. E há o Francisco. Mas não, não gosto dele. Gosto da companhia dele, apenas isso. *To be in love with e to love to be with* não é nem nunca será a mesma coisa. Talvez eu não gostasse de estar com o Ricardo. Mas amava-o com todas as minhas forças e apesar de todos os seus defeitos. Amava-o e podíamos ter sido uma família. Com o Francisco o que eu quero é colo, companhia e talvez um bocado de sexo, se for bom, leve e libertador. Nada mais. Talvez queira que ele me ame. Como o Ricardo não amou. Ou se amou, o que é que o levou a partir, e pior ainda, a desaparecer definitivamente da minha vida?

Antes de adormecer ainda tomo uma resolução, talvez a única útil desta noite. Vou falar com o Bernardo. Isto não pode continuar assim, pelo menos com a minha cúmplice passividade.

## VII

**B**om dia Batata Frita, dizia-me a minha avó quando me acordava já com o sol a entrar pelas persianas, nas eternas férias na quinta que começavam a meio de Junho e só acabavam no fim de Setembro e onde era sempre fim-de-semana. Agora, feriados como este, ensolarados e molengões, dão-me saudades dela. Lembro-me muitas vezes da avó Helena, do seu andar acelerado e olhar vivo, sempre pronta para ir passear com os netos ao Campo Grande que naquela época ainda não era uma ilha exilada de verde entre duas vias rápidas. Quando não estava na quinta precisava de ver verde como de pão para a boca e os jardins eram o seu refúgio preferido. Os postos do meu avô no Ultramar obrigaram-na a mudar de casa sempre que o dever chamava. Viveu em mais de trinta casas, e quando o avô se reformou, asilaram os dois na quinta onde passaram o resto dos seus dias. A avó ainda tentou escrever um livro intitulado *As casas onde vivi*, mas nunca o acabou. Costumava dizer com a sabedoria tão característica da idade que quem vive

não escreve e quem escreve não tem tempo para viver. As suas memórias ficaram incompletas, mas deixou aos filhos e aos netos o seu espírito e alegria de viver. Dizem que sou a neta que mais se parece com ela. De cara e de feitio. Mas não é verdade. Se fosse assim tão parecida era uma pessoa muito mais feliz. Como o meu primo Zé Miguel, que está sempre com um sorriso e sabe como ninguém ver o lado bom na pior das situações. Sempre fomos os netos preferidos. Talvez tenha sido isso que tanto nos uniu desde tão cedo. Combinámos jantar no domingo porque na segunda-feira volta para Seattle e só regressa a terras lusitanas em Agosto. Às vezes invejo a vida do Zé Miguel, que estudou em Lausana, viveu em Londres, em Paris e em Milão antes de ir para os Estados Unidos. O Zé Miguel nunca conheceu nenhum tipo de prisão. Foi sempre totalmente dono da sua vida. Nunca casou nem tem filhos. Da interminável e quase fastidiosa colecção de namoradas guardou óptimas amigas com quem se continua a dar, num misto de cumplicidade e sentimento fraterno. Invejo-lhe a vida lá fora e as viagens. Mas invejo-lhe ainda mais o coração enorme, do tamanho do mundo onde cabem todas as mulheres que já amou, sem que alguma tivesse conseguido entrar definitivamente na sua vida e por lá se instalar, como acaba por acontecer quase sempre ao comum dos mortais...

Divago mentalmente sobre estes e outros temas enquanto mantenho um dos meus rituais de fim-de-semana prolongado. Tapo meticulosamente cada centímetro da minha cara com um creme branco, pastoso e de agradável odor que dá pelo nome de Máscara de Pele. Diz o rótulo que limpa a pele em profundidade abrindo os poros e permitindo uma oxigenação das células. Está bem, vou ficar assim quietinha, durante dez minutos, como mandam as instruções, e esperar que a pele se purifique com o bálsamo. Ainda não tenho uma ruga, mas a velhice já me assusta. Tenho medo de não conseguir envelhecer bem.

Gostaria de ser como a minha mãe, que aceitou a chegada dos primeiros cabelos brancos como se de madeixas se tratassem e só depois dos sessenta é que aceitou em disfarçar as mechas alvas, misturando-as com loiras. Já tem na cara meia dúzia de vincos e uma ou outra mancha de pele. Mas está ótima, simplesmente porque nem sequer pensa no assunto. Só as fotografias a entristecem porque é aí e só aí que se vê com a idade que tem. No dia-a-dia continua jovem, enérgica, ágil, com tempo e paciência para tudo.

O Ricardo sempre achou que um dos meus maiores problemas era pôr a minha família demasiado nos píncaros. Dizia que isso me desvalorizava aos meus próprios olhos. Ainda e sempre o Ricardo no meu espírito, a memória traçoeira a trazer-me de volta o homem que não me soube amar e que desapareceu para sempre da minha vida. Já não me lembro das discussões nem dos desentendimentos. Já esqueci a tristeza de não conseguirmos ser felizes enquanto estávamos juntos. A memória só me traz os momentos bons, as suas observações pertinentes e os seus comentários inteligentes. Já nem me lembro da cara odiosa que fazia quando se fechava dentro de si mesmo numa caverna negra, funda e incontornável. Só me lembro do sorriso aberto e franco e do olhar doce onde eu cabia inteira lá dentro.

Quando a avó Helena morreu, o Ricardo esteve sempre ao meu lado. Primeiro no velório, depois no enterro e, mais tarde, mesmo quando eu teimava em ir ao cemitério condenar à morte meia dúzia de margaridas amarelas enquanto falava com a terra e deitava cá para fora as minhas mágoas, tal e qual como quando a avó ainda era viva. E o Ricardo, sempre ali, silencioso e solidário, à espera que eu voltasse à realidade, sem nunca se impacientar com os meus silêncios, sereno e reconfortante.

O fio das recordações é cortado pelo toque inconveniente do telefone. É a Luísa a perguntar o que vou fazer. O feriado

é geralmente um estado de desgraça para quem vive sozinho, sobretudo para quem tem bichos-carpinteiros e não sabe estar sem fazer nada. Mas ainda são só onze da manhã, protesto.

— O que é que estás a fazer?

— Uma máscara de pele. E tu?

— Eu já fui beber café, comprei os semanários todos e estava a pensar em ir almoçar à Caparica. Podíamos ir àquele restaurante ao pé da praia onde se comem umas cadelinhas fantásticas e apanhar um bocado de sol...

Espreito pela janela mas o céu não se apresenta com a cor adequada para passeios de fim-de-semana.

— Está um bocado mau tempo... e se fôssemos ao cinema?

— Lá estás tu com a mania do cinema. Cada vez que saímos é para ir ao cinema.

— Bem, eu vou ao cinema e tu comes gajos. Como vês, é um hábito como outro qualquer...

— Lá vem o discurso da viúva basca. Tu é que deves a precisar de ir menos ao cinema e fazer mais outras coisas... a propósito, o que é feito do Francisco?

— Não faço ideia — respondo lacónica. — Mas se quiseses saber posso dar-te o telefone.

— Não é preciso. Já tenho. Pedi-o ao Gonçalo antes de lhe comprar um par de patins. Aliás, até tinha alguma vontade de lhe telefonar, mas não queria falar-lhe sem saber em que fase é que vocês estão.

— Não estamos em fase nenhuma, porque não se passa nada. Por mim estás à vontade, se quiseres acrescentar mais um Francisco à tua colecção, força!

— Bom, o melhor é conversarmos sobre isso depois. Aliás, ele nem faz muito o meu género, fisicamente, quero dizer. Mas parece-me ser uma boa companhia, e também não como tudo o que me aparece à frente!

Gosto da Luísa porque é uma pessoa directa e sem meias palavras. Se achasse piada ao Francisco seria a primeira coisa que ela me diria. Afinal só quer companhia.

— Vamos lá então à Caparica.

— Ok. Passo a buscar-te à uma, está bem?

— Até logo.

Se todas as amigas fossem assim, a vida das mulheres era bastante mais fácil. A Luísa terá os seus defeitos, mas com ela é tudo preto no branco, ou sim ou sopas. Talvez lhe fizesse bem apanhar pela frente um homem como o Francisco, que lhe desse volta à conversa e a tratasse como uma mulher. À força de ser tão independente e ambiciosa, está cada vez mais masculina. É ela que manda, que põe e dispõe. Ou me engano muito ou é este o tipo de mulher que mais anseia que se lhe atravessasse no caminho um homem com pulso e lhe refreie as vontades. E o Francisco talvez tivesse essa capacidade. É engraçado. Quando outro dia ele se meteu com ela em casa da Catarina só para me chatear fiquei irritada. Mas foi puro orgulho ferido. Eu não gosto dele. Talvez até gostasse de gostar, mas não gosto. Não tenho um coração democrático como o Zé Miguel. Só cabe lá uma pessoa de cada vez.

O telefone volta a tocar.

— Bom dia, minha senhora. Daqui fala o espião dos mármore... como tem passado vossa excelência?

— Mau, não me digas que a Luísa já te ligou...

— A Luísa? Porque é que havia de me ter ligado? Acordei agora mesmo e apeteceu-me saber como está a viúva basca mais portuguesa de Portugal.

— Estou bem, obrigado.

— E o que é que vais fazer hoje?

— Vou almoçar à Caparica com a Luísa. Programa de mulheres interdito a presenças masculinas.

— Está bem, está bem. Também não me estava a fazer convidado.

— Contigo nunca se sabe.

— Bom... e logo à noite, não queres ir jantar? Descobri um restaurante delicioso de uns suecos no Cais do Sodré onde se come uma *mousse* de chocolate divina...

A palavra *mousse* estimula imediatamente as minhas papilas gustativas.

— E vem mais alguém?

— Isso é contigo. Podias dizer ao João e à Teresa e à Mariana, por exemplo. Ou podemos ter os dois um *tête-à-tête*, o que é que achas?

Não há dúvida que o Francisco é um tipo esperto. Entre a conversa de quem vai e não vai já partiu do princípio que vamos jantar. Está bem, não o vou contrariar.

— Depois, podíamos ir a uma sessão da meia-noite ver aquele filme com a Julia Roberts...

— Pronto, já me convenceste.

Combinámos encontro no restaurante às nove. Prefiro assim, pelo menos mantenho-o afastado da minha porta. Já não se vai pendurar ao fim da noite com a desculpa de me dar boleia.

A Luísa chega pontualmente à hora combinada e rumamos em direcção à Caparica. Durante a viagem a Luísa explica-me porque é que vai trocar o Honda V-Tec por um BMW desca-potável. Quer começar o Verão em estilo. Ainda me tenta convencer a comprar a versão Ferrari-de-periferia que, segundo ela, está impecável. “Trocavas aquele Golf sem personalidade nenhuma e ficavas com um carro mais original, mais moderno, não achas que era porreiro?”

Inútil explicar à Luísa que o que eu gosto no meu “Golfinho” é o facto dele ser discreto, cinzento e rigorosamente igual a milhares de outros. A seguir tenta convencer-me a ir às Caraí-

bas passar uma semana de arrasar. Explico-lhe que nem sequer sei quando é que tenho férias por causa da revista e que além disso as Caraíbas estão alguns zeros acima do pecúlio destinado ao lazer. E então apercebo-me que ainda nem sequer pensei nas férias porque não tenho com quem as passar. No ano passado fui ao Douro com o Ricardo. Em Setembro, o Douro parecia pintado pela mão de um génio italiano renascentista e as vinhas estavam carregadas de sumo. Passeámos a pé horas e horas, subindo e descendo colinas, violando a propriedade privada sem nunca nos preocuparmos com eventuais sanções por invasão. Percorremos várias quintas e à noite, em camas seculares perdidas em quartos imensos de granito e gigantes-cas cortinas de veludo, fazíamos amor com mais amor do que alguma vez eu julgara possível...

— Olha lá, não ouviste absolutamente nada do que te acabei de dizer, pois não? — A Luísa passa a palma da mão poucos milímetros à frente dos meus olhos como se quisesse apagar-me as memórias.

— Desculpa. Estava-me a lembrar das férias do ano passado no Douro com o Ricardo.

— O Ricardo, outra vez e sempre o Ricardo! Será que não consegues tirar esse homem da cabeça? Não percebes que enquanto não saíres dessa não consegues fazer nada da tua vida? Se eu fosse como tu ainda agora estava a chorar o Pedro, o Luís, o Carlos, o teu primo Zé Miguel, o Jorge, o Filipe, o Manel e sei lá mais quantos!...

— Dispensó esse tipo de comparações. Metes tudo no mesmo saco e para ti cada homem é só mais um que serve para te esqueceres do anterior e tomares balanço para o seguinte. Não gostaste de nenhum deles, senão não terias tido energia para tantos, não vês a diferença? Eu também já tive vários homens, mas com o Ricardo foi diferente, eu gostava mesmo dele e fiz tudo o que estava ao meu alcance para que a nossa relação durasse...

— Como é que sabes que nunca gostei de nenhum deles? Não sabes que uma mulher só se deita com um homem por duas razões, amor ou interesse. Achas que eu tinha qualquer tipo de interesse por algum dos meus namorados? Já me viste alguma vez encostar-me a um homem para obter o que quer que fosse? Sempre foi exactamente o oposto! Eram sempre eles a pedirem-me isto e aquilo, sempre fui eu que dei os presentes caros, sempre fui eu que paguei a casa, as contas, os seguros dos carros quando eles estavam à rasca. Não te lembras do Manel, sempre a chorar por umas gravatas da Façonnable? Como vês, nunca nenhum me deu nada além de umas noites de prazer. E provavelmente alguns deles nem me deram nada porque provavelmente não lhes dei tempo para entrarem na minha vida, mas isso não quer dizer que não tenha gostado deles.

— Então debes ter um coração enorme tipo Boeing 747 onde cabem muitos passageiros, uns em primeira e outros em turística...

— É evidente, minha cara, evidente e elementar. Todos esses homens que entraram e saíram da minha vida quando e como eu quis, todos sem excepção, tiveram o seu pequeno lugar no meu coração. Nunca me deitei com nenhum que não me encantasse por alguma razão, embora na maior parte das vezes eu soubesse de antemão que esse tal encanto ou qualidade era mais fruto da minha imaginação optimista, muitas vezes já em avançado estado de delírio com o álcool como principal catalisador, mais do que qualquer outra fonte verdadeira. Mas amei-os a todos à minha maneira, tal como alguns deles me amaram, muitas vezes sem sequer o saberem. Tu, pelo contrário, concentraste tudo no mesmo homem e quando ele se foi embora, estamos todos ainda sem perceber porquê, fechaste-te na concha com cara de vítima nuclear à espera que a vida te trouxesse na volta do correio um qualquer Príncipe Encantado que te desse tudo aquilo com que sempre sonhaste. E a vida

foi-te passado ao lado, a ponto de já não saberes o que fazer quando um homem te aparece à frente e te puxa para a vida. Olha o Francisco, por exemplo: é bastante óbvio que está doidinho por ti e tu não dizes que sim nem que não, ficas-te pelo talvez um dia, como se se tratasse de colocar a cenoura sempre alguns metros à frente do nariz do burro. Um dia destes ele farta-se de fingir que tem orelhas compridas e quando se cansar é que vais perceber que afinal te podia ter interessado.

— Se é aí que queres chegar já te disse que estás completamente à vontade. Não tenho nem vou ter um caso com o Francisco, por isso... amigo não empata amigo! Caso o queiras, o caminho está livre.

A Luísa bate com as mãos no volante visivelmente exaltada.

— Não é nada disso, não sejas parva, por amor de Deus! Já te expliquei há bocado ao telefone que não me interessa nada o Francisco, o que me preocupa é que tu tenhas perdido a capacidade de te divertires e de aproveitares o que a vida te traz. Deixa-te ir, não penses tanto, bolas, goza a vida e deixa-te de merdas!

As últimas palavras foram ditas alto, talvez demasiado alto para o que a Luísa e eu estamos habituadas a usar nas nossas conversas. Opto por me calar e encolho-me no banco do Honda V-Tec. A meu lado as árvores correm umas atrás das outras em sentido contrário com os ramos inclinados para trás, e fixo o fio branco de tinta da berma para não enfrentar o olhar da fera. Chegámos aos sinais da entrada da Caparica e a Luísa pousa carinhosamente a mão direita no meu joelho.

— Vá lá, não nos vamos chatear por causa do gajo que ainda por cima nenhuma de nós anda a comer!...

Passa pouco das duas quando chegamos à praia. Está um sol radioso apesar do vento fresco e cortante. A Luísa abre a mala do carro onde estão vários sacos de roupa, um *nécessaire*, um

secador de cabelo, duas gabardines, sacos de pano com sapatos, um *tailleur* com o invólucro da lavandaria e resmas de papéis timbrados da agência misturados com *dossiers* e pastas de documentos, tudo numa amálgama anárquica de cores e formas.

— Porque é que andas com esta tralha toda na mala?

— É o meu espírito nómada — responde com um sorriso. — Quando uma pessoa não sabe onde vai dormir, o melhor é estar sempre preparada para qualquer eventualidade — diz enquanto retira do fundo um saco colorido. — Aqui está! Queres deixar alguma coisa dentro da mala? — Ainda hesito, mas como não preciso de nada a não ser dos óculos escuros e não gosto de andar carregada, guardo a mochila na mala e vamos as duas para a praia.

À entrada paramos no bar para comprar duas Coca-colas de lata e caminhamos descalças pela areia até encontrar um espaço suficientemente afastado de todas as outras pessoas que tiveram a mesma ideia que nós e se sentam aqui e ali em grupos de dois e três a gozar a tarde de sábado.

— Desculpa aquilo há bocadinho. Não tenho nada a ver com a tua vida, nem com o Francisco, nem com nenhuma dessas merdas. É que me dá dó ver-te por aí aos caídos por causa dum gajo que desapareceu e que se deve estar completamente a cagar para ti. Mudaste muito desde que ele apareceu, tenho saudades da outra Madalena. Ele tirou-te o brilho, a alegria de viver, transformou-te numa pessoa triste e soturna e isso não lhe perdoo.

Mais uma vez a Luísa está certa. Como estava certa a Catarina quando dizia que a nossa vida não é mais fácil que a dela, é só mais leve e mais vazia.

Deito-me na areia e sinto o sol a queimar-me a cara. Espreguiço-me longa e lentamente.

— Tens razão, preciso de ouvir essas coisas para ver se volto à realidade. Ando sempre no mundo da lua. No fundo

não passa de uma defesa para viver melhor o dia-a-dia. Cada um tem os seus processos. O teu é a fuga para a frente; o meu é o casulo. O da Catarina é a indiferença, o da Mariana é a preguiça. Estive ontem a jantar em casa da Catarina e o Bernardo anda outra vez a fazer das suas.

— Pois anda. Ainda ontem o vi com uma miúda à entrada da Kapital... não tenho bem a certeza se estavam juntos, mas pareceu-me que sim. Até foi ela que me chamou primeiro a atenção porque tive a impressão que conhecia aquela cara, mas não consegui localizar donde seria. Se calhar era alguma estagiária que passou lá pela agência, sabes como é, ao fim de dez anos é impossível uma pessoa lembrar-se das caras todas.

— Não me espanta nada que estivesse com uma qualquer! Ele tem uma lata! Ligou-me para a revista já passava das sete, a pedir-me para ir jantar com a Catarina porque tinha um jantar com uns tipos lá do banco e uma reunião a seguir, tás a ver, numa sexta-feira à noite!

— E tu não lhe disseste nada?

— Bem, às tantas irritei-me porque ainda teve a lata de negar que era um esquema e mandei-o à merda.

— Isso é que foi uma coisa bem feita.

— Não, Luísa, bem feito foi ir jantar a casa da Catarina e consolá-la das merdas que o gajo lhe faz e chegar a casa com a cabeça em água por a ver naquele estado!

— Também se queres que te diga não percebo porque é que a Catarina se chateia. O gajo sempre foi assim.

De repente a expressão da cara endurece-se.

— Vou contar-te uma coisa que nunca contei a nenhuma de vocês, mas tu queres acreditar que o gajo se meteu comigo no próprio casamento?

— O quê?!

— Apanhou-me a passear nos jardins do Palácio de Queluz no copo d'água, lembras-te? Já eram umas três da manhã e

agarrou-me pela cintura, deu-me um beijo na boca e tive de lhe dar uma estalada para me largar!

— Que horror!

— Horror foi pensar que alguém podia ter visto a cena e pensado que eu andava metida com o recém-marido de uma das minhas melhores amigas! Felizmente a história morreu ali e ele nunca mais se meteu comigo. Nunca reparaste que ele comigo é sempre um bocadinho cerimonioso?...

— Agora que me dizes...

Calo-me durante alguns instantes, mas pouco depois assalta-me a dúvida habitual, a dúvida de sempre quando relaciono a Luísa com um homem. E não resisto a fazer a pergunta fatal:

— Ouve lá.... Tu nunca andaste com ele?

A Luísa olha-me e abana a cabeça com um sorriso cúmplice:

— Mas tu achas-me capaz de me enrolar com o namorado ou marido de uma amiga minha, que eu tenho em conta de ser um grande cabrão, quando ainda por cima a adoro? O celibato anda-te a fazer mal, filha, estás um bocadinho baralhada.

A sua franqueza não deixa dúvidas.

— Lá estás tu com a mesma conversa! Andas mesmo obcecada com a minha vida sexual!...

— Cada um fala do que lhe faz falta — suspiro em uma só voz.

— É o que eu digo, tu estás a precisar de dar uma reviravolta na tua vida. Porque é que não mandas umas trancadas ao Francisco? Ele tem cara de boa cama...

— E podes-me explicar o que é cara de boa cama?

— Sei lá, vê-se no olhar, nos gestos das mãos, não sei. É uma coisa instintiva.

— E o Gonçalo era boa cama?

— O Gonçalo usa *boxers* tamanho *small*. Respondi à tua pergunta?

— Mas então se querias mandar uma trancada e topaste com toda essa tua sabedoria de Mata Hari que o Francisco devia ser boa cama e o Gonçalo nem tanto, porque é que escolheste o Gonçalo?

— Porque o Francisco se fixou logo em ti, e eu não misturo as minhas amigas com os gajos que como.

— Queres dizer que se o Francisco te tivesse dado conversa, tu tinhas tido uma aventura com ele, tanto te fazia um como outro???

— Não é isso que estou a dizer. O que estou a dizer é que naquela noite me apetecia dar uma trancada e o Gonçalo resolveu-me o assunto.

— E essa merda leva-te a algum lado?

— Não, mas também não é essa a ideia. A ideia era só dar uma boa queca. Estás a ver, é como a anedota da queca mágica, a do gajo que está a dar uma grande conversa a uma miúda num bar e quando ela está pelo beicinho pergunta-lhe se ela gostava de dar uma queca mágica. A donzela, embevecida, pergunta como é e ele explica: eu dava-te a queca e tu desaparecias!

Escangalhamo-nos as duas a rir. Há muito tempo que não ouvia uma piada tão boa. Rio perdidamente, até me começaram a cair lágrimas pela cara abaixo. Embaladas pelo hilário, enveredamos pelo caminho sinuoso e um pouco turvo das anedotas porcas. Quando começa a ficar frio olho para o relógio e já passa das seis. Decidimos ir beber um café e voltar para Lisboa. Antes de entrarmos no carro peço à Luísa que abra a mala do carro para tirar a mochila.

Não está lá. Olho estupefacta para o sítio onde devia estar e não a vejo. E o mais curioso é que não falta mais nada: toda a tralha da Luísa continua lá, intacta, como se não fosse boa para roubar. Não estou a acreditar no que me está a acontecer. A Luísa também não. Experimenta a fechadura várias vezes para se certificar que não está estragada.

— Que estranho... isto não parece arrombado...

Estamos as duas em estado de choque. Tenho a certeza que fechei bem a mala, repete a Luísa em surdina. Sinto o sangue a fugir-me da cara. A minha vida estava toda dentro daquela maldita mochila. TODA. Os meus documentos, as minhas pinturas, fotografias da sobrinhada e do Ricardo, as minhas chaves, a minha escova de cabelo de pêlos de javali que tenho desde os dezoito anos, o meu *filofax*. O pior é o meu *filofax*! Os telefones todos, de toda a gente, perdidos, nas mãos dum larápio qualquer! Começo a chorar em silêncio, desta vez sem conseguir parar, até ficar submergida em soluços. A minha vida toda nas mãos doutra pessoa. Dum gajo qualquer que pensava que ia sacar umas massas. E eu com quinhentos escudos na carteira! E o pior é o cartão de crédito! Não te preocupes, diz a Luísa. Eu tenho aqui o número do serviço de atendimento permanente e eles anulam-te já isso. Em dois minutos descobre o número de telefone na agenda dela e ligo para anular o cartão. Uma voz seráfica pergunta-me do outro lado se sei o número. Não, não sei, mas as lágrimas devem passar pelo fio porque a mesma voz acalma-me e garante-me que vai anular imediatamente o cartão, que eu só tenho de ligar mais tarde a dar o número que devo ter em casa em qualquer lado. Agora voamos baixinho a quase a duzentos à hora para voltar para casa. Pelo caminho telefono à Virgínia e passamos por casa dela a buscar a chave sobresselente. A Luísa está desolada, eu, inconsolável. Censuro-me por ter deixado a carteira na mala do carro.

— Como é que fui tão estúpida em ter feito isto? — repito compulsivamente.

— Deixa lá — apazigua a Luísa. — Tantos anos armada em nómada com montes de merda na mala e nunca fui assaltada. Isto foi um azar, mais nada.

— Pois. Um azar que me fodeu a vida — resmungo entre dentes.

Revejo mentalmente todos os objectos que perdi e invade-me uma angústia horrível. Só em pinturas são mais de vinte contos. O *filofax* também não foi barato, mas o que tinha lá dentro, então isso não tem preço! É uma perda incalculável. Poemas soltos, ideias para artigos, contactos valiosíssimos, telefones secretos, e os cheques, meu Deus, esqueci-me que ainda tinha meia dúzia de cheques numa das bolsas do *filofax*! E o pior são as chaves do meu carro e as de casa! Depois de um telefonema rápido apanhamos a auto-estrada de Cascais e saímos em direcção à Amadora onde vou num pulo a casa da Virgínia buscar o duplicado de chaves da minha casa. A Luísa liga para a mãe que por acaso tem um vizinho que por acaso trabalha nas chaves do Areeiro e por acaso faz uns biscates por fora e que por acaso até estava em casa e até tinha umas fechaduras sobresselentes e que por acaso tinha o fim da tarde livre para ir lá a casa mudar-me a fechadura da porta de entrada. Continuo em estado de choque a ver a Luísa resolver-me a vida. Quando chegamos a casa sento-me no sofá e é ela que recebe o homem e lhe passa o cheque, é ela que procura na minha escrivaninha o papel do Visa com o meu número de cliente, é ela que o anula, que me vai fazer um chá de cidreira e me dá dois *Lexotans*, me remexe na carteira de cheques para tentar perceber que números é que faltam na sequência para se poder dar baixa no banco.

No meio da confusão toda telefona o Francisco, e antes que eu lhe diga que não quero ver ninguém desliga o telefone e aparece pouco depois com cara de enterro. Telefona a um antigo amigo do liceu que dá pelo nome de Beto, que tem uma representação de peças para automóveis, explica-lhe sucintamente a urgência e este aparece meia hora depois para levar o carro e mudar as fechaduras durante o fim-de-semana. O Beto promete que, no máximo, segunda-feira à tarde, o carro já está pronto. É que com o livrete os larápios podem muito bem ver a

morada e com a chave na mão não lhes custaria nada vir buscar o bólido, comenta o Francisco, como se estivesse habituado a resolver este tipo de problemas todos os dias.

São dez da noite quando chegamos à conclusão que já não podemos fazer mais nada por agora. Sinto-me ligeiramente mais calma, provavelmente porque me impressionou a competência e eficácia da dupla mágica, e os *Lexotans* também deram a sua contribuição. A Luísa despede-se carinhosamente e ordena ao Francisco que me leve a jantar fora, mesmo que eu não queira, para ver se me distraio um bocado.

— Vamos lá então aos tais suecos para ver se curas as mágoas com a *mousse* — diz o Francisco com um ar adorável. — Vais ver que ainda aparece tudo. Os gajos só querem dinheiro para comprar droga, metem-te as coisas num contentor ou deixam-nas num sítio qualquer, e um dia destes ainda te telefona uma Alzira qualquer, “Tou Xim? É de casa da Dona Madalena? É que temos aqui uma carteira de pele genuína!”.

A cara transfigura-se ao fazer a imitação imaginária da minha imaginária salvadora e estalo em gargalhadas compulsivas e nervosas onde descarrego grande parte do *stress* que me sufoca a cabeça e me tolhe os movimentos.

Chegámos ao restaurante às dez e meia e conseguimos com alguma dificuldade persuadir o empregado a convencer o chefe a não fechar a cozinha e a fazer-nos um “bife com molho maluco” como reza na ementa. Nem quero saber o que é o molho maluco, mando logo vir uma garrafa de *Quinta do Côtto* Tinto e bebo dois copos antes do dito bife me aterrar na mesa. O Francisco está fascinante; conta histórias do liceu, peripécias de um *inter-rail* que fez com o Gonçalo antes de entrarem para a faculdade, as aventuras funestas do amigo Beto que antes de ter uma representação de peças assaltava bombas de gasolina e esteve seis meses preso por tráfico de haxixe que trazia de Marrocos à mistura com uns quantos tapetes, e ainda

outras histórias dos trabalhadores da exploração de mármore, como a do capataz responsável que um dia foi encontrado a chorar sentado ao canto do escritório porque o filho mais velho tinha injectado gasolina no rabo do gato de estimação e apertado o corpo a todos os pintainhos da capoeira para lhes ver sair fios da boca. A esta altura do campeonato já despachei o bife e peço-lhe que mude de assunto para não me estragar o prazer de saborear a *mousse* que é de facto sublime. Apesar do entusiasmo que me esmaga, ainda consigo recusar a terceira garrafa de vinho porque já me sinto com menos dez anos e menos vinte quilos e temo seriamente pela minha estabilidade.

O Francisco pede-me que me sente ao colo dele e tira do bolso de trás uma declaração escrita à máquina em papel azul de 25 linhas que começa a ler baixinho ao meu ouvido

*Eu, Francisco Pimenta Rocha Machado, nascido a 20 de Agosto do ano da Graça de Nosso Senhor de 1964 e baptizado na Igreja de Todos-os-Santos pelo Padre Alberto Sousa que Deus tem no dia 20 de Setembro do mesmo ano, portador do bilhete de identidade número tal e tal, do Arquivo de Identificação de Lisboa declaro-me irremediavelmente apaixonado por Maria Madalena Coutinho de Sousa e Sá, nascida a 13 de Maio de 1965 na Freguesia da Lapa, filha de José de Sousa e Sá e de Leonor Sancho Coutinho, portadora do BI nº 5945957 do Arquivo de Identificação de Lisboa, residente no Bairro Alto com a profissão de jornalista de revistas cor-de-rosa e com aspirações a grande repórter, portadora de um par de pernas absolutamente extraordinário e de um trauma de origem basca, o qual pretendo enterrar de vez, esperando que com o meu fervor e interesse pela citada a possa fazer feliz, se não para sempre, pelo menos enquanto ela o permita, constituindo assim com a referida um casal de namorados piroso q.b. que o tempo e a vida destinarão se com futuro ou não.*

*E para que este documento seja válido aos olhos alheios rogo a dois presentes que nos dêem o seu aval, assinando com letra de lei o que aqui declaro como verdadeiro, válido e correcto.*

Assinado Francisco Pimenta Rocha Machado.

Começo a chorar e a rir ao mesmo tempo como se tivesse oito anos e alguém me tivesse oferecido o último modelo da Barbie. Sinto-me completamente idiota e profundamente feliz. Ao nosso lado um casal de estrangeiros com pinta de nórdicos que não percebeu uma palavra, mas parece ter adivinhado o sentido de toda a cena, oferece-se para assinar o papel onde ficam registados dois nomes ilegíveis onde só descortino a custo Ingrid e Hans.

— Tenho uma ideia — sussurra o Francisco. — Porque é que não vamos dormir a um lugar qualquer romântico, a Sintra, por exemplo?

— A Sintra? Que falta de imaginação! Para Sintra vai toda a gente! Vamos mas é para Évora que é mais longe e está-me a apetecer andar de carro!

E, antes que mude de ideias, o Francisco paga a conta enquanto o diabo esfrega o olho e passamos por minha casa para fazer uma minimala. O Francisco tem um frasco de *after-shave* e uma escova de dentes no porta-luvas e não precisa de roupa porque pode ir à herdade amanhã buscar umas calças e uma camisa e por isso encurta as preparações. Enquanto arrumo o meu saco o Francisco espera-me na sala.

— Já vi que arrumaste a fotografia do Ricardo — comenta o Francisco. — Fico tão contente... — e dá-me um beijo enorme, lânguido, doce, com sabor a chocolate. Apetece-me fazer amor ali mesmo, mas opto por fazer render o prazer e levar em banho-maria o desejo durante a viagem de carro.

Passamos a ponte em dois tempos e a auto-estrada espera-nos, muito ordeira e alinhada com os candeeiros mono-

tonamente acesos uns atrás dos outros qual pista de aterragem e os traços descontínuos a correrem uns atrás dos outros num contínuo infinito e regular que me encandeia e em embala. O Francisco exhibe discretamente uma colecção de CD irrepreensível com pérolas notáveis que incluem Harry Connick Junior, John Cale e o meu preferido de sempre, Caetano Veloso.

Uma hora e meia depois chegamos a Évora onde já tínhamos um quarto reservado por telemóvel a partir da portagem de Setúbal. Maravilhas das telecomunicações modernas.

Depois de preencher os impressos da praxe somos conduzidos por um empregado já com uma certa idade, que se faz acompanhar de uma careca lustrosa, a um quarto magnífico, com uma cama alta, adornada com um dossel. Sinto-me menos bêbeda do que há um hora mas continuo inundada por uma felicidade estúpida e revigorante. O Francisco pousa os sacos, agarra-me pela cintura e começa muito lentamente a desapertar-me o casaco de malha, depois a camisa, depois o fecho das calças e eu deixo-me ir, devagar e depressa ao mesmo tempo, sem tempo para pensar...

## VIII

**P**ronto. Já está. Levantei definitivamente o luto. Acordo com um fio de sol a bater-me suavemente na cara. De dia o quarto ainda é mais bonito. O meu corpo descansa, quente e saciado, envolvido nos lençóis alvos e macios de linho antigo. Fecho os olhos para ter o prazer de os voltar a abrir e reviver cada segundo. O Francisco está deitado ao meu lado e faz-me festas no cabelo devagar, meticulosamente, como quem penteia uma boneca de colecção.

— Acordas sempre com essa cara de bebé?

— Não, só quando tenho sonhos cor-de-rosa.

Espreguiço-me devagar, estico primeiro os braços para cima, depois as pernas até aos calcanhares e depois até à ponta dos dedos. Estou mergulhada em bem-estar, sinto-me feita de mel.

— Então, afinal, sempre és minha namorada?

— O que é que te parece?

— Parece-me bem.

E não dizemos mais nada. Ficamos os dois enrolados, unidos num só corpo durante um tempo que pode ser um minuto ou uma hora até adormecermos.

Quando acordo o Francisco está a tomar duche. Entra na banheira sorrateiramente, agarro-o pelo peito e assim permanecemos algum tempo. Depois, começa por me ensaboar os pés, as pernas, as ancas, a barriga, as costas, o peito. Estamos os dois muito excitados e fazemos amor ali mesmo, debaixo da água que corre como uma cascata em cima das nossas cabeças. O Francisco pega-me ao colo e saímos da banheira para nos deitarmos outra vez na cama. O seu corpo parece-me cada vez mais perfeito, moldado ao milímetro à medida do meu, como um molde de artesanato feito com todo o cuidado e precisão. Agarro-o com força, enterro a cara na sua pele, puxo-lhe os cabelos e deixo-me ir, mais uma vez, a terceira desde ontem à noite, cada vez mais depressa numa corrida feita de prazer até à recta final. Ele vai e vem, demora-se como quem saboreia um prato que não quer nunca que acabe. A pouco e pouco deixo de sentir o peso da gravidade, esqueço todos os medos e as tristezas, como se renascesse outra vez nos braços deste homem.

Já passa da uma quando saímos do quarto. À entrada da Pousada cruzamo-nos com um casal de americanos que acaba de chegar e olha com estupefacção a armadura seiscentista que decora o *hall*, comentando com um sorriso Pepsodent: *Jeeee! This must be very old*. Velhos são eles, coitados. A soma de idades deve rondar os cento e oitenta anos. Viro-me para eles e imito o Jeremy Irons em *Reveses da Fortuna*, fazendo uma cara sinistra e uma voz cava: *You have no idea*. O casal sorri perplexo e saímos porta fora com um ataque de riso incontrollável.

Évora está pacata e ensolarada e tropeçamos imediatamente no Templo de Diana. O Francisco sobe para as ruínas e enceta uma dissertação algo confusa e bastante espirituosa sobre a caça e o amor, que é interrompida ao fim de escassos

minutos por um agente da autoridade que se aproxima batendo ritmicamente com a ponta do cassete na palma da mão.

— O senhori é favori descer daí.

O Francisco obedece e desculpa-se.

— O sôr agente desculpe, mas é que estou apaixonado por esta menina e um homem perde o juízo quando fica neste estado.

Está esfuziante, como uma criança de quatro anos a quem acabaram de dar um comboio a pilhas com uma pista de dez metros. Brinca, ri-se, fala pelos cotovelos e em catadupa coisas sem interesse, mas nenhum de nós se importa. Se não estivesse a atravessar o mesmo estado de aparvalhamento amoroso acharia tudo isto ridículo. Agora só acho ridículo quem não aceita este estado de graça.

A certa altura pergunta como quem não quer a coisa: ouve, querida, não queres dar um salto a Vila Viçosa e lanchar com eles lá em casa ? É que já não trouxe roupa e aproveitava e passava pelo escritório a buscar umas papeladas que me dava jeito levar para Lisboa...

Fico sem saber o que responder, caída das nuvens a mil à hora. Viver um romance com o Francisco é uma coisa; conhecer a família e beber chá com a mãe é outra e não está minimamente dentro daquilo que idealizo como um fim-de-semana idílico.

— Não será um programa muito romântico, mas pelo menos eu mudava de camisa — remata o Francisco com um argumento irrefutável.

— Está bem —, acabo por aceder. Mas só amanhã. Além disso temos de estar em Lisboa ao fim da tarde porque combinei ir jantar com o meu primo Zé Miguel. Então hoje passamos o dia só os dois, pode ser?

O Francisco dá-me um beijo, decerto agradecido com a minha disponibilidade. A verdade é que não me apetece nem

um bocadinho conhecer os pais dele, mas isso é só amanhã e hoje está tudo tão bom...

— Vamos almoçar ao Fialho, o que é que achas?

— Está bem, mas antes disso vamos procurar uma loja onde possas comprar roupa para não começares a cheirar mal — respondo com tom trocista. Como se tal fosse verdade. O Francisco faz parte do ínfimo e privilegiado grupo de homens que não cheira a homem. Ou então sou eu que estou tão cega de paixão que só o vejo filtrado, como um director de fotografia de uma comédia romântica, onde todas as cores e tons fazem dos actores seres perfeitos e isentos de pêlos, borbulhas, caspa e pontos negros.

Almoçamos que nem reis: eu como uma sopa de cação, deleitando-me em seguida com perdiz com molho de uvas, e o Francisco delicia-se com uns lombinhos de javali com puré de maçã, tudo bem regado a *Esporão 91*, depois de um empanturrango que ronda a imoralidade em petiscos e acepipes vários.

No final do repasto sinto-me tão alentejana que só me apetece dormir a sesta à sombra de um chaparro. O Francisco, pelo contrário, revela-se enérgico e cheio de dinamismo: obriga-me a ir visitar a Capela dos Ossos onde uma frase cabalística nos recebe à porta: “Nós, os ossos que aqui estamos, pelos vossos esperamos”. Não me deixa na melhor das disposições ver tanta ossaria junta, ainda que disposta de forma, posso afirmá-lo, artística. Saímos depois de uma visita rápida e regressamos à Pousada. Mal entramos no quarto o Francisco empurra-me suavemente para cima da cama e quer fazer amor outra vez, mas eu não. Houve qualquer coisa na visita à capela que me atormentou, como se de repente tivesse tomado consciência de que por mais feliz que me sinta, não vale a pena fazer grandes festas nem lançar grandes foguetes porque um dia tudo isto vai acabar, como acaba tudo, como acabou a avó Lena e o meu amor com o Ricardo.

O Francisco desiste de me seduzir, em vez disso pede-me para falar e lhe dizer as razões da minha tristeza súbita. Abro a alma e conto-lhe tudo: o desgosto da morte da minha avó, a solidão e o desencanto de ter perdido o Ricardo e não nos termos sabido amar, a frustração de não ter uma família, a vontade de ter filhos, o medo de nunca deixar de ser uma repórter de segunda numa revista de fofocas e entrevistas cor-de-rosa, a pena que tenho da Catarina e a raiva que sinto pelo Bernardo, a preocupação com que vivo pela Mariana, tão só e farta de viver, a inveja que sinto da Luísa por ser tão independente e bem sucedida. O Francisco escuta, atento e silencioso, lendo-me nos olhos o que não ousou dizer.

— Mas, minha querida, tudo isso tem solução: se queres o teu basco de volta eu posso ir lá buscá-lo por ti, basta dizeres-me onde é que ele mora. Se, pelo contrário, não o queres, e já que és minha namorada, se bem que só há 24 horas, podemos casar e ser felizes para sempre, ter filhos e tudo. Quanto à tua carreira, havemos de te encontrar um lugar de assessora de ministro ou uma coisa assim que te dê aquilo que tu queres, e quanto às tuas amigas, desculpa que te diga, mas achas que elas neste momento estão em casa a pensar nos teus problemas e a matar a cabeça a tentar descobrir a melhor solução para eles? Pensa mais em ti, preocupa-te menos com os outros, saboreia o presente e enterra de vez o passado.

— És tramado — comento já mais aliviada, como se tudo o que ele disse fosse uma boa profecia. — Sabes sempre pôr-me no ponto em que queres. Nem me deixas ser um bocadinho infeliz...

— Tu não queres ser infeliz! Vive todos os minutos de prazer que tens agora, porque mesmo que mais tarde te arrependas, já nada nem ninguém te pode tirar o que viveste. A vida passa demasiado depressa, não se compadece com memórias

nem remorsos. Vive-a com todas as tuas forças, aproveita o bom que ela te dá e apaga as mágoas!

Tudo isto dito devagar, muito devagar, como a melodia de um indiano a enfeitiçar a cobra do cesto.

— Deixemo-nos de conversas e vamos mas é jantar.

— Jantar? Mas ainda agora acabámos de almoçar!..

— E o que é que isso tem a ver com o assunto? Não sabes que no Alentejo é mesmo assim? Vive-se para comer e para dormir. Além disso já viste que horas são?

O relógio marca oito e um quarto e o almoço ainda me está entalado na entrada do estômago. Sinto-me enjoada só de pensar em comida, mas o Francisco acena-me com o porta-chaves e lá saímos outra vez rumo a Estremoz. Fomos jantar a um restaurante romântico e sossegado na praça principal da vila com um nome ainda mais romântico: São Rosas.

— Vais adorar a comida — comenta o Francisco, visivelmente babado pela recepção calorosa que o chefe de mesa, que também é o dono, lhe fez, perguntando efusivamente pela família toda e olhando-me de lado ao mesmo tempo que lhe pisca o olho.

Jantamos divinamente e voltamos a Évora devagar, enrolados ao volante, ele com o braço por cima dos meus ombros e eu muito compenetrada a meter as mudanças. Já não me lembro da última vez que me senti tão feliz. As silhuetas dos sobreiros erguem-se dignas e silenciosas sob o pano solene e tranquilizador do céu azul muito escuro, e vão ficando para trás, como que a dizer adeus, a sussurrar baixinho segredos escondidos na folhagem verde-pálido. O Francisco apaga a música e seguimos assim estrada fora, envolvidos no conforto do nosso silêncio tão cheio e tão doce.

Se isto não é amor, então o amor não vale nada. Estou cheia de energia, de paz, de planos e projectos, de desejos e vontades, sinto-me como se o mundo fosse todo meu, porque

é o meu mundo a crescer outra vez dentro de mim. O cheiro da pele dele inunda-me os sentidos e colo o meu corpo ao dele como se de um só se tratasse. Parece-me que comecei finalmente a amar este homem inteligente, meigo, paciente e bonito que me soube conquistar. E quando chegamos e nos deitamos de novo na cama para nos amarmos outra vez entrego-me toda, como se estivesse a viver os últimos instantes da minha vida, antes de um feroz e brutal cataclismo que assolasse o planeta e nos transformasse a todos em pó e cinzas... mas sei que é apenas o princípio de um amor doce, forte, estimulante e quase me atrevo a dizer, perfeito.

Acordámos tarde, demasiado tarde para o pequeno almoço na Pousada. Arrumámos o saco e saímos rumo a Vila Viçosa depois de persuadir o Francisco a não me levar a conhecer os pais. Espero-o no café central da terra durante uma hora enquanto vai a casa buscar roupa e os papéis que lhe faltavam. Observo em silêncio as pessoas que também ali pastam o seu merecido domingo. Casais de namorados adolescentes, elas de cabelo escorrido, eles de barba mal semeada, que é propositadamente deixada à margem da lâmina em sinal inequívoco dos primeiros ataques de virilidade. Senhoras de cabelos pintados de ruivo e arroxeados, óculos de aros grossos e lentes espessas, tornozelos largos e a expressão amarga que denuncia tantas vezes a meia-idade, cochicham as últimas intrigas da terra. Ao fundo, um casal de velhinhos de porte modesto e sonhador bebe um galão e come cada um o seu folhado coberto de *chantilly*, com a expressão de felicidade bovina própria de quem esperou a semana toda para devorar tal pitéu. Lá fora os homens sentados em pequenos grupos, muitos deles de chapéu preto e braços cruzados, palitam os dentes e dizem graça-las num linguajar melodioso e irreverente que só os iniciados percebem. Ó compadri, ólhe qu'isso nã é bém assim... Só este

sotaque já me põe de rastos e gosto tanta desta gente que me dá pena de não ter nenhuma costela alentejana.

O Francisco regressa sorridente, com um saco de papel e um ramo de margaridas apanhadas no jardim da casa. Bebe-mos um café e voltamos para Lisboa. Durante a viagem telefonou ao meu primo Zé Miguel a desmarcar o jantar. Já não me apetece estar com mais ninguém nem fazer mais nada na vida senão viver este amor. E parece-me que com o Francisco se passa exactamente o mesmo...

## IX

Saio de casa pontualmente às nove e apanho um táxi até à Rua de Santa Marta. Depois de um fim-de-semana em cheio faço um esforço quase sobre-humano para voltar à terra e mentalizo-me que tenho mesmo de tratar da história do assalto. Enquanto o motorista do táxi barafusta contra os outros condutores, buzinando quase incessantemente e fazendo gestos pouco ortodoxos com o braço esquerdo pendurado fora da porta, revivo mentalmente a tarde de sábado, quando me roubaram a mochila numa tentativa de organizar o meu discurso o melhor possível. Devia ter feito uma lista de tudo o que me desapareceu, mas ainda não me consegui organizar sem *filofax*. Vêm-me outra vez as lágrimas aos olhos enquanto revejo na memória tudo o que perdi. Uma bolsinha de pinturas é algo de ridiculamente precioso para uma mulher. Quando tentei explicar isto ao Francisco, ele riu-se e disse-me para ir à perfumaria e comprar tudo outra vez. Vê-se mesmo que não é uma mulher. A bolsa das pinturas é um mausoléu de preciosidades femininas.

Demoramos anos a descobrir o *blush* ideal, o rímel perfeito, o *bâton* da cor certa, o anti-olheiras que não nos deixa com cara de extra-terrestres, aquele *fond-de-teint* suficientemente fino para não se notar e ao mesmo tempo com uma textura consistente para nos esconder as imperfeições, as amostras de perfumes e os lápis para os olhos daquela marca que ainda não há em Portugal e tantas outras pequeníssimas ninharias que para os homens são chinês. Mas a pior perda continua a ser o *filofax*, com bilhetinhos de amor do Ricardo e duas fotografias dele quando tinha quatro anos, adorável, de cabelo aos caracóis e calções aos quadrados numa praia em Santander. Nada disso tem preço. São bocados da minha vida arrancados ao acaso, agora em mãos alheias que os vão certamente destruir.

— A menina desculpe... mas não se está a sentir bem?...

Afinal o taxista só é selvagem fora do seu espaço vital. Olha repetidamente para trás com expressão aflita, como quem acabou de atropelar um cão.

— A menina veja lá, precisa que eu a ajude nalguma coisa?

— Não, não — respondo limpando a cara. — Não se preocupe que eu resolvo.

— Veja lá — insiste o homem, pouco convencido —, se eu puder ajudar em alguma coisa, esteja à vontade. A gente aqui quando transportamos os clientes também ouvimos muita coisa e eu já ganhei assim uma espécie de... de... psicologia, não é assim que se diz? Pois, psicologia para ajudar as pessoas. E olhe que às vezes até tem dado resultado. Ainda outro dia levei uma senhora assim da idade da menina, carregadinha de malas e a chorar que nem uma Madalena, que se tinha zangado com o marido e eu convenci-a a fazer as pazes com ele. Emprestei-lhe o meu telemóvel para ela ligar para casa e lá demos meia-volta. Coitadinha, estava mesmo muito abatida, mas depois lá se resolveu tudo. O marido que veio cá abaixo

buscar as bagagens até me agradeceu! Vocês agora, os jovens, são muito precipitados, estão-se sempre a zangar e depois não sabem como é que se hão-de entender... a menina desculpe a indiscrição, mas também se zangou com o seu noivo?

— Não, não, roubaram-me a carteira.

— Ah, então ele é isso? Pensei que fosse uma coisa séria. Então tem que ir à polícia fazer a participação!

— Mas é exactamente para onde me está a levar!

— Olhe que eles costumam devolver os documentos, eles só querem é dinheiro pró vício, está a ver? A menina tinha dinheiro?

— Não.

— Isso é que é pior. É que os fulanos podem-se chatear e deitam-lhe tudo fora. Mas pode ser que não. A menina reze ao Santo António que ele há-de ajudá-la.

À porta da esquadra pago a corrida com uma gorjeta simpática e despeço-me do taxista com um sorriso de gratidão. Às vezes conforta muito mais a vontade de ajudar do que uma ajuda mendigada.

Sou barrada à entrada por um agente que me pergunta qual é o assunto. Explico-lhe que quero participar o roubo da minha carteira.

— Se a senhora não se importar de voltar daqui a meia hora, é que estão lá dentro a interrogar um detido e aquilo está um bocado bera...

— Meia hora? Mas eu tenho de ir trabalhar.

— Tenha paciência. É que a gente só tem uma sala e estão a interrogar um detido... A senhora faça assim, vá beber um café e daqui a um bocadinho volta e a gente trata-lhe do assunto, está bem?

Obedeço, derrotada pelos factos. Quando regresso, está à porta outro agente de bigode façadunho e cara de poucos amigos.

— Faxfavori?

— Venho participar um furto.

— Pode dirigir-se ali ao guiché — responde entre perdigotos azuis.

Entro para o átrio da esquadra e vislumbro um vulto por detrás dos vidros foscos do dito guché, como dizia o agente bigodudo.

— Faxfavori? — inquire a autoridade sentada numa cadeira de pau. Deve ser a senha da esquadra.

— Venho participar um roubo — respondo com um suspiro.

O subchefe Costa, pelo menos é o que diz na plaquinha que tem pregada ao colete azul-escuro da farda, olha-me inexpressivo.

— É só um momento, por favor. — Atende três chamadas seguidas que passa ao senhor comissário enquanto prepara uma resma de folhas ensanduichadas em outras de papel químico e as enfia com rigor e precisão na ranhura de uma máquina de escrever que é certamente antepassada da minha Remington, a qual já data de 1956. O subchefe de uma esquadra é por assim dizer pau para toda a obra. É ele que toma conta de toda e qualquer ocorrência. De telefonista a secretário, faz um pouco de tudo. Depois de ter tudo preparado, volta a fitar-me com o mesmo olhar vazio que me lembra o dos coelhos do talho onde a minha mãe compra carne.

— A participação é de quê?

— Furto — respondo lacónica.

— Data da ocorrência?

— Perdão?

— Data da ocorrência do furto, minha senhora.

— No feriado passado, dia 13 de Junho.

— Local...

— Praia da Cabana, Costa da Caparica.

— Descrição da ocorrência...

— Deixei a minha mochila na mala do carro de uma amiga e fomos para a praia. Quando voltámos ao carro a mochila tinha desaparecido.

— Umm.... muito bem. E o que é que tinha lá dentro?

— Tudo: chaves de casa, do carro, carteira...

— Do carro em que a senhora ia?

— Não, do meu carro.

— Então a senhora não levou a sua viatura...

— Pois se ainda agora lhe disse que fui no carro de outra pessoa!

— Umm, e mais?

— Carteira com todos os documentos, agenda *filofax*.

— Filo quê?— esqueci-me que entre um polícia e um *filofax* não deve haver muita familiaridade

— É uma agenda com telefones, apontamentos, datas de reuniões, olhe é uma agenda de trabalho.

— Umm... muito bem.

Os dedos tamborilam ociosamente em cima das letras, só dois, porque o subchefe não frequentou certamente um curso de dactilografia ao ingressar na academia. Toc, toc, toc, uma hesitação aqui e outra ali, o trim de quem chega ao fim da linha, o raaac da máquina a passar de linha com o empurrão firme do polegar contra o indicador, tudo a dezasseis rotações. Ao fundo da sala decrépita e encardida, um transistor canta com entusiasmo algo rancoroso, “mentirosa, mentirosa”...

O subchefe trauteia a melodia com ar distante enquanto vai preenchendo os diferentes espaços do formulário da participação. De vez em quando o telefone toca e o subchefe é por duas vezes vítima de telefonemas insultuosos e passa mais três chamadas ao senhor comissário. Olho para o relógio com impaciência. São quase dez e meia e controlo o meu desespero lendo o Quadro de Honra da Polícia que se encontra afixado

no *hall*. Como a lista de objectos furtados é enorme, o subchefe vê-se obrigado a virar a página, opção que executa com lentidão e método, separando as folhas e virando-as ao contrário uma a uma, sem esquecer nunca de as intervalar com o papel químico.

Finalmente acabou a aula de dactilografia. O subchefe aconselha-me a telefonar dentro de uma semana para a secção dos Perdidos e Achados, mas, segundo ele diz, se não tinha dinheiro, é provável que as coisas não apareçam. Chego à conclusão que o melhor é andar sempre com dinheiro, não se dê o caso de ser assaltada e correr o risco de deixar os ladrões com a sensação de estarem a ser defraudados.

Chego à revista às onze e dez e explico sucintamente ao Paulo o que me aconteceu para justificar o atraso, mas ele está mais preocupado com os números da Sabatina que lhe apontam uma descida nas vendas dos dois últimos números. Pergunta-me o que é que eu acho que se podia fazer para melhorar as coisas. Sugiro-lhe uma alteração radical na escolha das capas. Em vez de figuras nacionais, pôr manequins e actrizes. Vendem sempre e além disso as entrevistas e os artigos que as agências de notícias vendem sobre este tipo de celebridades são bastante baratas. O Paulo olha-me desconfiado.

— É claro que podemos fazer isso, mas assim ficamos iguais à concorrência, está a ver? O que distingue a minha revista é que nela só aparecem pessoas de um determinado meio muito restrito a que muito poucos têm acesso. Você não me vê a entrevistar futebolistas, só golfistas, percebe? Não se pode perder este sentido de elite que caracteriza a revista, etc, etc. Vou-lhe dizendo que sim com a cabeça enquanto saboreio com a memória fresca o fim-de-semana. Desde ontem à tarde que não sei do Francisco. Vou esperar que ele diga alguma coisa.

— Bem, já vi que concorda comigo — remata o Paulo com a sua habitual autoconfiança. — Antes que me esqueça, ligou

um Francisco Machado à sua procura hoje de manhã, diz que volta a ligar antes do almoço.

Retomo a rotina mas não me consigo concentrar. Tento puxar pela cabeça e ter algumas ideias brilhantes para o próximo número, mas só me ocorre fazer reportagens no Alentejo ou entrevistar as pessoas do costume.

O Francisco telefona às cinco para a uma.

— Estou cá em baixo à tua espera para irmos almoçar, minha querida. Desces?

Nem me passa pela cabeça fazer-lhe a vida difícil. Voo pelas escadas abaixo e entro no carro de rompante pronta para lhe dar um beijo.

— Comprei-te um presente. Toma. É para ti. — Estende-me um embrulho comprido e leve. É um telemóvel.

— Para que é que eu quero esta merda?— protesto com veemência. Sempre odiei o objecto em si e tudo o que ele representa, mas agora que me vejo com um na mão até me apetece carregar nos botõezinhos.

— É mais seguro para ti. Assim estás sempre em contacto, se tiveres um problema ou uma emergência já não ficas pendurada.

— Está bem. Aceito, mas com uma condição: não me voltas a dar presentes deste género. Prefiro chocolates, discos, coisas mais simples, está bem?

— Está bem. Onde é que vamos almoçar?

— Queres ir a minha casa?

Os olhos do Francisco acendem-se repentinamente. Ponho-lhe a mão entre as pernas para não deixar dúvidas. Apetece-me fazer amor agora mesmo, entre a uma e as duas, que se lixe o almoço.

Saímos da cama às duas e meia à pressa e ele volta a deixar-me à porta da revista. Ainda tenho tempo para comprar uma sanduíche de queijo e um rissol no café mais próximo.

Ao entrar dou de caras com a Odete que me faz um sorriso amarelo. Como estou bem-disposta pergunto-lhe se precisa de alguma coisa.

— Não, nada — responde com ar aflito. Deve querer contar-me alguma coisa, mas ainda não se decidiu.

A Luísa liga a meio da tarde.

— Então, sempre foste jantar com o Francisco?

Conto-lhe em seis parágrafos o jantar nos suecos, a declaração de amor, a viagem para Évora, os passeios e os petiscos e minha escapadela da hora de almoço.

— Muito bem, até que enfim que voltaste ao teu estado normal. Então quer dizer que estamos de caso...

— De caso não, estamos de namoro — afirmo orgulhosa.

— Sempre foste tão formal nestas coisas, é o que te tira a graça. Não vês que um caso é muito mais giro?

— Cada uma com os seus gostos. Tu gostas de ter relações para curtir, eu tenho para investir, percebes a diferença?

— Está bem, mas não fiques muito séria senão o rapaz assusta-se.

— Assusta-se? Já me queria levar para Vila Viçosa e pôr-me a beber chá com a mãezinha e tu achas que sou eu que estou a levar tudo muito a sério?

— Isso é o que ele te diz para ver como é que reages. E tu foste?

— Claro que não.

— Fizeste bem. Aposto nove contra um que ele não queria que fosses.

— Aposto nove contar um que queria.

— Ok, não vamos discutir mais. Fico contente por ti. Agora vê lá se não desapareces, está bem?

Desligo depois de prometer que ainda lhe telefono antes do final da semana.

Pouco tempo depois liga a Mariana.

— Com que então namorado novo?

A esta hora a Luísa já deve ter feito um *mailing*. A Mariana ouviu as minhas descrições e suspira silenciosamente do outro lado do fio.

— E tu vê lá se saís do casulo e também arranjas qualquer coisa — remato com tom de marechal.

— Pode ser que sim, pode ser que sim — abrevia a Mariana com voz de quem não está com paciência para os meus conselhos. Despedimo-nos apressadamente porque me entra pela sala adentro um ramo enorme de margaridas amarelas com um cartão. “*Ainda bem que és a minha namorada. Nunca mais te vou largar*”. Assinado “F”. Eu estou bastante apanhada, mas o rapaz perdeu a cabeça. Acabou de se separar de mim e vamos jantar daqui a um bocadinho, isto já começa a transformar-se numa *overdose*. O Paulo entra com um sorrisinho cúmplice.

— Muito bem, temos mouro na costa!... Veja lá se esse namorado novo não nos arranja umas entrevistas... ele não é primo do Comendador Machado Rocha ?

Por acaso é tio dele, mas respondo que não faço a mínima ideia.

— Então faz mal, Madalena, faz mal. É que esses contactos têm sempre que se aproveitar — e sai, imune ao meu olhar fuzilador. Era o que me faltava, ter o meu director a querer tirar dividendos para a revista à conta da minha vida pessoal.

Como era de esperar não faço praticamente nada a tarde toda. Limito-me a deixar o tempo escorregar-me entre os dedos até às sete, hora que combinei com o Francisco vir-me buscar. Às sete e dez liga-me para o telemóvel de cuja existência entre tanto eu já esquecera completamente, a dizer-me que está lá em baixo. Vem lindo, com uma gravata espectacular onde vislumbro pequenas figuras das fábulas de La Fontaine. Provavelmente se tivesse visto a mesma gravata há um mês teria achado

um toque de imperdoável mau gosto. Mas os meus olhos já perderam objectividade, vêm tudo azul...

Convido-o para jantar em minha casa embora não tenha nada no frigorífico e acabamos por comer umas bolachas e beber leite com Ovomaltine depois de matar saudades. Sinto-me cheia de prazer e de energia, como se tivesse acordado outra vez para a vida depois de uma longa e inútil hibernação. A presença dele é encantadora, adorável, desejável, numa palavra, perfeita. É ele que vai à cozinha e prepara um tabuleiro que me traz à cama com pão, bolachas, doce de ameixa, manteiga e uma caneca de leite com chocolate bem quentinho e sem açúcar.

Acordamos tacitamente que ele dorme comigo e, por estranho que pareça, a ideia não me incomoda.

— Devíamos fazer uma viagem juntos — ronrona o Francisco antes de adormecer. — Íamos ao Brasil ou a Cabo Verde, o que é que achas? — Depois adormece e deixa-me a sonhar acordada durante mais uma hora a programar a expedição, a imaginar já a roupa que levo e as fotografias que vamos tirar.



## **Parte 2**

*Setembro de 1996*



# I

Férias. Passo o ano inteiro a sonhar com elas e quando finalmente chega o dia, invade-me sempre a angústia de não as conseguir aproveitar o melhor possível. O voo está cheio de casais portugueses que também foram recomendados pela agência de viagens. A Ilha do Sal é um destino fantástico por um preço acessível. Dois ou três estão seguramente em lua-de-mel, lê-se-lhes no olhar ausente, quase irracional. Outros já caminham para os “entas” e aparentam a descontração típica dos casais que, apesar de viverem juntos, sabem que de um dia para o outro se podem separar, se acharem que é o melhor que têm a fazer.

Refugio-me no silêncio e o Francisco tenta respeitá-lo, embora com algum esforço. E para não me deixar afastar mentalmente agarra-me a mão como as crianças fazem às mães. Mas pouco depois de estarmos em altitude estabilizada não resiste a tentar uma aproximação.

— Ficas sempre assim tão estranha quando andas de avião?

— Não, só quando tenho uma melga a chatear-me o juízo.

O Francisco vira a cara e opta por não responder. Há já algum tempo que fui ficando assim, fria, cortante, antipática, quase insuportável. A verdade é que nunca tive a certeza que queria fazer esta viagem. Quando há três meses a planeámos tudo parecia perfeito. Mas agora duvido, repenso, hesito e volto a duvidar de mim mesma, dele, dos meus sentimentos por ele. A nossa relação passou inevitavelmente da paixão tórrida ao entendimento morno e quase institucional. Apesar de não vivermos juntos, o Francisco já deixa roupa no armário lá de casa, já espalhou um pouco por todos os cantos a sua presença e já entrou definitivamente na minha vida. E a culpa é minha, que, com a precipitação que tanto me tem prejudicado na vida, me deixei embalar neste romance no qual agora já nem acredito assim tanto...

Como a lei da oferta e da procura rege inevitavelmente as relações, o Francisco vem atrás do que lhe começa a faltar, está a perder o à-vontade e a autoconfiança. E o pior de tudo é que não sinto o mínimo remorso por o fazer passar por isto. Claro que não seria assim se não tivesse tido notícias do Ricardo. No fim de Julho ligou-me para a revista a dizer que estava em Lisboa de passagem e convidou-me para tomar um café no aeroporto. Um encontro casual, civilizado, rápido e inocente. Mas foi o suficiente para me fazer voltar à terra e repensar a minha relação com o Francisco. Fui beber um café com ele e, quando o deixei, tremiam-me as pernas e as mãos, o nó na garganta quase não me deixava falar e o estômago parecia um relvado com vinte e dois jogadores numa final do campeonato do mundo de futebol. Nessa mesma noite inventei uma desculpa ao Francisco para jantar sozinha em casa e voltei a mexer na caixa das fotografias e das cartas dele. Foi tão estranho o nosso encontro, tão rápido e fortuito, tão gratuito, quase superficial. O Ricardo limitou-se a contar porque

é que vinha de passagem por Lisboa e a olhar-me fixamente para dentro da alma como só ele consegue. Nem me perguntou se andava com outra pessoa, e se o tivesse feito, provavelmente teria mentido. Bastaram vinte escassos minutos frente a duas chávenas de café e duas garrafas de água do *Luso* para eu me sentir outra vez presa, irremediável e eternamente presa a ele. Talvez ele tenha tido exactamente a mesma sensação, quando nos despedimos já não ostentava o sorriso radioso com que me acolheu quando o voltei a ver, entre uma multidão de gente que automaticamente se eclipsou assim que o descobri, a olhar discretamente à volta, também ele ansioso e nervoso, numa espera inquieta e desconfortável.

Bastou esse momento para pôr tudo em causa. E no dia seguinte, quando voltei a ver o Francisco e me apercebi de que o meu amor por ele não era mais do que o desejo de carinho, atenção e companhia que é a receita mágica dos amores médios e de segunda escolha, comecei a criar-lhe uma aversão muda e quase imperceptível, sem nunca lhe contar o que me ia na alma. Nessa altura as férias já estavam marcadas e fiquei sem coragem para as desmarcar.

Agora ele está aqui, ao meu lado, e eu estou longe, a voar sozinha pelo céu, fora deste avião apinhado de comuns mortais como nós, que sonham aterrar numa ilha e esquecer o seu triste, enfadonho e tão cinzento quotidiano. A viagem é longa, por isso muni-me dos meus *headphones* que preservo com militância desde a faculdade e ouço o último disco da Rickie Lee Jones, enquanto tento arrumar as ideias.

Como se não bastasse, recebi há dois dias uma longa carta do Ricardo que li pelo menos umas vinte vezes, a sugerir que o nosso romance afinal talvez ainda não estivesse acabado e que o Inverno sem mim lhe custou mais a passar que *todos los inviernos en qué mi corazón ya se mergulló*.

Quem escreve bem como ele não pode deixar de utilizar esta arma letal e certa que é a escrita na ausência. Se o encontro no aeroporto me deixou as mãos frias e a garganta seca, a carta fez-me perder horas de sono, chorar de saudades e pôr em dúvida o que o meu coração sentiu ou julgou sentir desde Junho, quando comecei a andar com o Francisco.

Agora o fantasma apoderou-se da minha memória e invadiu-me a alma que eu julgava já salvaguardada pelo seu novo ocupante. O Francisco está ao meu lado, mas nunca o vi tão longe de mim e de tudo o que eu quero. De repente comecei a notar-lhe todos os defeitos: é peludo, o que me obriga a lavar a banheira todos os dias, gosta de dizer piadinhas cruéis e gratuitas que me irritam e incomodam e tem um gosto demasiado excêntrico nas camisas. Além disso, é profundamente tradicional, o que me enerva com frequência, embora lute interiormente para que esse sentimento não me domine. Vai ao futebol, gosta de beber cervejas e de petiscar tremoços, gala as outras mulheres debaixo do meu nariz e com o tempo perdeu o hábito da pontualidade. Não sei se é ele que se está a revelar ou se sou eu que comecei a olhá-lo outra forma, mas é certo que algo mudou profundamente em mim. Já não acredito que esta relação vá a algum lugar e tenha algum futuro. E como não consigo viver o presente sem construir castelos no ar, mesmo quando já sei de antemão que não passam de artifícios que me ajudam a viver fora do mundo e a continuar a sonhar, não retiro da nossa relação nenhum prazer. Só o carnal, puramente físico, quase semelhante ao de uma boa refeição. O Francisco soube-me prender pela cama, mas mesmo assim já não me entrego da mesma maneira, porque o coração já lá não está todo, só uma parte, apenas o suficiente para que ele não perceba que falta o resto. Muitas vezes pergunto-me se os homens fazem ideia do que se passa na cabeça da mulher que têm ao lado. A distância na presença nunca passa despercebida, mas

talvez o Francisco faça como tantas mulheres fazem quando se apercebem de que o marido anda com outra: disfarçam, fingem que não é nada com elas e esperam pacientemente que a crise passe por si. O pior é que muitas vezes a crise não passa, instala-se na vida das pessoas e torna-se um dado permanente. A Catarina vive assim há meses a fio, seguindo secretamente as contas telefónicas do Bernardo sem coragem para lhe falar no assunto, porque sabe que desta vez não lhe poderia perdoar e que isso provavelmente implicaria uma separação, ela que todos estes anos aguentou tudo para ter um casamento sólido, ainda que apenas aparentemente, e poder dar aos filhos um bom ambiente familiar. Para ela, dar agora a face seria arriscar demasiado, por isso resguarda-se dentro de si mesma e disfarça, à espera que a Divina Providência lhe traga o marido de volta sem uma amante de queca de hotel na manga.

Enquanto reflicto sobre isto, o Francisco lê ao meu lado o *Voo Nupcial* do Alberoni. Espero que não se esteja a preparar para me pedir em casamento, pois iria escolher o pior *timing* do mundo. O encontro com o Ricardo serviu-me pelo menos para perceber que nunca me poderia casar com o Francisco, porque não seria um casamento sério, convincente e total, nunca seria uma entrega. Agora, quando olho para trás e revejo com objectividade este meu caso, reconheço que ele foi mestre em apanhar-me num momento crucialmente propício, com a ressaca do Ricardo já no fim, farta de estar sozinha e pronta para estrear no Verão. A Rickie Lee Jones já acabou de cantar e viro a cassette par ouvir o Sting, enquanto me recosto na poltrona incómoda e com cheiro a detergente industrial e semicerro os olhos à procura de alguma paz interior.

Tento ser prática: estive o ano inteiro à espera destas férias, já que vim o melhor é aproveitar. Para isso, basta-me fazer um exercício de nova ordenação de prioridades na minha cabeça. Número um, vim porque quis. Número dois, tirando a carta

apaixonada e certamente escrita num momento de alucinação, o Ricardo não voltou a dar notícias, o que pode querer dizer que já nem sequer está a pensar em mim. Terceiro, o meu namorado, que é um homem inteligente, entre outras qualidades e atributos, provavelmente já se apercebeu do meu estado, mas está diplomática e sabiamente a dar-me espaço para respirar. Sabe subtrair-se, aguentar em silêncio a insegurança que lhe transmite nestas últimas semanas. A não ser que nem sequer se tenha apercebido do que se está a passar... mas isso não, não é possível. Só se por qualquer razão tivesse momentaneamente perdido as suas capacidades que tanto me surpreenderam quando o conheci. O Francisco não é nenhum ingênuo. Tenho a certeza de que ele sente o que eu sinto. Está só a dar-me tempo e espaço, a ver se eu volto sem ter de me chamar.

— Francisco...

— Sim?... — responde sem levantar o olhos da leitura.

— Achas que ainda falta muito tempo para aterrarmos?

— Talvez duas horas... Queres ler o meu livro?

— Não, obrigada. Tenho aqui o meu. É que não me está a apetecer ler...

— Mas a mim está — responde, cortante.

Está bem. Eu mereço, chamei-lhe melga e ele agora não me liga. Melhor assim.

Só quando o avião se aproxima da Ilha do Sal é que o Francisco quebra o gelo e troca algumas impressões comigo sobre o deserto quase lunar que se avista da vigia.

Já me tinham avisado que a paisagem da Ilha do Sal é triste e escura, como um imenso terreno de terra queimada. Paciência. Com o dobro do dinheiro tinha ido para S. Tomé, que é verde e luxuriante a perder de vista, ou então para as Caraíbas fazer mergulho. Também podia ter escolhido Cuba, mas não me apeteceu ir para onde toda a gente planeou as férias este ano. Cabo Verde já está a passar um bocado de moda e isso

agrada-me. Significa que provavelmente não encontro ninguém conhecido, que é um dos meus principais objectivos em férias.

O avião aterra com alguma hesitação na pista deserta e à nossa espera está uma camioneta de passageiros já com alguns anos mas bem conservada com o nome do hotel pintado debaixo das janelas, que nos leva por uma estrada estreita e deserta até ao hotel. O quarto é simples e sem pretensões, com a inevitável ventoinha de tecto, branca e preguiçosa, a pedir que não a ponham a rodar. O silêncio continua a dobrar-me a língua e esforço-me por responder com alguma fluência aos comentários do Francisco sobre o que nos rodeia. Começo a pensar que esta viagem foi mesmo um erro. Saio do quarto que dá directamente para a praia e sento-me a olhar para o mar azul e imenso que convida à reflexão.

— Nem sequer queres desfazer a mala... — comenta o Francisco, passando por mim com as mãos nos bolsos do fato de banho e a toalha de praia aos ombros. — Bem... eu vou dar um mergulho. Até logo.

E afasta-se a passadas largas, como se quisesse deixar bem visível que a minha companhia não lhe interessa. O meu olhar metálico contorna-lhe a figura. Vejo-o baixo, um pouco atarracado. Desagrada-me o padrão folclórico do fato de banho. Cor-de-rosa com flores amarelas e brancas. Deve ter sido caríssimo, comprado seguramente num dessas lojas de roupa para homem onde põem sempre mais um zero à frente do preço daquilo que seria razoável. E a toalha encarnada, com uma marca debruada num dos cantos, de tamanho demasiado grande para não se ver a menos de dez metros... que horror. Já estou a imaginar as camisas que deve ter comprado para a viagem, todas de marca e excessivamente coloridas.

O que é que eu estou aqui a fazer, isolada numa ilha que só tem mar e areia, a milhares de quilómetros do resto do mundo com um gajo de quem não gosto? Porque é que não

me meti no avião e fui a Pamplona à procura do Ricardo para consumir esta paixão idiota e paralisante que não me deixa espaço nem vontade para mais nada nem ninguém? Porque é que não fui frontal com o Francisco e não desisti deste engodo a tempo de não me meter no avião e vir parar a terra de ninguém onde vou queimar uma semana de férias na companhia da pessoa errada? Baixo a cabeça concentrada em todas estas ideias enquanto desenho furiosamente na areia efes e erres que se digladiam como inimigos imaginários.

O Francisco volta algum tempo mais tarde, depois de dar um mergulho, e senta-se ao meu lado.

— Ainda aqui estás? Vai mas é pôr o fato de banho e vem dar um mergulho. A água é espectacular! Quentinha e transparente... anda, não sejas chata.

Levanto-me com pouca convicção, apesar de reconhecer que ele tem razão. Depois de um banho de meia hora sinto-me outra vez cheia de energia e de boas intenções em relação a ele, como se a água me tivesse lavado as mágoas que pariram todas dentro de uma garrafa solitária e errante, à deriva, até encontrar outro naufrago do coração...

Deitamo-nos ao sol que, entre as nuvens, vai queimando a pele branca e desprotegida. O Francisco dá-me a mão, depois aninha-se ao meu lado, vira-se quase para cima de mim e começa a dar-me beijos longos e salgados, sequiosos de sexo e atenção. Pouco tempo depois voltamos ao quarto e fazemos amor, ele para libertar a ânsia em que o mergulhei, eu, quase como que a pedir desculpas por ter estado tão distante.

Quando terminamos, deita-se ao meu lado e as mãos perdem-se no meu cabelo, numa sucessão infinita de festas, enquanto me continua a amar com os olhos, esbugalhados e doces.

— Essa cabeça anda mesmo desarrumada... — comenta com um sorriso quase triste.

— Pois anda, mas agora não é altura para falar disso.

— Está bem — responde, encostando a minha cabeça ao peito dele —, promete-me que vais limpar a cabeça pelo menos durante as férias e aproveitar estarmos aqui juntos para nos divertirmos. E depois logo se vê...

Admiro-lhe a capacidade de perceber quase tudo sem ter que lhe explicar quase nada. Ele sabe o que se passa. Ele percebe como me sinto e mesmo assim pede-me humildemente para não lhe estragar as férias. Provavelmente já percebeu que tenho grandes dúvidas em relação a ele e ao facto de estarmos juntos, mas prefere que o tempo me guie no caminho certo, e respeita as minhas hesitações com calma e serenidade. Não há dúvida de que o Francisco, com todos os defeitos que o meu olho clínico lhe apanhou e já não lhe perdoa, é uma pessoa que vale a pena.

Os dias passam lentos e cheios de sol, entre almoços de marisco, a obrigatória sesta a seguir ao almoço quando está tanto calor que não se pode andar na rua, e os intermináveis banhos de mar e passeios na prancha de *windsurf* onde me delicio a ir à boleia, deitada na popa de barriga para baixo com a água a roçar-me as coxas e os pés. Não conversamos muito, porque o Francisco deve ter optado, como estratégia de reconquista, pela comunicação não verbal. Passamos os dias a ler, a dormir ou a fazer amor, com o perfeccionismo de dois corpos que já se conhecem bem e querem sempre mais e melhor prazer. Comemos, dormimos, lemos, nadamos, amamo-nos, passeamos a pé e apanhamos sol. À noite, partimos a pé para a aldeia mais próxima onde descobrimos todas as noites um restaurante diferente e comemos com prazer as iguarias da ilha: peixes de sabor desconhecido, farinha de mandioca e outras africanices gastronómicas que nos apuram o paladar e nos reconfortam o estômago. Depois vamos a um bar ou a uma discoteca e dançamos as mornas até que o cansaço ou a von-

tade de prazer sejam tão fortes que regressamos ao hotel para acabar a noite. A cada dia que passa sinto-me melhor, como se me estivesse a libertar do fantasma do Ricardo que veio comigo na mala. O Francisco, mais uma vez, está a saber levar-me, com subtileza e bom humor, com carinho e, não o vou negar, muito e bom sexo.

Quando damos por isso, é véspera de regressar a Lisboa. Enquanto os dias passavam, parecia que se arrastavam. Agora que as férias chegaram ao fim, invade-me a sensação que foram muito curtas, demasiado curtas para me conseguir sequer habituar à ideia. Decidimos fazer já as malas para gozar o último dia até ao último minuto. O Francisco dobra meticolosamente a roupa em silêncio enquanto arrumo no *nécessaire* os cremes e *shampoos* que ficaram espalhados na casa de banho. Quando regresso ao quarto está sentado em cima da cama com um papel na mão.

— Podes-me explicar o que é isto?

O olhar mortífero assusta-me. De repente reconheço os contornos do envelope que recebi de Pamplona. Arranco-lhe o papel da mão e guardo-o dentro do *nécessaire*.

— Não tens nada a ver com isso.

— Não? Então tu andas a receber cartas de amor do teu antigo namorado e achas que eu não tenho nada a ver com isso? Escondes-me essa merda porquê? Ainda por cima trouxeste a carta de Lisboa, recebeste-a antes de irmos para férias e não foste capaz de me dizer nada?

— Não te quis chatear — respondo sem convicção.

— Não te faças de sonsa! Não quiseste foi contar-me! Mereço assim tão pouco a tua confiança?

— Não é nada disso, é que... — as palavras não me saem da boca porque não tenho nada para me justificar. Devia ter deixado a carta em Lisboa ou então devia-lhe ter contado. Foi

um erro fazer-me acompanhar de um bocado de papel que só me podia trazer chatices.

— Passámos umas férias tão boas, mas tu tinhas que estragar tudo, não é? Não consegues viver com as coisas boas que tens, hás-de sempre arranjar merdas que te chateiem a ti e a quem está contigo! És parva, e ainda por cima masoquista.

— Não te dou o direito de me falares assim.

— E eu não te dou o direito de gozares com a minha cara e de me fazeres passar por parvo! Porra, andamos há três meses e estava tudo a correr tão bem, porque é que tinha de aparecer outra vez este gajo na tua vida? E também gostava que me explicasses porque é que o gajo te escreve uma carta destas.

— Não tinhas nada que ler a carta...

— Não, de facto não tinha — responde em tom irónico —, a minha namorada vem passar férias comigo e na bagagem traz uma carta do ex-namorado com data recente a dizer que tem muitas saudades dela e que se calhar a história entre vocês ainda não acabou, mas eu, que sou a pessoa com quem ela anda, com quem ela dorme e com quem ela diz que nunca foi tão feliz na vida, não tenho nada a ver com isso. Parece-me que estás a querer abusar da minha paciência, Madalena. Olha que eu posso-me fazer de parvo, mas de parvo não tenho nada. É por isso que estavas tão distante quando chegámos a Cabo Verde, vinhas a pensar nele, não era? E eu feito estúpido a carregar as malas e a ver quando é que te passava a neura. Se me tivesses contado escusávamos de ter passado as férias juntos, não achas? Tu tinhas ido para Pamplona ter com o basco e eu tinha trazido uma miúda qualquer sem macacos na cabeça.

O discurso incomoda-me e ofende-me, mas não posso deixar de lhe dar razão.

— Desculpa, Francisco, tens toda a razão. Eu não devia ter trazido a carta...

— Parece-me que a resposta não é bem essa. Não devias era ter ligado ao que diz a carta, percebes? Enquanto não cortares o fio que te liga a esse gajo não consegues ter nenhuma relação normal com ninguém, seja comigo ou com qualquer outra pessoa.

— Mas tu sabias que o Ricardo existia na minha vida...

— Sabia? O que eu sabia é que o gajo existiu e ponto final. Pensei que o facto de começarmos a andar juntos significasse a inexistência do gajo na tua cabeça, ou sou eu que estou a ser ingénuo? Por alguma razão demoraste tanto tempo até te decidires a andar comigo, não foi? Além disso, se o gajo ainda existe na tua vida, duvido muito que existas na dele!

— Essas tácticas terroristas para criarem insegurança não vão atingir o efeito desejado...

— Tácticas terroristas??? O efeito desejado é pôr o gajo fora da tua vida, mas pelos vistos ele já se pôs. Não reparaste que a carta nem tem remetente? Achas que se ele estivesse tão apaixonado por ti como diz, não se teria dado ao trabalho de escrever o remetente para lhe poderes responder?... Deixa de ser ingénua e aterra duma vez por todas neste mundo.

O que ele diz atinge-me e por isso decido ignorar as últimas palavras.

— Achas que demorei assim tanto tempo até começar a andar contigo? Foi de um dia para o outro! Tu nunca mais me largaste desde que nos conhecemos e...

— Então a culpa é minha? — exclama com um sorriso cínico e gélido. — Andaste a brincar ao gato e ao rato comigo desde o princípio! A única coisa que eu fiz foi seduzir-te, e porquê? Porque estava apaixonado por ti! Achas isso mal?

Estou sem resposta. A garganta secou a ponto de não me deixar sequer articular um som. Fui apanhada em falso e ele tem razão.

— Sabes o que é que eu acho? Que o melhor é acabarmos tudo, tu vais à tua vida e eu à minha. Não estou para investir numa relação com uma pessoa que nunca sabe o que quer. Tenho mais que fazer e além disso já vivemos demasiadas coisas boas juntos para chegarmos a este ponto. Se não sabes o que queres, o problema é teu. Pelo menos eu sei que não quero andar com uma pessoa que passa metade do dia a pensar noutra. Masturbações emocionais, não, muito obrigado.

E vira-me as costas, a acabar de arrumar as coisas dele. Sinto as mãos a gelarem, as pernas trémulas e sem forças. Inva-de-me um desconforto horrível e irremediável. Estraguei tudo. Tudo. O meu caso com o Francisco, as férias, a paixão que ele tinha por mim. Sou completamente idiota, só sei fazer merda.

— Francisco...

— Deixa-me estar sossegado, se fazes favor. Não me obrigues a dizer-te mais merdas, deixa-me em paz.

Jantámos em silêncio no hotel, o Francisco fica no bar a jogar xadrez com um alemão que conhecemos na praia e eu regresso ao quarto e tomo dois *Lexotans* para dormir e esquecer a discussão.

Na manhã seguinte ainda vou à praia dar o último mergulho enquanto o Francisco ressona. Não o ouvi entrar, calculo que se tenha deitado bastante tarde. Sinto-me vazia e atordoad, com uma terrível sensação de perda e impotência.

Regressamos a Lisboa mergulhados no mais incómodo dos silêncios. Durante a viagem de avião ponho e tiro vinte vezes os *headphones* e tento conversar com ele, mas sem sucesso. Mal reconheço a pessoa que tenho sentada na cadeira do lado. É um Francisco mudo e impenetrável, que só abre a boca para lançar piadas sarcásticas e de mau gosto. E fá-lo propositadamente para me vexar. Quer que eu o odeie, que me esqueça de como gostou de mim. Decidiu fazer-me sentir na pele o que

perdi, por isso comenta com tom irónico os projectos que tinha imaginado para nós. Olha-me à transparência como se eu não existisse e faz-me observações negativas por tudo e por nada. Em cinco horas de viagem chego a Lisboa com a cabeça feita em água. Pede-me para apanharmos o mesmo táxi e passa por minha casa a buscar as coisas dele. Sai vinte minutos depois com a escova de dentes, o creme e lâmina de barbear, o frasco de perfume, meia dúzia de *boxers*, um monte de camisas e alguns pares de calças.

— Depois passo por cá outro dia, para levar os CDs e o resto das coisas — e desce as escadas à pressa sem olhar para trás.

Estou outra vez só, dona do meu espaço, mergulhada no silêncio das casas sem família. O Francisco não era a minha família, mas era uma presença e agora foi-se embora. Será que esta história acaba por aqui? Temo que sim e desejo que não. Mal ou bem, este homem ressuscitou-me para a vida, fez-me sentir outra vez feliz, deu-me prazer, atenção, carinho, paixão e trouxe-me uma enorme alegria de viver. Agora estou outra vez entregue a mim própria, sem treino nem hábito, esquecida de como é viver sozinha, sem ninguém com quem falar quando chega o fim do dia e sem a menor ideia do que vou fazer à minha vida. Hipotequei uma relação que me fazia feliz a troco de nada, a não ser a ilusão irrealista e infantil de uma relação que já acabou há muito tempo e que nunca me deu o que queria. Estraguei tudo. Tudo. E agora não tenho nada.

## II

**O** António é sempre assim, presente e solidário nos momentos críticos. Chegou como é seu hábito um quarto de hora antes do combinado. A idade deu-lhe tempo para tudo. Anda devagar, fala sem pressa, enquanto observa as almas alheias e as retrata no seu coração e nas suas telas. Já não pinta por dinheiro, só por prazer. E é o prazer de viver, apesar da idade, do cansaço, do peso dos anos e de ver todos os anos os seus amigos partirem um a um, entre ataques cardíacos e cancros, que o faz continuar vivo e cheio de saúde, apesar de uma ou outra maleita próprias da velhice da qual, quer queira quer não, já faz parte.

— Aos setenta já só se faz o que se gosta... fora o que já não se consegue fazer... — comenta o meu pintor com um sorriso baço que é a doce recordação daquele que foi um dos grandes sedutores de Lisboa da década de sessenta até à de oitenta. Hoje perdeu o *glamour*, quase todo o cabelo e já alguns dentes, mas a sabedoria dos anos e a leveza com que continua a levar

a vida dão-lhe um encanto irresistível. Fala das mulheres com a doçura e sensibilidade de quem as sabe amar. É um conquistador nato, cavalheiro e atencioso, que sabe ouvir, rir, limpar as lágrimas alheias sem quase lhes tocar e fazer sentir a cada mulher à qual se dedica que ela é a melhor, a mais bela e inteligente, a deusa perfeita na terra. E fá-lo de forma desinteressada e generosa, às vezes até piedosa, como um missionário que distribui remédios e bíblias numa aldeia devastada por rebeldes e infiéis.

Há duas qualidades que o António nunca perdeu: o sentido de humor em relação aos outros e a capacidade de trocar das suas próprias limitações. E só isso faz com que eu o estime, admire e ame mais do que qualquer homem que passou pela minha vida.

Vamos jantar a uma tasca, a Estrela da Sé, que é o nosso refúgio desde que nos conhecemos há mais de dez anos no lançamento de um livro na Livraria Barata. Tinha eu vinte anos e o António sessenta. É aqui que vimos desde sempre e os empregados já nos tratam com a calorosa indiferença quase familiar que só os clientes da casa merecem.

Conto-lhe o que se passou com o Francisco, como ele acabou tudo quando descobriu a carta do Ricardo e como me sinto outra vez só e desacompanhada. O António ouve-me com atenção e paciência e acabamos a falar inevitavelmente de fidelidade.

— Enquanto as pessoas não perceberem que a fidelidade não é não ter casos com outras pessoas, mas sim ser-se fiel a si mesmo, as relações estarão sempre condenadas. Há um casal amigo meu, da minha idade, que sempre viveu assim, sabendo respeitar o espaço e os amores do outro. E ela diz que foi a infidelidade que os manteve juntos e felizes desde que se casaram há mais de quarenta anos. Só é pena é que a sociedade teime em encarar os factos da vida com a hipocrisia do costume e se recuse a aceitá-los tal como são.

— Talvez tenhas razão, António... ou talvez não. Os meus pais sempre viveram um para o outro e para eles a fidelidade é exactamente um dos pilares fundamentais para o sucesso do casamento.

— Não estou a dizer que certas pessoas não sejam profundamente felizes num esquema monogâmico, e o caso particular dos teus pais, que conheço bem, até é daqueles em que posso afirmar com toda a segurança que é uma monogamia sincera, sentida, sem falhas nem desejos secretos. Mas esses casais são raros. E os teus pais vivem exclusivamente um para o outro desde que começaram a namorar. Hoje em dia vivem para a família, para os filhos e os netos. Não os vês a viajar, a frequentar nenhum tipo de pessoas em especial, pois não?

— Não, de facto vivem bastante isolados, mas não é isso que os torna tão monogâmicos. Lá em casa fomos todos educados com ideias mais ou menos fixas, como a necessidade de equilíbrio, a estabilidade...

— A estabilidade pode fazer parte das aspirações humanas, mas a diversidade também, e a atracção pelo novo e pelo proibido é absolutamente inevitável na natureza humana. Pensa na seguinte situação: conhecias hoje o teu amigo Francisco de quem falaste de uma forma tão enfasiada. Achas que o irias ver como o vês agora? É óbvio que não! Foi a convivência diária, a proximidade permanente que te fez descobrir nele defeitos que com o tempo se tornaram aos teus olhos quase insuportáveis. E apesar disso, como foi ele que te deixou, ainda estás em dúvida; por um lado nutres algum desprezo pelos seus defeitos que não te poupaste em ridicularizar, mas por outro sentes falta daquela paz confortável que se estava a instalar entre vocês. E talvez por isso mesmo tenhas decidido levar contigo a carta do Ricardo. Ou vais-me garantir que não te tinha passado pela cabeça que ele a podia descobrir?...

— Pode ser que sim. Provavelmente fi-lo de forma inconsciente, mas também é verdade que estava a ficar farta do marasmo em que a nossa relação tinha caído...

— E consegues analisar friamente porque é que chegaram a esse marasmo?

— Não sei, talvez o Francisco me tenha desiludido. Pensei que fosse uma pessoa mais interessante e com a convivência tornou-se sensaborão, quase vulgar...

— Ou então é uma pessoa absolutamente normal, igual a tantas outras, e és tu que não convives pacificamente com a normalidade. Analisa agora a tua relação com o Ricardo. Enquanto durou, foi um problema. Quando acabou, transformou-se numa doce fantasia que o tempo encarregou de dourar e hoje é um mito. Falas desse homem como se ele encerrasse o segredo da tua felicidade. E no entanto, poucas vezes te vi tão em baixo como quando andavas com ele. Era ciumento, inflexível, possessivo, sufocava-te permanentemente, quase conseguiu que deixasses de ser tu própria de tanto te querer moldar a seu gosto. Como vês, és tu quem precisa de rever a tua atitude perante a vida e os outros, e não o Francisco. O Francisco fez o que achou que devia fazer; sentiu-se traído e afastou-se.

— Mas porquê traído, se eu não fiz nada?

— Antes tivesses feito. Omitir-lhe a carta que denunciava uma relação entre ti e outro homem foi com certeza um golpe mais forte para ele do se tivesses tido uma recaída no teu encontro com o Ricardo e tivessem ido para a cama.

— Duvido...

— Nunca subestimes a capacidade humana para aceitar uma confissão sincera. O que mais o magoou foi a tua omissão, o facto de lhe esconderes algo tão importante e significativo como essa carta. Um aventura rápida ou uma recaída só valem pelo momento. Esquecem-se, apagam-se da memória, vão mais dia menos dia parar ao arquivo morto. Uma carta

é uma prova real, física, que tu quiseste guardar porque era importante para ti. E se há desculpas para deslizos físicos, ou porque, como diz o povo, a carne é fraca, já não as há para declarações escritas, pois essas falam mais alto, são testemunhos perenes. Mais valia teres ido para a cama com o Ricardo. Assim desfazias o mito e o Francisco não precisava de saber.

— Desculpa lá, ó António, mas estás-te a contradizer. Dizes que a mentira é que magoa, mas depois aconselhas-me a omitir ao meu namorado que lhe pus um par de cornos???

— Não é isso que te estou a dizer. Sejam praticos: apeteceu-te ou não ir outra vez para a cama com o Ricardo quando o voltaste a ver?

— Nem pensei nisso, encontrámo-nos durante meia hora no meio de uma multidão de gente.

— Está bem. Agora imagina que o Ricardo, em vez de se ir embora daí a meia hora, ficava a dormir uma noite em Lisboa e te convidava para jantar. Ia-te ou não apetecer ir para a cama com ele?

— Claro que sim.

— Então estás a dar-me razão. E se não fosses, seria apenas para respeitares um princípio moral que te impediria de tal acto e esse princípio moral só iria contribuir para mitificar ainda mais o teu objecto de desejo. Ou vais negar que depois de teres visto o Ricardo não sentiste que o Francisco já não te atraía tanto e que afinal ele não tinha nenhuma importância comparado com a paixão que sentes pelo Ricardo?

— Bem, mais ou menos... um bocado, sim...

— Estás a ver? O desejo escreve-se das formas mais subtis, embora a sociedade goste de o apelidar de básico, selvagem e instintivo. Além disso o desejo nas mulheres é muito diferente do dos homens. Uma mulher só deseja aquilo que ama, um homem ama o que deseja e enquanto deseja. É por isso que as mulheres normalmente só vão para a cama quando estão apai-

xonadas, e até podem estar por outro homem que não aquele com quem se deitam, mas têm de sentir uma paixão que lhes desperte o desejo. Com os homens é diferente. Nenhum homem fica indiferente a uma mulher bela ou sensual, sobretudo se ela se mostrar receptiva, ainda que temporariamente inacessível. Muitas vezes é este o trunfo tão simples e óbvio que faz com que um homem se deixe seduzir por uma mulher.

— Mas geralmente o papel de sedutor até é do homem.

— Nada mais errado, minha querida. Os verdadeiros sedutores não são os que têm um papel activo na conquista, mas os que se deixam levar, os que se põem a jeito. Ou não te lembras como foi com o Ricardo? Lembras-te de seres tu a andar atrás dele?

— O Ricardo não é um sedutor.

— Se não fosses tu já não estarias apaixonada por ele. A carta só serviu para acordar uma paixão adormecida que ficou lá, guardada bem no fundo, e porquê? Porque vocês se davam mal e se isso te fazia infeliz também te dava luta e portanto habituaste-te a viver da luta e a retirar da angústia a motivação para seres feliz dentro da tua própria infelicidade. Por isso é que quando ele se foi embora ficaste anestesiada, hibernada dentro do teu vazio, sem saber o que pensar nem como te sentires. Tinhas de mudar de tom e não sabias para qual. O Francisco trouxe-te essa mudança que tu aceitaste temporariamente, mas depois não resististe a voltar à tua verdadeira natureza.

— E como defines essa natureza ?

— Tu pertences a um tipo de mulher que só vive a plenitude do amor na distância ou na impossibilidade. És aquilo a que eu chamo uma “Mulher Impossível”, porque amas com todas as tuas forças os homens que por uma razão ou outra não podes ter. Para ti, o amor é a própria luta pelo amor, não é uma construção nem um edificação. Por isso não te casas, não crias as bases para ter uma família e ser uma esposa exemplar.

Mas estás certa, o teu encanto é justamente esse. E pelo menos tens a honestidade de não te mascarares por detrás de uma situação socialmente aceitável e de não embarcares num casamento de circunstância.

— O pior é que assim nunca mais tenho família nem filhos.

— Claro que vais ter, como toda a gente. Um dia destes encontras uma pessoa com quem te dás bem e casas-te com a consciência que pode não ser para a vida toda, mas casas feliz e tornas-te uma mãe exemplar e orgulhosa da sua prole como quase todas as mulheres acabam por ser.

O ensopado de borrego foi arrefecendo no prato enquanto o ouvia, atenta e absorta ao mesmo tempo. E o António falou dos seus dois casamentos, o primeiro que falhou porque eram os dois demasiado jovens e imaturos e o segundo que acabou um dia por si mesmo, de morte natural, quando deixou de existir cumplicidade entre ele e a segunda mulher.

— No primeiro casamento fui completamente de olhos vendados. Estás a ver, no meu tempo um homem para ter experiências sexuais antes de se casar tinha de ir às putas e ainda me lembro de ter sido arrastado pelo grupo de amigos do meu irmão Baltasar, que ainda faz cinco anos de diferença de mim. Levaram-me a uma casa enorme e escura, daquelas onde nunca se abre as janelas, para os lados do Campo Santana, onde me meteram no quarto com um trintona bem nutrida que olhou para mim com alguma pena e um certo fastio. Eu sempre fui feio, e com dezassete anos era um lingrinhas sem qualquer interesse ou charme e ela nem sabia muito bem o que fazer comigo. Ficámos a conversar durante duas horas e foi preciso a D. Graciete, que era quem tomava conta do negócio, bater à porta a dizer que o tempo já tinha acabado, para eu sair daquele quarto com cheiro a incenso e quadros de feira. A Idalina, que não me desvirginou mas que me

ouviu e falou sobre mulheres, tornou-se minha amiga para toda a vida. Ia muitas vezes visitá-la e pagava-lhe como se dormíssemos juntos. Depois, ficámos tão amigos que passámos a encontrar-nos noutros lugares. Cheguei a levá-la a lanchar à Brasileira e fazia um vistão. Ela ensinou-me muito do que sei hoje sobre mulheres. Foi com ela que aprendi a ouvir cada palavra e observar cada gesto e a saber interpretar o comportamento mais subtil. Ensinou-me como falam os olhos, as mãos e as pernas de uma mulher quando se mexem. Onde é que está o desejo, onde é que se esconde o medo ou o nojo. Essas foram as bases para o meu interesse infinito e a minha capacidade inesgotável para amar esse ser maravilhoso e diabólico que é uma mulher. Quando me casei quis aplicar tudo o que aprendi em teoria com a Idalina, nunca lhe toquei, imagina! Tentei pôr em prática com a Raquel, mas fui mal interpretado. A Raquel foi educada num colégio de freiras, era uma criança com vinte anos que não fazia a mínima ideia de nada. Achava que os homens eram seres baixos e de mau carácter que se serviam das mulheres para seu prazer como porcos para cobrir. A minha sensibilidade tocou-a mas ao mesmo tempo assustou-a. E como, coitada, também nunca foi muito inteligente, não conseguiu perceber que o facto de eu ser diferente e lidar com ela de uma forma pouco comum para a época só podia trazer-lhe vantagens.

— Espera aí, não te percas, acaba lá a história da Idalina. Estás a dizer que então nunca foste às putas?

— Nunca! Da Idalina fiquei grande amigo, bem como de várias amigas dela. A Idalina acabou por casar com um viúvo abastado que morreu algum tempo depois e de quem ela teve dois filhos. Como era esperta, percebeu que nunca mais podia voltar atrás e usou o dinheiro que o marido lhe deixou para mover influências e pôr os filhos num bom colégio. Redecorou a casa onde vivia com os dois rapazes, um andar espaçoso

e soalheiro numa perpendicular à Avenida da Liberdade e passou a organizar serões para a sociedade intelectual da época. Protegeu artistas com quem certamente terá tido as suas aventuras, mas soube fazer tudo com enorme discrição e bom senso, e com o passar dos anos tornou-se uma viúva respeitável. Foi num desses serões que conheci a primeira grande paixão da minha vida, uma actriz francesa que ficou uma temporada em Lisboa com uma peça no D. Maria, a Martine.

— Já eras casado?

— Claro, casei com vinte e um anos. Conheci a Martine tinha vinte seis e até então só tinha tido relações com a Raquel, mas nunca tinha conseguido fazer amor com ela, e tu sabes como as duas coisas são tão diferentes. A Martine era magra e sinuosa assim como tu, e irradiava uma luz própria, quase angelical. Era ao mesmo tempo um ser etéreo e distante que de um momento para o outro se transformava numa mulher fogosa e apaixonada. A primeira vez que fizemos amor foi no escritório do velho viúvo em casa da Idalina, numa *chaise-longue*. Foi a primeira vez que me senti homem, estás tu a ver, com vinte e seis anos! Hoje em dia vocês começam aos quinze ou aos dezasseis e já chegam maduros antes dos trinta. Nós não, tivemos de aprender tudo depois dos trinta, já com mulher, filhos e responsabilidades às costas!

— Mas não penses que os costumes mudaram assim tanto; hoje em dia os homens continuam a ir às meninas como o faziam há cinquenta ou cem anos. E isso é tão estranho!... Hoje são mais as mulheres que querem ir para a cama com um homem do que as que não querem...

— Pois são, mas o excesso de oferta também pode enjoar um homem. A uma puta paga-se um serviço, exerce-se sobre ela um determinado poder e é isso que atrai os homens.

— E não se exerce poder numa mulher, quando se oferecem jóias, carros e outras coisas do género???

— Claro que sim, mas aí é tudo mais ambíguo. Eu vejo tipos da minha idade, principalmente tipos mais novos, com cinquenta e tal, que se encantam com miúdas de trinta anos e as enchem de presentes, mas muitas vezes nem é para as comprarem, é porque estão completamente apaixonados. Claro que o dinheiro é uma forma de poder e os homens gostam de exercer esse poder, mas na maior parte dos casos que tenho visto não é essa a principal motivação deles. Ao passo que uma puta é um serviço que se paga como quem vai ao restaurante e paga a conta.

— Deve ser horrível.

— Será para ti, que te fere a sensibilidade enquanto mulher, ou para mim, que nunca percebi qual é o prazer que se pode tirar de uma relação puramente carnal, sem qualquer entendimento, onde há um que manda e o outro que recebe ordens. Mas para muitos homens esta é a única forma de terem prazer com uma mulher. Se assim não fosse, elas já não existiam.

— Mas volta lá então à tua aventura com a Martine...

— Foi muito bom, porque foi a minha descoberta do amor tal como ele deve ser: louco, inconsciente, irracional, aventureiro, inconsequente e inesquecível.

— Isso não é amor, é paixão!

— E não é tudo a mesma coisa? A paixão é a melhor parte do amor, é aquela que nunca mais esqueces! A paixão é a essência da vida. Todos os grandes feitos foram executados com paixão e por paixão, fosse por uma causa, um ideal ou uma pessoa. O que houve entre ti e o Ricardo foi paixão e...

— Mas entre mim e o Francisco também!!!

— Espera, deixa-me acabar. Eu assisti à tua história com o Ricardo desde o início. Lembras-te daquele jantar em minha casa com o Jorge Amado onde tu apareceste com ele? Vocês pareciam uma só pessoa, estavam completamente dissolvidos um no outro. Isso é paixão. O Francisco não foi nem é nada

a mesma coisa. Tu podes ter-lhe achado piada e até te encantaste com ele, um tipo bem-posto, divertido, com charme, mas nunca perdeste a objectividade, sempre falaste dele com alguma frieza ou pelo menos com lucidez. E agora que ele acabou tudo estás sentida, mas quem fala é o teu orgulho ferido por teres sido deixada para trás e não a dor de uma paixão falhada que te atormenta. O Francisco foi uma distracção, um *fait divers*, como podia ter sido o Manuel, o Luís... ou até mesmo eu!...

O tom de brincadeira com que pronuncia as últimas palavras é delicioso e encantador. Faço-lhe uma festa no cabelo já ralo e branco e saímos do restaurante depois de o António ter pago a conta, não sem antes verificar número a número toda a soma com os óculos de ver ao perto encavalitados na ponta do nariz.

Dou-lhe o braço e caminhamos lentamente pelos passeios estreitos e esburacados da encosta do castelo até à Baixa enquanto vamos conversando sobre as nossas vidas. Andamos devagar, de braço dado, e subimos pelas escadinhas de S. Francisco, depois passamos o Camões enquanto o António termina o relato da paixão pela Martine que trouxe atrás dela tantas outras mulheres, e quando lhe pergunto pela segunda mulher já chegámos à porta da minha casa. Ainda o convido a subir e beber um chá de cidreira, mas o António despede-se com um beijo terno enquanto comenta que apesar de não ter sono, *porque os velhos já não têm sono*, amanhã vai de viagem para o Norte e quer ir descansado.

— Ainda me violavas e consumávamos esta paixão platónica e depois davas cabo de mim, e quem é que ia à Fundação de Serralves inaugurar a exposição?...

Subo as escadas, entro silenciosamente em casa e preparo o imprescindível chá de cidreira. Enquanto espero, limpo meticulosamente a cara com o leite de limpeza, depois passo o tónico e finalmente o creme de noite, sem esquecer o creme

especial para o contorno dos olhos. Faço tudo isto mecanicamente, com critério e amor próprio, desejando secretamente que o tempo não me marque demasiado a alma e o corpo e me guarde com o mesmo ar de miúda para a eternidade, mas sei que isso só depende de mim. O tempo, esse grande professor, que nos dá o que precisamos mesmo quando pensamos que não, mesmo quando queremos outras coisas...

### III

Com o fim do Verão, a equipa da revista mergulha numa agitação frenética que se intensifica vertiginosamente até ao dia 4 de Outubro, data memorável da sua fundação, ano após ano celebrada com uma festa. E eu há três anos que engulo esta pastilha. O Paulo começa a entrar em parafuso no princípio de Setembro, dividido entre o que sonha fazer para a festa e a edição do número de aniversário. As meninas da publicidade enchem-se de brios e com o pretexto de se editar o tal número de aniversário fazem uma média de duzentos e quarenta e nove telefonemas por dia no encalço de vender tantas páginas quantas conseguirem e lucrarem com a respectiva comissão. Cada vez que é vendida uma página dupla o Paulo passeia-se pelos corredores esfregando as mãos uma na outra como é seu hábito e comentando com um sorrisinho malandro, *mais um submarino ao fundo*. Conheço poucas pessoas que se regozijem tanto com os seus pequenos feitos como o Paulo. Este ano convidou duas beldades espanholas daquelas cuja profissão

é vender entrevistas ao império das revistas cor-de-rosa do país de *nuestros hermanos* e contratou uma trapezista eslava que se vai pendurar no tecto a fazer acrobacias inconcebíveis. Mais uma vez vou ter de actualizar o *mailing*, mais uma vez vou convidar meia Lisboa, mais uma vez vai ser um sucesso e mais uma vez vou grammar esta estucha. Ossos do ofício.

Desde que voltámos de Cabo Verde que o Francisco nunca mais deu notícias. Ainda lhe telefonei uma vez, mas atendeu o gravador de mensagens e optei por não deixar recado. Estive quase para lhe devolver o telemóvel, mas como está carregado por mais dois meses, espero até lá conseguir voltar a falar com ele e recuperar o cartão que ele insistiu em nunca me dar. Como estou sozinha e passo a vida de um lado para o outro até me dá jeito. Os dias agora passam devagar, como se o final da tarde teimasse em não chegar e acabo-os muitas vezes sozinha, entre uma ida à sessão das sete e um jantar rápido em casa de alguém. Quando não combino nada, alugo um filme no Clube de Vídeo Estrela do Alto, uma cave infecta com meia dúzia de títulos antigos em cópias gastas que me vão enchendo os serões, ou releio Alexandre O' Neill e Eça, enrolada na manta de viagem que roubei num voo de longo curso.

Foi num desses serões de recolhimento e paz, em que aproveito muitas vezes para arrumar papeladas, que descobri numa caixa de sapatos forrada aos quadradinhos o espólio de uma das minhas maiores paixões da adolescência. Tinha acabado de fazer dezoito anos e a Faculdade de Letras esperava-me quando, em casa da Mariana, conheci o Guilherme Souto, que me pareceu uma cópia exemplar do Vincent Perez, o apaixonado de Roxanne na versão mais hollywoodesca do *Cyrano de Bergerac* que valeu a Gérard Depardieu uma nomeação para um Óscar. Claro que, como não podia deixar de ser, o triângulo do momento também tinha um Cyrano, mas verdadeiro, de carne e osso, o Pedro Pedroso, nessa época um promissor

escritor que estava perdidamente apaixonado por mim e era amigo da Mariana de longa data. Numa noite de Verão em que me convidou para jantar, o Pedro cometeu o erro de passar por casa da Mariana onde se ia encontrar com um amigo do liceu que acabara de regressar de Paris onde estivera a tirar Relações Internacionais. O amigo de Paris era o Guilherme, que se viria a tornar na minha grande paixão do fim da adolescência.

O Pedro passou definitivamente a ser o meu Cyrano depois de me ter apaixonado pelo Guilherme, tornando-se num dos meus melhores amigos, sobretudo depois de o Guilherme se ter distraído com uma bailarina do Conservatório, pálida e desengonçada, que lhe deu a volta em três tempos. Tínhamos então um namoro quase sério, com aprovação paterna e tudo. Lembro-me de andar permanentemente com um nó no estômago, de dormir sempre mal e em sobressalto, de contar os minutos até o voltar a ver e de o desejar com todos os poros.

Lembro-me da sua voz triste e pausada, do seu olhar doce como o de uma criança e das suas mãos finas e femininas que encantavam qualquer mulher. O Guilherme deixou-se levar por mim e eu por ele com a saudável inconsciência e inigualável pureza dos primeiros amores e durante meses vivi um idílio constante e avassalador que me tirava os pés da terra e me levava a alma todos os dias até ao céu só de cruzar o meu olhar com o dele. Não foi o primeiro homem com quem me deitei, mas tal como a Martine e o António, foi o primeiro com quem fiz amor. Passámos noites e noites a fio acordados, enlevados por uma paixão imensa e doce cujo sabor sei que não mais voltarei a sentir. Recebi do Guilherme as primeiras cartas de amor que, ao contrário do personagem de Rostand, eram mesmo escritas por ele. Estiveram durante mais de uma década mergulhadas no esquecimento da caixa de sapatos. Ao relê-las foi-me impossível não voltar a sentir o coração a bater e o nó no estômago que sempre acompanharam a paixão. Do

meio dos papéis, caiu uma fotografia dele que me levou a pensar como estaria agora, doze anos depois.

Já na altura não tinha muito cabelo, mas estava muito longe de ser careca. Os olhos enormes, castanhos, a boca bem desenhada, a pele morena e um nariz fino. Tudo preservado pela magia da película, belo e estático, quase escultural. A primeira encarnação do Príncipe Encantado que se transformou num sapo quando irreflectidamente numa noite caiu nos braços da tal bailarina que, se não me engano, se chamava Graça. Ou seria Paula? De qualquer modo, o episódio foi o suficiente para o meu deus cair redondo do pedestal e se estatelar ao comprido diante do meu orgulho. Apesar de ter sido ele mesmo a contar-me o deslize, chorei, barafustei, insultei-o e risquei-o da minha vida com o fervor típico da adolescência. Com dezoito anos ainda não tinha idade para medir o verdadeiro valor de uma traição. Se fosse mais velha, teria provavelmente condescendido, porque sempre soube que a colombina não tinha qualquer importância na vida do meu polichinelo arrependido, mas o orgulho era mais forte, talvez demasiado forte, como é típico do fim da adolescência.

Anos mais tarde soube pelo Pedro Pedroso que o Guilherme casara e tivera uma filha. Não voltei a pensar no assunto. Por defesa ou por esquecimento, o Guilherme saiu definitivamente da minha vida e não voltou a entrar. Mas agora que mergulhei de cabeça no passado não posso deixar de imaginar como teria sido a minha vida com o Guilherme. Estaria agora casada, com dois filhos adoráveis a viver num andar nas Laranjeiras, a destinar todos os dias à empregada um jantar delicioso para o meu diplomata de carreira? Não, não era possível. Eu era demasiado nova, queria viajar, divertir-me, dormir com outros homens, ter outras aventuras, crescer sozinha, viver a minha vida, ter a minha casa, numa palavra, ser independente. Só que agora, depois de ter alcançado tudo isso, quero mais,

quero outras coisas: estabilidade, filhos, uma casa de família, um quadro perfeito que já pintei no meu imaginário e do qual quero fazer parte sem ter como nem com quem.

Apercebo-me agora que nunca olhei para os homens como bons pais de família. A paixão sempre foi mais forte do que a razão, a conveniência ou o dinheiro. O Guilherme, por exemplo, deu seguramente um marido extremoso e um pai exemplar. Apesar do episódio da Graça-Paula, nunca teve por hábito enganar as namoradas e, pelo contrário, até perdeu duas a favor de dois amigos. Era um homem meigo, doce, atencioso e bem educado, sossegado e sensível, que gostava de ficar em casa a ler Ruben A. e a ouvir Billie Holiday. Foi com ele que descobri o prazer do silêncio e do recolhimento, talvez demasiado cedo para a minha cabeça estouvada e o meu corpo irrequieto.

Arrumo as cartas com as mãos geladas e o coração ligeiramente alvoroçado. Amanhã vou telefonar ao Pedro Pedroso e perguntar pelo Guilherme.

Quando a semana chega a meio começo inevitavelmente a programar o fim-de-semana. Agora, que sou outra vez um número ímpar, procuro instintivamente outros solitários que tal como eu desejam que os dias de descanso da semana não sejam quarenta e oito horas seguidas de tédio e silêncio. Devia aproveitar os chamados tempos mortos para arrumar a casa e a cabeça, mas não me apetece fazer nem uma coisa nem outra.

As minhas gavetas e armários sempre foram o barómetro mais fiel do meu estado de espírito, reflectindo por vezes uma enorme aplicação e disciplina que corresponderam sempre a fases passageiras que intercalavam longos períodos de caos e confusão. A Virgínia arruma mensalmente estes espaços fechados, verdadeiras anarquias reinantes de trapos e tralhas, com a mesma paciência com que arrumava o quarto dos brinque-

dos em casa dos meus pais quando éramos miúdos. Já sabe que o rebuliço será sempre mais forte do que ela, mas mesmo assim não deixa de lutar estoicamente contra a minha natureza confusa e desarrumada, teimando em deixar-me cada roupeiro e gaveta prontos a ser fotografados para o anúncio de uma revista de decoração. Provavelmente já leu todas as cartas que guardo displicentemente em caixas de sapatos misturadas com as respectivas fotografias de época com algumas recordações inúteis e preciosistas como bilhetes de cinema, bases de copo de cartão de bares, rosas secas e outros fósseis da minha existência. Mas pago o preço da perda da intimidade com alguém que andou comigo ao colo para ter tudo arrumado. Sem ela, a minha vida seria um inferno.

— A menina andou outra vez a mexer nas papeladas — disse-me ontem de manhã, assim que chegou e viu a caixa do espólio guilhermino em cima do sofá. — Quer que arrume ou que deixe cá fora?

Extraordinária, esta mulher. Possui o dom da adivinhação, ou então a idade deu-lhe a sabedoria de muitos anos de treinada intuição. Deixo a caixa de sapatos forrada de papel aos quadradinhos repousar silenciosa e cúmplice na mesa de apoio junto ao sofá e saio para a revista.

A azáfama para a preparação da festa vai-se intensificando: as três salas do escritório estão agora mergulhadas em fotografias, maquetes, folhas de fax e *post-its* por todos os lados. Toda a gente deixou de fazer o seu trabalho e cada um faz o que pode para estar tudo pronto no Dia D. A confusão é tal que dou comigo a atender chamadas enquanto a Odete dá um apoio às meninas da publicidade, que este mês vão dobrar o ordenado em comissões, tal foi a colheita. A Odete passou, como é seu hábito, as férias na *roulotte* dos pais no parque de campismo da Caparica e está com um bronze invejável. Depois da tentativa gorada de ter o usufruto do meu relógio por uma

noite, perdi a paciência para as parvoíces dela. Comecei a achá-la falsa e dissimulada, eu que sempre a vi como uma pessoa simples e divertida, apesar de profusão excessiva e gratuita de ouro e pechisbeque a chocalhar nos pulsos e nas orelhas. O sentimento de antipatia deve agora ser recíproco porque só me dirige a palavra quando é obrigada e deixou de me fazer perguntas e de tirar dúvidas sobre quem é quem, quem é que é o dono de tal banco ou o presidente de tal companhia. Talvez já se sinta tão integrada no meio que não precise de saber mais nada. Agora trata toda a gente por você e ganhou tiques de menina bem; fuma com o cotovelo apoiado na secretária, usa as mangas da camisa arregaçadas e mudou o corte de cabelo. Este banho de loja mais ou menos repentino deixou-me ligeiramente perplexa. A Elisa da gráfica, a quem não escapa nada, entra discretamente pelo gabinete para vir buscar as provas já revistas e pergunta o que é que se passa com a serigaita, como ela gosta de lhe chamar. A Elisa que continua igual a si própria, desgrehnada e frique, preocupada com a gataria e as eternas infiltrações das águas-furtadas, não vê com bons olhos a transformação da Odete.

— A miúda está diferente, parece outra pessoa — comenta com uma expressão séria.

— Se calhar quer mesmo ser outra pessoa — respondo distraidamente enquanto revejo de relance o último caderno antes de lho devolver.

— Esta nova geração quer estar sempre muito na moda e olha o resultado, parecem todas iguais, que nem fornadas de carcaças: as mesmas roupas, os mesmos colares, os mesmos sapatos, que raio, no meu tempo éramos friques, mas ao menos, éramos originais.

A Elisa faz parte da espécie em vias de extinção que foi interrogada pela PIDE antes do 25 de Abril, aderiu ao MDP/CDE, ao MRPP e ao PCTP depois da revolução e agora declara-se

apartidária porque já não são as ideologias que governam os partidos, mas sim os *lobbies* e os interesses económicos.

Aproveitamos para descer ao café e comer qualquer coisa. Em cima do passeio está estacionado outra espécie com os dias contados, o Morris Mini cor de vinho estimado com uma peça de colecção.

— Devias inscrever-te no clube dos automóveis antigos. O teu mini está a tornar-se uma relíquia.

— Há mulheres que gostam sempre do mesmo homem, eu gosto sempre do mesmo carro. Comprei-o em 73 com o dinheiro que ganhei na Rússia.

— Espera aí, nunca me contaste que foste à Rússia...

— Não fui, vivi lá três anos. Trabalhava na France Press como correspondente em Paris onde fui parar com um bolsa de estudo. Convidaram-me para ir para a então União Soviética e eu achei piada e fui. Queria saber se os comunistas sempre comiam ou não criancinhas ao pequeno almoço — remata com placidez antes de dar uma enorme dentada no *croissant* com fiambre. — Até casei com um russo e tudo. Nunca te contei?

— Não, mas vais contar agora. Sou toda ouvidos.

— Era um estudante de Sociologia com cara de passarinho chamado Yuri. Como se casou comigo conseguiu residência fora da União Soviética.

— Mas casaste só por isso?

— Claro que não. Casei porque estava apaixonada e ele desesperado para sair de lá... Ainda estamos casados. Ele vive em Paris e de vez em quando vem cá passar uns dias. Tem o quarto dele lá em casa com os livros, os discos e outras tralhas que trouxe de Moscovo.

— Recapitemos: és oficialmente casada com um russo que vive em Paris e quando vem a Lisboa tem um quarto para ficar em tua casa???

— Isso. Nunca ouviste dizer que cada casal tem o seu modo próprio de funcionar? O nosso é este.

— E sentes-te uma mulher casada?

— Nunca reparaste que tenho aliança?

De facto nunca tinha reparado. A Elisa despede-se com um sorriso cúmplice e conclui:

— Tens de vir lá a casa jantar um dia destes, eu depois conto-te tudo para não ficares com essa cara de goraz acabado de pescar. — E enfia-se no mini desaparecendo na esquina depois de uma manobra *racing* que deixou o trânsito na esquina praticamente de pantanas.

Regresso à base e atiro-me ao *mailing* que me absorve até o estômago começar outra vez a dar horas. São nove e meia e volto para casa estoirada a sonhar com um resto de sopa de cenoura e uns ovos mexidos com tomate que demoram menos de quatro minutos a fazer e me restabelecem o corpo e o espírito.

É nestes dias de trabalho intenso em que corro de casa para a revista e da revista para casa que me sinto mais vazia, mecânica, programada para o dever e o fazer, sem tempo para pensar e sentir. São períodos cinzentos e monótonos, em que os dias se comem uns aos outros e as noites só servem para recuperar o mínimo indispensável de energia para aguentar o dia seguinte, numa sucessão infernal e imparável de horas, minutos e segundos...

Antes de adormecer ainda passo os olhos por dois ou três livros de mesa de cabeceira que em tempos foram importantes para mim: *O Alquimista* do Paulo Coelho, *Enamoramento e Amor* do Alberoni e *Sinais Exteriores* do Paulo Castilho, mas não encontro nada de novo. Já me tornei prisioneira de tantos sonhos e ideais que me sinto incapaz de abdicar deles, mas começo a aperceber-me que não me vão levar a nada de construtivo nem conclusivo na minha vida. Sonho com a Elisa ves-

tida de *Matrioska* a passear a gataria à trela na Praça Vermelha e anacronicamente o meu inconsciente lembra-se, em pleno coração moscovita, que me esqueci de ligar ao Pedro Pedroso. Paciência. Amanhã é outro dia.

Acordo cheia de sono para mais um dia de trabalho. É quinta-feira e hoje de manhã vou entrevistar o filho de um banqueiro bastante conhecido que insiste em vender a imagem do jovem gestor independente que conseguiu chegar ao topo por mérito pessoal, como se o nome de família não tivesse qualquer importância. Só o conhecimento de fotografia; tem um sorriso demasiado escancarado para o meu gosto e o olho direito ligeiramente estrábico. Mas deve ser esperto, porque não aparece demasiado, o que quer dizer que tem certamente outros interesses. Deve jogar golfe, fazer *ski* três vezes por ano em Gstaad ou Courchevel e passar quinze dias de Agosto no Algarve chique como é da praxe. Já o estou a ver, de gravata Hermès e camisa Façonnable, todo ele marcas e etiquetas. Tenho de fazer uma boa entrevista para o número de aniversário, o Paulo foi bem explícito. *Olhe que ele é um contacto importantíssimo*, asseverou-me antes de sair da revista por onde passei para dar boleia ao Florindo. Se obrigasse o Paulo a pagar-me quinhentos paus cada vez que pronuncia a palavra contacto já tinha comprado um Porsche 911 Cabriolet.

Chegamos pontualmente ao edifício do banco e somos recebidos numa sala de reuniões absolutamente gigantesca e bem recheada de quadros que ilustram o que a lei do mecenato anda a fazer pela arte em Portugal. E lá entra o jovem gestor, todo ele sorrisos e apertos de mão vigorosos, oferece-nos café e falamos de banalidades enquanto o Florindo dispara umas chapas. Pergunto-lhe onde estudou, se era bom aluno, porque é que trabalha num grupo concorrencial ao do próprio pai, como é a sua vida familiar, quais os planos para o futuro e mais o

habitual rol de questões sem o mínimo interesse que são obrigatórias neste tipo de trabalho. O jovem dinâmico e promissor responde a tudo com segurança e à vontade. Entusiasma-se quando comenta em valores estatísticos o crescimento de duas empresas às quais esteve ligado e onde ainda mantém uma quota, gabando-se ostensivamente dos seus golpes de engenharia financeira. Eu digo a tudo que sim e vou tirando as minhas notas enquanto o gravador de entrevistas faz o resto do trabalho. Como ainda não tenho material suficiente viajamos até à infância, que é sempre um manancial de informação inesgotável, inofensivo e que comove o leitor-padrão.

O dinâmico gestor comenta que *os amigos de infância foram os mais importantes na sua vida e fundamentais para o desenvolvimento da sua personalidade*. Como seria de esperar, frequentou um colégio de padres jesuítas *onde a camaradagem e o sentido de responsabilidade eram valores fundamentais* e conserva até hoje o mesmo grupo de cinco amigalhaços que estão todos hoje *com óptimos lugares*, quem sabe, provavelmente arrançados por ele a troco de outros favores menos claros. Não resisto a perguntar-lhe quem são, não vá haver no meio da pandilha um ou outro nome sonante que caem sempre bem neste tipo de entrevista. “*Se calhar você até conhece algum.*” Abano negativamente a cabeça. Não conheço nenhum, excepto o penúltimo mencionado que nem quero acreditar quando oiço o seu nome. De repente lembro-me da mais célebre frase de um dos meus filmes preferidos, *Out of Africa*, quando a Meryl Streep diz ao Robert Redford: *quando Deus nos quer castigar responde às nossas preces*.

— Disse Guilherme Souto? O Guilherme que estudou Relações Internacionais em Paris?

— Esse mesmo. Você conhece-o?

— Lindamente! Fomos namorados quando eu era miúda e...

Calo-me e sinto o sangue a subir-me pela cara acima até à raiz dos cabelos. Devo ser completamente estúpida. Porque é que não me calei? Porque é que tive logo de me revelar a um estranho? O que acabo de fazer é tudo menos profissional e tento desviar a conversa.

— Desculpe, você não tem nada que ver com isso e além disso ainda lhe queria perguntar se...

— Espere aí... você foi namorada dele há quanto tempo? É que não me lembro de ele me ter falado de si — insiste o meu entrevistado passando pensativamente o indicador pelo queixo.

— Foi uma coisa rápida, sem grande importância — ainda deixo cair a ver se não sou apanhada, mas o meu entrevistado deve ter achado graça assumir o papel de entrevistador e insiste no tema.

— Que estranho! Mas como é que disse que era o seu nome? Madalena de Sousa e Sá? Já me lembro! Isso foi quando ele voltou de Paris, não foi?

— Exacto — respondo laconicamente e de cara fechada, já sem qualquer esperança de me conseguir safar da embrulhada.

— Mas isto é uma coincidência extraordinária! Pois é, nós nunca nos conhecemos mas lembro-me do Guilherme me mostrar uma fotografia sua. Tem piada! E vocês nunca mais se falaram?

Camelo. Cretino. Idiota. Percebeu que estou à rasca e decidiu gozar o prato.

— Bem, parece-me que já tenho material suficiente, agradeço-lhe imenso a sua disponibilidade mas já estamos atrasados e...

— Espere aí! Isto tem um piadão! Não se vá já embora, vamos telefonar ao Guilherme e você fala com ele, está bem?

Não está nada bem, mas já percebi que não tenho outro remédio senão fazer o que ele diz. Afinal estou no território

do inimigo, sequestrada pela minha própria indiscrição, o melhor é colaborar. O carrasco saca do telemóvel cujo tamanho se aproxima, ainda que por defeito, ao de uma máquina de calcular.

— Estou, Guilherme, estás bom? Ainda bem que te apanho aí no gabinete! Ouve, tenho aqui uma pessoa à minha frente que me veio entrevistar e com quem vais gostar de falar. Não, não é uma brincadeira, espera um segundo que lhe vou passar.

Pego no telefone sem qualquer timidez. Já que entrei no jogo, o melhor é aparentar uma atitude olímpica. O Guilherme não reconhece a voz e sou obrigada a identificar-me. Do outro lado o silêncio é seguido de um *aaaah* muito espantado e algo satisfeito. Depois das perguntas de circunstância, deixa escapar que se separou e convida-me timidamente para almoçar. Dou-lhe o meu número de casa e da revista e combinamos almoço para amanhã, sexta-feira, num restaurante junto do Clube Naval onde por coincidência fomos jantar com o Pedro Pedroso e a Mariana na noite em que nos conhecemos.

O meu entrevistado vestiu definitivamente a pele de Cupido e aproveita para atirar as últimas setas.

— Está a ver? Que coincidência tão engraçada! Vai ser giro encontrarem-se outra vez, depois de estes anos todos!...

Pois.

Volto para a revista com a alma em total sobressalto. Não devo estar boa da cabeça. Com o Ricardo na memória e o Francisco no rescaldo, como é que me passou pela cabeça ir almoçar com um ex-namorado?

A Mariana telefona ao fim da tarde e convida-me para jantar em casa dela. Quando chego, abre-me a porta munida de uma colher de pau e diz-me: prepara-te para comer o melhor arroz doce da tua vida. Sigo-a até à cozinha e ponho a mesa enquanto ela polvilha com perícia invejável a papa granulada

que acondicionou previamente em pequenas taças de vidro. Conto-lhe a entrevista com o menino do papá e a estranha coincidência dele ser amigo do Guilherme, mas não se mostra interessada e desvia a conversa. Está naqueles dias ensombrados, quando fica baça e mortiça, como se já não lhe sobrasse energia ou interesse em viver.

— Não sei onde é que vais buscar paciência para esses disparates — corta-me a palavra com alguma secura. — Já não tens idade para construir castelos na areia. Tens um amor impossível, outro acabado de executar, ainda queres ressuscitar uma história antiga que não teve nenhuma importância?

— Como é que sabes?

— Sei lá, lembro-me vagamente desse namoro; foi no Verão de 84, não foi? Só durou dois ou três meses, depois despachaste-o em três tempos. Sempre tiveste esse dom de os pôr a andar... debes ter aprendido com a Luísa.

— Estás a ser injusta, Mariana. Ele pôs-me os palitos com uma gaja qualquer! Além disso a Luísa só entrou para o grupo um ano mais tarde, no casamento da Catarina.

Resolvo desviar ligeiramente a conversa para o que mais me interessa.

— E tu, porque é que nunca mais viste o Guilherme? Vocês eram bastante amigos...

— Não, nunca mais. Ele esteve várias vezes fora ao longo destes anos, fomos perdendo o contacto e a pouco e pouco esqueci-me dele...

Há aqui qualquer coisa que não bate certo. Os amigos não se esquecem. Ou melhor, nunca se esquecem uns dos outros. Podem passar anos, décadas, que a memória guarda sempre as boas amizades. E a Mariana e o Guilherme eram bons amigos.

— Que estranho... vocês eram tão próximos.

Sentamo-nos à mesa e instala-se um silêncio pesado e sombrio. A Mariana fixa-me longamente e sinto que hesita em con-

tinuar a conversa. Depois, baixa os olhos e deixa escapar em tom de lamúria:

— Pois éramos, até tu apareceres.

A primeira garfada de massa fica suspensa no ar, a dois centímetros da boca.

— Repete lá isso.

— Eu disse, e ouviste muito bem, até tu apareceres. Ouviste agora?

— Estás-me a querer dizer que naquela época tu e o Guilherme...

— Não sei, não cheguei a ter tempo de confirmar se de facto ia ou não passar-se alguma coisa entre nós. Tu atropelaste-o com tanta rapidez e eficiência que nem me deste tempo para agir.

— Mas eu não fazia a mínima ideia!... Tu nunca me disseste que estavas apaixonada por ele.

— Tu também não terias ouvido, mesmo que te tivesse dito. Estás sempre demasiado preocupada contigo mesma e com os teus problemas para ouvires os outros ou para veres o que se passa à tua volta. Nunca te perdoei essa história.

— Como é que podes nunca me ter perdoado se eu nem sequer sabia que te tinha magoado?

— Exactamente por isso mesmo. Aliás, tinha decido nunca te falar no assunto, mas hoje apanhaste-me num dia não e fiquei furiosa, o que é que queres? Eu adorava o Guilherme, percebes? Não gostava só dele, não era só amiga dele, estava completamente apaixonada! Desde miúda que só pensava nele. Conheci-o no Conservatório quando tinha quinze anos, lembro-me como se fosse ontem. O Guilherme era o meu melhor amigo, a minha paixão secreta, platónica, a primeira vez que sentes o coração aos pulos, a garganta seca, as mãos geladas e as pernas a tremerem como canas de açúcar.

— Mas nunca nos disseste nada.

— Claro que não. As coisas verdadeiramente importantes da vida nunca se contam a ninguém.

Comemos em silêncio durante alguns minutos. A Mariana baixou os olhos e está firmemente decidida a não voltar a tocar no assunto. Conheço-lhe demasiado bem o tom peremptório, quase ríspido, quando quer dar uma conversa por terminada. Mas mesmo assim não me conformo.

— Então o meu primo Zé Miguel? Não foi ele a grande paixão da tua vida?

Levanta-se, tira os pratos e suspira tristemente enquanto vai buscar as taças do arroz doce que estão com um ar absolutamente delicioso.

— O Zé Miguel foi diferente... eu já tinha outra idade, outra maturidade. Gostei muito dele, isso é verdade. E sofri um bocado quando ele me deixou pendurada, mas depois passou. Além disso o Zé Miguel é doido, tu sabes isso melhor que ninguém, por isso, mesmo que tivéssemos ficado mais tempo juntos ele iria sempre desiludir-me. Não gosto de homens mulherengos, sobretudo se andam com as minhas amigas.

— Bem, aquilo com a Luísa não foi bem andar. Deram umas quecas e pronto.

— Para mim é tudo a mesma coisa. Se as pessoas se levam a sério ou não, acaba por ser um pormenor. O que conta é o que se passou entre elas. O Zé Miguel e a Luísa andaram a comer-se um ao outro, e pelos vistos gostaram, porque ainda hoje dão uma queca de vez em quando se lhes apetece. Mas achas que isso tem alguma importância na vida deles?

— Se não tivesse, não dormiam juntos! Mas nunca ouves nenhum deles falar do outro com paixão, nem sequer algum encanto e isso quer dizer que são bons amigos.

— Cada um faz dos seus amigos o que quer — responde secamente, como quem acabou de disparar uma Magnum e acertou no coração do adversário. — Para mim, os amigos não

servem propriamente para foder, mas está bem. Cada um é como é... e o arroz doce, que tal? Não está uma delícia?

Antes de sair ainda pergunto à Mariana se quer vir almoçar comigo e com o Guilherme.

— Estás doida! Não te vou estragar o programa — responde com um sorriso triste. — Diz-lhe que gostava de o ver e dá-lhe o meu número de telefone.

Volto cedo para casa, momentaneamente concentrada numa das minhas batalhas diárias, a de encontrar um lugar para estacionar no Bairro Alto. Ninguém me mandou ser artista e escolher para viver o bairro mais escuro, incómodo, desarrumado e confuso da cidade. Devia aprender com os meus irmãos, que, quais cristãos-novos, se renderam à nova seita de Telheiras, e falam desta como se fosse a zona mais fascinante da capital. Gostam de lançar para o ar, com o orgulho característico dos casais estupidamente felizes, que Telheiras tem tudo, desde jardins, a escolas e supermercados e que além disso é o bairro com mais doutores por quilómetro quadrado de Lisboa. Mas eu não vivia lá nem morta. Está inundado de famílias harmoniosas e em crescimento permanente, bimbos endinheirados e casais prósperos sem filhos. Prefiro o Bairro Alto, com as putas, as peixeiras e os artistas de fraco talento e grandes aspirações que gastam a mesada na Casa Varela e no Frágil.

Por sorte consigo estacionar a escassos metros da porta e abro com parcimónia o correio à espera de 237 panfletos de serviços de colocação de pavimentos, montagem de marquises, serviços de carpintaria e arranjos de máquinas de lavar roupa e loiça da zona, tudo com orçamentos grátis. No meio das cartas sobressai um envelope verde salpicado com letra irregular e agitada vinda do país vizinho. Outra carta do Ricardo.

## IV

Sexta-feira, uma e um quarto. Estou sentada na esplanada do Clube Naval à espera do Guilherme que está atrasado. Vais ver que está velho, com barriga e careca, disse-me a Luísa, que não percebe esta minha mania de fazer revisões em matéria de homens. Não és capaz de arranjar alguma coisa nova, tinhas de ir ao refugio, comentou entre duas gargalhadas telefónicas quando hoje de manhã não resisti a ligar-lhe para a agência a contar o episódio. Pode ser. Mas também pode ser que não. Há homens que não envelhecem, como o meu primo Zé Miguel, por exemplo. Aos quarenta anos ainda mantém a cara de miúdo acabado de sair do liceu. Quem sabe se o Guilherme não possui o mesmo gene da juventude...

Foi aqui que jantámos juntos pela primeira vez, vínhamos cá muito. Talvez por isso nem achei estranho quando ele sugeriu que nos encontrássemos no nosso restaurante. Lembro-me de um almoço absolutamente romântico em que o Guilherme me disse *Sinto-me um miúdo de dez anos a quem deram um*

*brinquedo novo...* Há coisas que nunca se esquecem. Fragmentos que se cristalizam no tempo e que nos fazem sentir o quanto já vivemos e até onde já conseguimos ser estupidamente felizes.

Ao longe vislumbro um vulto que me é familiar. O andar lento e elástico, o casaco ao ombro e a mão esquerda no bolso das calças. É ele. Quando me vê acelera involuntariamente o passo e inclina-se para me cumprimentar.

— Estás igual — comenta em voz baixa, enquanto tira os óculos escuros. Está mais velho, com rugas à volta dos olhos que não lhe conhecia, mas não perdeu cabelo nem lhe cresceu a barriga.

— Tu também estás na mesma — comento com um sorriso. Ficamos assim, dois ou três minutos em silêncio, a estudar os traços alheios, ambos à procura do que o outro era e que ainda preserva. Depois começamos a falar, cada um das suas vidas, como se nos tivéssemos encontrado ontem. É este o melhor sabor da intimidade guardada em anos de silêncio. A pouco e pouco vamos levantando o véu.

Como resumir em duas horas mais de doze anos de vida? Cada um tenta organizar o seu discurso de forma racional e sucinta, saltando pormenores e episódios sem relevância, num resumo liofilizado, enxuto e quase sensaborão. Já não me lembrava como o Guilherme era sério, às vezes cáustico. Mas lembrava-me das suas mãos brancas e elegantes que continuam radiosas e imaculadas, do olhar sereno e curioso. Das sobrancelhas bem desenhadas e da boca regular... De vez em quando o olhar apura-se e aquece-me os ombros como uma carícia tímida, quase imperceptível. Ou então não, sou apenas eu que por breves momentos o olho com algum desejo, que imediatamente disfarço, certamente com pouca eficácia...

Comentamos com um sorriso nostálgico e sonhador o nosso longínquo passado. As cartas e os ramos de flores, os

concertos da Gulbenkian, as noites passadas em claro. E também o episódio da bailarina que afinal se chamava Cristina e que o Guilherme nunca mais viu e que ironicamente não teve nenhuma importância na vida dele.

— E eu, tive?

O Guilherme sorri longamente, antes de responder.

— Sim, alguma... estivemos muito apaixonados. Mas isso já foi há tanto tempo, como se se tivesse passado noutra vida, não sentes isso?

— Talvez... quando andámos eu era uma miúda, agora sou uma mulher.

De novo o mesmo sorriso, longo e cúmplice.

— Tu nunca serás uma mulher. Hás-de ter sempre esse ar de menina pequenina, vais ver.

— Não sei se isso é um elogio.

— Claro que é.

O Guilherme observa-me com curiosidade enquanto reconstitui a imagem que reteve e que está obviamente desactualizada, tentando reconstruir com o presente outra Madalena que ele não faz a mínima ideia quem é, como se tivesse que construir ao mesmo tempo dois *puzzles* de dois jogos diferentes. E eu registo cada traço, cada entoação de voz, cada gesto que faz, numa tentativa subtil de ouvir o meu coração a bater mais forte.

O Guilherme resume em linhas gerais os últimos dez anos, o casamento com uma amiga de infância, o nascimento da sua filha Vera, o crescente afastamento e desentendimento com a mulher que acabou por os levar a uma separação civilizada, racional e fria, depois de esgotadas todas as discussões, insultos e possibilidades de entendimento.

— Sempre fomos demasiado diferentes e as diferenças com o passar dos anos tornaram-se abismais, intransponíveis. Mas demorei muito tempo a tomar a decisão. Foi difícil, sobretudo

por causa da Vera. Felizmente ela encarou particularmente bem a situação. Hoje há muitos miúdos com os pais separados, eles já acham a situação normal, porque os colegas da escola também vivem situações parecidas e já não é um estigma como na nossa geração. Além disso tenho uma relação extraordinária com ela. Somos muito próximos e vai para minha casa sempre que posso ficar com ela. Aluguei uma casa perto da que era nossa, onde ela continua a viver com a mãe, e assim vejo-a quase todos os dias.

Deixo escapar um suspiro.

— Filhos... quem me dera já ter tido. Pelo menos um, para poder falar deles como vocês, os que os têm, falam.

— E porque é que não tiveste? Porque é que nunca te casaste?

— Sei lá. Podia-me ter casado com este último namorado que tive, o Francisco, mas depois não deu. Ainda tenho uma história mal resolvida, um basco que viveu comigo dois anos que se foi embora mais ou menos há um ano, e que me ficou atravessado.

— Vocês, mulheres, deviam ter nascido mais pragmáticas e menos complicadas. A minha ex-mulher de vez em quando também me vinha com um conversa dessas, mas eu cortava-lhe as vasas. Um dia perdi a paciência e disse-lhe que se ela queria voltar a ver o antigo namorado que o fizesse naquela mesma noite, porque me apetecia ficar sozinho em casa a ver um filme. Fui à agenda e dei-lhe o telefone para ela não ter dúvidas que era isso mesmo que eu queria que ela fizesse.

— E era?

— Claro! Senão, não o teria feito, não achas? Já foi agora para o fim, pouco antes de nos separarmos. Foi aí que percebi que já não sentia nada por ela. Quando já não tens ciúmes, sentimento de posse, então é porque morreu tudo, não sobrou nada.

— E isso quer dizer que para ti o caso está encerrado?

— Totalmente. Ela foi minha mulher e é a mãe da minha filha, mas mais nada. Passou completamente à história. Mas não falemos mais de mim... conta-me o que é que fazes, onde é que trabalhas, e essas coisas todas.

Descrevo-lhe o meu apartamento na Rua da Rosa, o dia-a-dia na revista, as entrevistas parvas que faço às pessoas que estão na moda, conto-lhe como estão os meus pais e irmãos, quantos sobrinhos tenho de cada um deles, a morte da avó Helena e o grupo de amigas que mantive ao longo dos anos. Acabamos inevitavelmente por falar da Mariana.

— Ela tinha imenso talento... nunca mais soube dela. O que é que está a fazer agora? Entrou para alguma orquestra?

— Não. É professora no Conservatório. Vive sozinha numa casa giríssima na Praça das Flores e continua igual, ótima cozinheira e um bocado solitária. Ficou com vontade de te ver quando lhe disse que vinha almoçar contigo.

— Engraçado... também gostava de a ver — comenta o Guilherme entre duas garfadas de batata cozida que acompanham o pargo grelhado anormalmente grande que escolhemos para o almoço. Está um sol radioso e o Guilherme põe os óculos escuros que lhe dão imensa pinta. Não me coíbo de o olhar com prazer. Não há dúvida que é um homem bonito. E inteligente. E esperto. Bem educado. Tem um fato azul escuro absolutamente irrepreensível, uma gravata discreta e uns botões de punho de ótimo gosto. O anel de brasão é talvez a única coisa que me incomoda um bocadinho, mas pensando bem, não tem qualquer importância.

— Éramos muito amigos quando andávamos no Conservatório. Depois, quando fui para Paris, a Mariana escrevia-me imenso e na altura em que te conheci ainda a via algumas vezes, mas depois nunca mais a encontrei.

— E sabes porquê?

— Não faço ideia. Acho que a vida é mesmo assim, as pessoas deixam de se dar umas com as outras sem razão aparente, faz parte da maneira de ser de cada um. E depois uma pessoa, quando se casa, muda completamente de vida. Passa-se a fazer vida de casado, a sair com amigos que também são casados e têm filhos. Foi o que me aconteceu quando casei. Passei a dar-me com os amigos da minha mulher e agora que nos separamos é que estou a rever os meus antigos amigos...

Tira os óculos e faz-me uma festa na mão.

— Está a ser óptimo ver-te outra vez.

— Também acho — respondo quase em sussurro enquanto enrolo a minha mão na dele.

*Alea jacta est.* Vai começar outra vez a vertigem do desejo e já sei que vou perder outra vez a cabeça. Meu Deus, estou a tornar-me numa viúva demasiado alegre. Mas pensando bem, já tinha levantado o luto com o Francisco e talvez a sua função tenha sido só e apenas essa, a de me trazer de volta ao mundo normal dos vivos que gostam de estar vivos.

Olho para o relógio e já são três e um quarto. Se não me ponho na revista em cinco minutos tenho de aturar o Paulo, por isso pedimos a conta e o Guilherme paga com cheque para ser mais rápido e acompanha-me ao carro com um sorriso convidativo, quase irresistível. Despeço-me com um beijo e deixo escapar que não tenho nada combinado para o fim-de-semana.

— Amanhã de manhã telefono-te e se estiver este tempo fabuloso vamos dar uma volta à Arrábida de moto, está bem?

Está decidido. Vou convidar o Guilherme para vir comigo à festa da revista.

O Paulo está num frenesim no gabinete ao lado a preparar o *mailing* para festa e nem deu pelo meu atraso. Já negociou os patrocínios todos e mais uma vez vai conseguir fazer um

jantar de faisão e champanhe Moët & Chandon para mais de quinhentas pessoas sem gastar um tostão. Se eu soubesse gerir assim os meus contactos a esta hora já estava nas Bahamas a passar três meses de férias, uma temporada, como faziam os nosso avós quando iam a banhos para a Figueira da Foz. Pergunta-me como é que estão os *ozalides* do número de aniversário que repousam preguiçosos em cima da minha secretária, ainda por rever, e atiro-me ao trabalho com todo o afinco, animada com a perspectiva de despachar tudo hoje e entregar as correcções à Elisa. Duas entrevistas de oito páginas cada uma com o Kevin Costner e a Jodie Foster compõem o ramalhete, entre artigos que versam temas de grande interesse como os outros aniversários da revista, quais as melhores entrevistas e melhores fotografias, os grandes acontecimentos do ano e uma lista infindável de gente conhecida a dar a sua opinião, sempre favorável à publicação. Um mimo.

São sete e meia quando liga a Catarina a convidar-me para jantar. Uma das coisas que mais gosto nas minhas amigas é este espírito de clube gastronómico. Passamos a vida a almoçar e a jantar umas com as outras, o que representa uma solução prática e eficiente de fuga à solidão, porque não há nada mais triste do que comer sozinho.

São os miúdos que me vêm abrir a porta e me recebem com efusividade e alguma excitação, escondidos atrás do capacete do temerário Luke Skywalker e do diabólico Darth Vader, provocando-me um ataque de riso que se redobra quando a Catarina me cumprimenta, seráfica, murmurando em voz cava, *May the force be with you*.

O Bernardo acabou de chegar e está particularmente carinhoso com ela e com os miúdos. Parecem outra vez a família perfeita pela qual a Catarina tanto luta e se sacrifica. Talvez tenham conseguido resolver a crise e mais uma vez a Catarina

arrumou no canto esquecido da insignificância o caso periférico do Bernardo. Pelo menos não voltou a falar do assunto e eu também me coibi de o voltar a abordar, mais por cortesia do que por qualquer outra razão. As horas passam a voar, entre histórias dos miúdos e anedotas que o Bernardo coleccionou durante as férias no Algarve. O meu mal é gostar tanto de famílias. Alimentam-me a vontade instintiva, básica e incontável de também ter uma.

Acordo às dez com o sol a entrar-me pelas frinchas da persiana mal fechada. Lá em baixo na rua é o foclore do costume. A Hilda desfia o rosário à Idalina: o Adalberto que chegou outra vez grosso, o cachopo mais velho que anda desembestado, o mais pequenito que tem andado doente e por aí fora. Conversam as duas de roupão, cada uma à soleira da sua porta como se estivessem na aldeia. E estão.

Levanto-me com algum esforço e vou à cozinha arranjar o pequeno-almoço que ponho num tabuleiro e regresso à cama. O meu *edredon* de penas está a tornar-se praticamente no meu companheiro erótico preferido. Enrolo-me com prazer debaixo da capa branca e lisa de algodão debruada a bordado inglês e delicio-me a beber leite com Ovomaltine e a comer bolachinhas com fatias de queijo.

O telefone toca antes das onze. É o Guilherme com voz de sono a perguntar se sempre vamos passear de mota. Combinamos ir à Arrábida e almoçar por lá. Dou-lhe a morada e verifico que tenho duas horas para me arranjar. Apetece-me vê-lo, estar com ele, perceber se o que sinto tem ou não alguma consistência. Não quero pensar que me vou apaixonar, enganar-me outra vez como aconteceu com o Francisco. Além disso, a carta do Ricardo veio uma semana atrasada. Diz que o convidaram para fazer a cobertura da Cimeira dos Países Latino-Americanos em Lisboa, a 15 de Outubro, e pergunta se pode cá ficar em

casa. Também diz que tem saudades minhas e que ainda gosta muito de mim, mas a distância e o silêncio que separou a outra carta desta faz-me desconfiar. Talvez a primeira fosse sincera, mas a segunda soa definitivamente a interesse. Ou então, sou eu que finalmente estou a entrar noutra onda. O tempo suaviza tudo e apaga o que não é verdadeiramente importante. Já não me consigo lembrar bem da cara dele. Só dos olhos, verdes, enormes e rasgados, que me entravam pela alma adentro sem qualquer cerimónia. O resto é nevoeiro, fragmentos esparsos e difusos de um amor com alguns momentos extraordinários e outros muito dolorosos e difíceis. Mas não serão assim todos os amores? E não serão esses amores, os mais tumultuosos e difíceis, mil vezes melhores do que os amores mornos e harmoniosos de segunda escolha, feitos de comunhão de contas bancárias e de interesses complementares, com muita ponderação e pouca sinceridade? Qual é afinal a forma certa de amar? Com paixão e sem limites, ou com moderação e sensatez? Recuso-me a pensar que é a segunda, mas constato que os amores duradouros que me rodeiam são exactamente esses. E se duram, qual é o segredo da longevidade? Porque continua a Catarina casada com o Bernardo sabendo que ele a engana e quando já perdeu por ele todo o interesse sexual? O que faz o João com a Teresa se ela corresponde exactamente ao oposto do que ele mais gosta numa mulher? Não estarão a Luísa e a Mariana, cada uma à sua maneira, mais certas nas suas escolhas? Afinal porque é que as pessoas têm de viver umas com as outras e não podem viver felizes sozinhas, bastar-se a si próprias? Talvez até possam, mas nem todas têm essa natureza. O António é feito dessa massa, porque apesar de ter amado muitas mulheres, poucas vezes viveu com elas, e quando o fez foi por breves períodos de tempo, demasiado breves para ganharem o peso de uma relação estável e institucionalizada. Talvez cada pessoa tenha o seu elemento de encanto que a faz ser

feliz, e o melhor seria vivermos todos de acordo com o nosso. O da Catarina é a família, apesar de todos os contras e problemas, o da Luísa é a conquista, da Teresa é a resmunguice permanente, da Mariana é a pacatez, o Conservatório e os amigos. Se fosse tão fácil descobrirmos para nós próprios o que é melhor como fazemos para os outros...

A Serra da Arrábida continua linda, verde-escura e imponente, selvagem, indomável, portuguesa e atlântica. O Guilherme guia com cuidado e devagar, o que dá à viagem um tom inequívoco de passeio que tanto me agrada. Gozo quase com volúpia cada instante de velocidade, enquanto encosto o meu peito às costas dele, confortavelmente almofadadas com um blusão de camurça castanho que lhe fica a matar. Talvez o meu estado de encantamento seja exactamente este, o pré alguma coisa. Foi o que mais gostei de viver com o Ricardo e também com o Francisco. O ANTES DE. No durante as coisas já não correram tão bem. Talvez eu goste de gostar, goste de me apaixonar, goste do trabalho que tudo dá ao princípio, sem investir na realidade. E talvez a minha limitação seja exactamente esta; a de não saber sobreviver ao dia-a-dia sincopado e circular da monotonia da convivência permanente que mata quase tudo, a paixão, o fogo, o mistério e até a proximidade. Os homens que gostei de ter na cama raramente se tornavam seres suportáveis na minha vida. Sempre detestei partilhar a casa de banho e a pasta de dentes, ter de mudar de canal de televisão e interromper um filme do Woody Allen para saber se o Benfica já marcou ou não mais um golo, de passar o chuveiro pelo duche todas as manhãs para diluir os vestígios peludos de um macho, de descobrir nos cantos mais inverosímeis uma meias escura, enrodilhada e sem par.

A proximidade devia ser um bem escasso, meticulosamente doseado entre as pessoas que se amam para nunca matar esse

amor. Como o fazem casais que dormem em quartos separados para terem o prazer de se visitarem um ao outro, que passam férias conjugais para ganhar em escassos dias de paz tranquila e solitária o oxigénio necessário para mais um ano de *stress*, que aceitam as ausências do outro sem pôr em dúvida a relação, que funcionam como duas pessoas perfeitamente autónomas, ligadas entre si por um amor comum, sábio, discreto, forte e alicerçado mais no coração do que na cabeça e mais na confiança do que no hábito. Sempre sonhei ter a meu lado um homem discreto que confiasse em mim e percebesse como é importante cada um ter o seu espaço, mesmo que se viva na mesma casa, e cada um ter o seu tempo, mesmo que não sobre muito tempo para se estar junto. É esse homem que ainda procuro, que provavelmente todas as mulheres procuram e que provavelmente não existe.

São duas da tarde mas o restaurante está particularmente vazio para um sábado de fim de Verão. Talvez a neblina que envolvia a ponte a meio da manhã tivesse funcionado como dissuasor, convidando os lisboetas que têm a doença das fugas de fim-de-semana a adiar a partida e a beber mais um café na pastelaria da esquina. O Guilherme congratula-se com a falta de massa humana e comenta que a solidão pode ser um bem se for devidamente aproveitado.

— Desde que me separei, arranjo tempo para fazer tudo o que quero. Leio muito mais, oiço mais música, dou passeios de moto sem hora marcada para voltar, enfim, faço o que me apetece.

— E quando estavas casado, não fazias?

— Podes não acreditar, mas não fazia mesmo.

— Mas olha que deves ser o único, porque os maridos das minhas amigas fazem exactamente o que lhes apetece. Ou vão jogar ténis, ou vão à caça, ou dão passeios de moto, e elas ficam com os banhos, os biberons, as fraldas, as tardes no Jar-

dim da Estrela a empurrar os baloiços e a sonhar com a vida de solteiras.

O Guilherme sorri.

— Já me pareces tu outra vez, com esse teu sentido de observação cáustico e certo. Em miúda já eras assim, pelos vistos não mudaste.

Quem me dera que fosse verdade.

— Já pensaste porque é que nunca te chegaste a casar?

A pergunta é feita de forma tão directa e incisiva que me apanha completamente desprevenida. Peço ao empregado que me sirva um pouco mais de BSE branco e bem gelado, que repousa atento e bem vestido, de guardanapo a sufocar o gargalo.

— Não precisas de responder. Foi só uma dúvida que me passou pela cabeça.

— É que não sei exactamente qual a resposta a essa questão — replico contrafeita. O Guilherme acaba de tocar num ponto crítico da minha vida. Ter uma conversa metafísica neste contexto lúdico não é o que mais me apeteça, mas às vezes é preciso enfrentar os desafios.

— Não casei porque nunca encontrei a pessoa que com o tempo se revelasse sofrivelmente suportável para aguentar de boa cara a sua presença todos os dias na minha vida.

O Guilherme sorri de novo.

— Essa resposta não serve. Tenta dar outra.

Respiro fundo à procura de inspiração, mas não me ocorre nada de interessante para dizer.

— O que é que queres que te diga? Não casei porque quando era mais nova queria era divertir-me e viajar, depois os anos foram passando e quando vivi com o Ricardo senti sempre que os nossos feitios eram incompatíveis e a pouco e pouco fui-me habituando a viver sozinha.

— E este tipo com quem andaste, o tal Francisco, não era a sério?

— A princípio achei que sim, mas depois apercebi-me que não. Foi uma paixão terapêutica, para curar a história do Ricardo.

— E curou?

— Sou obrigada a responder a mais perguntas ou podemos passar às sobremesas?

— Não, não és obrigada, até porque já respondeste.

Baixo os olhos e concentro-me em esgravatar os últimos pedacinhos de peixe no cadáver do pregado. O Guilherme estende-me a mão e agarra a minha com suavidade. Desisto do peixe e peço uma sobremesa cheia de açúcar.

— Não fiques triste, vá lá. Vais ver que um dia destes acordas de manhã e apercebes-te de que o Ricardo saiu da tua cabeça. Há coisas que não vale a pena forçar. E nem precisas de te apaixonar outra vez. Já és uma mulher, tens capacidade para fazer as tuas escolhas. No dia em que perceberes que o Ricardo nem sequer é uma escolha, ele está arrumado.

Tenho vontade de o abraçar só pelo que me disse, mas atiro-me à tarte de framboesas que não falha as minhas expectativas gustativas.

Gosto de olhar para ele, mas ainda gosto mais de o ouvir falar, como se o som da sua voz possuísse um efeito encantatório automático e imediato em mim. É delicado e subtil e sabe ler com cerimónia suficiente para eu nem sequer me aperceber de que ele percebe tudo, mesmo aquilo que eu ainda não tenho a certeza que quero que ele perceba. Ao lado dele sinto-me estranhamente calma. O coração não me sai pela boca como quando estava apaixonada pelo Ricardo ou ainda quando pensei estar pelo Francisco. Ao contrário, invade-me uma sensação de uma doce e sábia serenidade que há muito não sentia.

— Lembras-te dos serões que passávamos a ler e a ouvir a Billie Holiday? Parece que me sinto outra vez com dezoito anos... — deixo escapar num sussurro.

— E eu sinto-me outra vez um miúdo de dez anos a quem deram um brinquedo novo — responde com um sorriso adorável.

## V

**D**ia 4 de Outubro de 1996. A hora H aproxima-se. A revista está vazia. O Paulo viveu as últimas quarenta e oito horas no Palácio do Correio Mor a supervisionar os preparativos da festa. Os outros jornais, as rádios, as revistas e os programas sociais de televisão não pararam de telefonar na última semana a pedir credenciais para fotografar o evento. Nunca gostei de estar nos bastidores destas coisas. Prefiro ser uma anónima convidada, receber em casa o envelope que contém mais um convite para mais uma festa e ponderar desocupadamente se vou ou não. Fazer confirmações, ligar para este e para aquele para saber se vão, verificar se não me esqueci de convidar alguém fundamental fazem parte das tarefas que sou obrigada a desempenhar por inerência do cargo e que me incomodam profundamente. O Paulo não me perdoa a falha, mas eu finjo que não percebo e digo-lhe sempre que sou um bocado distraída para executar com eficiência este tipo de trabalho. A verdade é que além de achar uma chatice, não vejo

qualquer interesse ou proveito em fazer estas festas. Felizmente o Guilherme prometeu acompanhar-me na cruzada que se avizinha e o *quorum* formado pela Mariana, a Luísa, o João e a Teresa, o Bernardo e a Catarina, também vai ajudar a fazer com que a noite passe mais depressa. Mas antes ainda tenho de passar por casa da Mariana para lhe explicar que tenho saído com o Guilherme. Deveria tê-lo feito desde que fomos à Arrábida, mas faltou-me a coragem e a vontade. Foi o Guilherme que me aconselhou a ir falar com ela quando me viu pensativa depois de lhe ter contado a conversa que tivemos no último jantar em casa dela. Como tantas vezes acontece, ele nem sequer se tinha apercebido de que ela estava apaixonada por ele e por isso sempre a tratou como uma amiga. Um equívoco que custou à Mariana dias e noites de tristeza e mágoa e que me pode custar a mim perder a amiga de quem mais gosto. Ou talvez não.

A Mariana ouve em silêncio a minha explicação confusa e atabalhoada, desembrulhada em tom confessional de quem se sente culpada e não espera perdão. A meio do discurso vagamente preparado, as minhas palavras deambulam imprecisas em considerações sobre as paixões e as amizades. Como ela não participa na conversa, encerro o monólogo com algumas directrizes conclusivas que resumem o quanto gosto dela e como estou incomodada com a situação. Só então sorri, um sorriso triste e luminoso, e pede para me sentar ao lado dela.

— Sabes, minha querida, não há definições para o que acabaste de dizer. Cada amizade é diferente e única e é por isso que as verdadeiras amizades duram uma vida inteira, porque são feitas de uma matéria própria e secreta, cuja fórmula nem os próprios amigos sequer conhecem. Se fosse a Luísa em vez de ti a dizer-me o que me disseste, talvez eu reagisse doutra forma. Mas tu és como uma irmã mais nova para mim, és uma amiga sempre com tempo e paciência para me ouvir

e aturar as minhas neuras, não consigo chatear-me nem um bocadinho contigo, percebes? Além disso o Guilherme é uma história tão antiga que já não tem qualquer importância. Provavelmente mitifiquei-o tanto exactamente porque nunca tivemos nada juntos. E quando uma pessoa passa anos a fio sozinha, os sonhos e as recordações transformam-se na melhor das companhias. Outro dia, quando cá estiveste, fui um bocado brusca contigo, mas depois estive a pensar nisto tudo e o que eu quero é que tu sejas feliz, seja com o Guilherme ou com qualquer outra pessoa, porque sei que se fosse ao contrário, tu também pensarias o mesmo, não é assim?

A Mariana e o seu coração do tamanho do mundo. Fico emocionada com o que ouvi e dou-lhe um abraço caloroso para disfarçar.

— És o máximo! Se fosse um gajo casava-me contigo e nunca mais te largava. Vens à festa logo à noite?

— Não sei... o Guilherme vai contigo, não é?

— Vai, mas isso não é razão para não ires.

— Claro que não, pelo contrário, até é um óptimo pretexto para me motivar. — E acrescenta com um sorriso cúmplice. — Mas não te preocupes, porque não vou sozinha. Ando aí com uma coisa fisgada... depois verás.

O Guilherme combinou vir cá ter às nove e comeremos qualquer coisa em casa antes de sairmos directos para a festa. Ainda me desafiou a ir jantar a qualquer lado mas detesto entrar excessivamente bem arranjada em lugares públicos, sinto-me uma espécie de relíquia circense do tipo mulher com barba e seis dedos em cada pé.

O duche é interrompido pelo toque inoportuno da campainha do telefone. Provavelmente é o Guilherme a dizer que está atrasado. A vida diplomática transformou-o numa pessoa tão pontual que é capaz de avisar um atraso de dez minutos.

— Está lá...

— *Olá, qué tal, soy yo, Ricardo, como estás?*

Sento-me no sofá antes de responder. O Ricardo, agora, neste momento, comigo acabada de sair do duche e o Guilherme a chegar a qualquer momento, não me faltava mais nada. Pergunto-lhe se está bom e digo-lhe que me estou a arranjar para a festa enquanto observo as pegadas molhadas que deixei pela sala e sinto os últimos pingos de água a escorregarem pelo peito do pé até se desenharem em relevo no soa-lho. Deve estar a lembrar-se da cena que me fez há dois anos no dia da festa porque me pareceu atrapalhado no outro lado.

— *Mira... és que tengo que ir a Lisboa al final de la semana próxima y me gustaria quedarme en tu casa* —, diz-me em tom de súplica, embrulhando a conversa com o facto de estar a colaborar com um jornal de Pamplona e vir fazer a cobertura da Cimeira dos Países Latino-Americanos, tal como me tinha explicado na carta. Respondo-lhe que teria sido mais fácil se me tivesse deixado um número de telefone ou uma morada para contactar e que agora me apanhava um pouco desprevenida, mas explicou-me que tinha mudado duas vezes de casa desde que voltara para Pamplona e que o jornal lhe pagava o hotel, mas que preferia ficar em minha casa porque tinha saudades minhas e gostava muito de me poder ver outra vez. Instintivamente e sem pensar nas consequências digo-lhe que sim, depois de o informar que ando a sair com outra pessoa.

— *No pasa nada, cariño. Nos quedamos amigos, verdad? Me acuesto en el sofá del salón y no pasa nada, vale?*

Vale. Vale tudo menos tirar olhos.

Arranjo-me com toda a energia que me abafa o espírito e a lucidez. Estava tão bem na minha paz, tinha de vir esta melga desassossegar-me. Bem, só desassossega se eu deixar. E para deixar tenho de querer. Que estúpida. Porque é que não fui capaz de lhe dizer que amo outro homem, que não o quero

cá em casa, que fosse para um hotel e não me chateasse? Porque sou fraca. E inconsequente. E não resisto à vertigem do abismo, de esticar a corda e ver até onde me aguento a trabalhar sem rede. E porque nunca mais aprendo com as merdas que me acontecem.

Passam pouco minutos das nove quando o Guilherme chega. Já tenho o cabelo arranjado e já me pinteí. O roupão de seda em cima da pele desperta-lhe a líbido e olha-me com ar guloso. Ainda sugere um àparte romântico, mas corto-lhe as vazas argumentando que tenho de chegar lá mais cedo que os convidados para ver se está tudo em ordem. Não é preciso passar muito tempo para perceber que estou estranha, mas peço-lhe que não me faça perguntas e prometo que mais tarde lhe explico o que se passa.

O carro desliza silencioso e veloz pela auto-estrada e verifico mecanicamente ao espelho a linha do contorno do *bâton*. A imagem reflectida inspira calma e serenidade. Pelo menos com os anos aprendi a dissimular um pouco as convulsões interiores.

— Se quiseses falar agora, estou aqui para te ouvir — diz suavemente o Guilherme enquanto pousa a mão direita em cima dos meus joelhos.

Tinha pensado só falar com ele mais tarde, mas a ocasião faz a confissão e conto-lhe a conversa com o Ricardo. Explico-lhe que lhe disse que tinha outra pessoa e que ele vai dormir na sala. O Guilherme não desvia os olhos da estrada e mantém uma expressão serena e impenetrável.

— A questão para mim não é se ele fica ou não lá em casa, mas se tu queres ou não que ele fique.

Baixo os olhos e enrolo instintivamente os dedos uns nos outros.

— Não tenho resposta para essa pergunta agora, tenta daqui a cinco minutos.

— Tens, é essa mesma que deste.

E mergulha num silêncio profundo e hostil. Sei que ele tem razão. Que não é aceitável que eu convide para ficar em minha casa um antigo namorado, ainda que por dois dias e a dormir no sofá da sala. Sei que por uma parvoíce posso estar a hipotecar uma relação que quero com o homem que amo. Mas prefiro isso a não encarar os factos ou a omitir-lhe o que sinto e penso.

— Ouve... não me agrada a ideia de teres esse gajo lá em casa, mas a decisão é tua e não tenho qualquer direito de te impedir de fazeres aquilo que queres, por isso ficamos assim por agora. Hoje vamo-nos divertir e tu tens duas semanas à tua frente para pensares com calma como é que resolves essa situação. São coisas tuas nas quais não me cabe o papel de interferir. Era muito mais simples para ti opor-me incondicionalmente e obrigar-te a tomar uma decisão, mas isso seria facilitar-te a vida. Estás demasiado habituada a fazer o que queres e a não assumir as tuas escolhas, mas desta vez vais ter de te virar, e depois logo se vê.

Respiro fundo e demoro alguns segundos a sair do carro. O Guilherme abre-me a porta.

— Ainda não te disse que estás linda, pois não? — pergunta com a boca encostada ao meu ouvido. Depois lança-me um sorriso tranquilo e cortês, como se nada se tivesse passado e entramos de braço dado. Sinto o chão pouco firme, não sei se dos saltos altos ou do nervosismo em que fiquei depois da conversa no carro. Pensei que ele se chateasse e me exigisse que o Ricardo não ficasse lá em casa, que pusesse a nossa relação em causa e perguntasse se a presença do Ricardo poderia constituir uma ameaça para nós, mas mais uma vez conseguiu surpreender-me. Passou-me a batata quente e agora sou eu e só eu quem tem que resolver esta história, para o bem e para o mal, assumindo as consequências dos meus actos, que é algo a que não estou habituada.

As pessoas vão chegando em pequenos grupos de dois e de quatro e inicia-se a habitual feira das vaidades, a dança das *toilettes* das mulheres, a sinfonia das jóias, o espectáculo da ostentação que tão bem caracteriza estes acontecimentos.

Uma a uma as figuras mais conhecidas da sociedade portuguesa desfilam umas para as outras, cumprimentando-se efusivamente ou dando discretos e comedidos apertos de mão à esquerda e à direita. A Luísa chega com a Teresa e o João. Está absolutamente espampanante, com um vestido decotado azul-escuro que tem ao todo menos de três palmos de comprimento e que lhe fica a matar, encavalitada nuns saltos com pelo menos quinze centímetros. A Teresa vem feia, igual a si própria, com uma saia travada preta completamente fora de moda e um *blazer* cinzento prateado que não lhe fica nem bem nem mal. O João, que fica lindamente de *smoking*, cofia o bigode enquanto observa o ambiente com olhos de predador e um sorriso vagamente carnívoro. Pouco depois chega a Catarina, muito composta, com um vestido preto comprido e uma *écharpe* cor-de-areia, de braço dado com o Bernardo. Os fotógrafos vão cercando as pessoas conforme vão entrando e pairam no ar sorrisos de todos os tamanhos, que escondem todas as emoções. É uma festa e as pessoas têm de se divertir. Pouco tempo depois vejo a Odete, com um vestido preto de renda de inequívoco mau gosto e uns sapatos de tacão que não podiam ter menos a ver com a ocasião. Está de telemóvel em punho a ligar desesperadamente para alguém.

O Bernardo e a Mariana, que estão a conversar connosco, são interrompidos pelo toque sintético e tecnológico e o Bernardo afasta-se alguns metros pedindo desculpas e atende a chamada.

A Catarina continua a falar comigo sobre as últimas proezas do Bernardinho, o filho mais velho que ganhou o campeonato de judo do colégio, mas não oiço nem uma palavra do

que me está a dizer porque de repente apercebo-me do pior: o Bernardo está a falar no portátil e a Odete também. Devem estar a menos de vinte metros um do outro, mas estão de costas. Quando ele fala, ela cala-se. Quando ela fala, ele ouve. Não há coincidências. Ela é que é a amante da outra banda, é para ela que ele liga aos fins-de-semana do telemóvel, como é que fui tão estúpida que nunca percebi o esquema? Deve ter sido com ele que ela foi jantar no dia em que me pediu o relógio emprestado, por isso é que saiu disparada do meu gabinete quando ele me ligou. É por isso que anda armada em menina fina, que se veste de forma diferente e que ganhou tiques de pretensa educação. E quando fui à praia com a Luísa e ela me disse que tinha visto o Bernardo com uma miúda à porta da Kapital e que lhe parecera ter reconhecido a cara, era ela! Peço à Catarina e ao Guilherme que esperem um bocadinho e dirijo-me à Luísa em socorro. Explico-lhe em três palavras o que se passa e peço-lhe que me desvie a Catarina da rota para poder fazer alguma coisa. O Guilherme também não deu por nada e continua a conversar animadamente com a Catarina, por isso a Luísa convida-os para irem até à outra sala buscar um copo.

Aproximo-me do Bernardo que continua a falar ao telefone e arranco-lho das mãos. Apanhado desprevenido, fica a olhar par mim sem reagir. A Odete lá ao fundo vira-se e ao ver-me com o telefone na mão desliga o dela e guarda-o na carteira enquanto acelera o passo para o fundo da sala. Tenho as pernas a tremer, a voz presa na garganta e a língua empastelada, mas ainda consigo balbuciar algumas palavras que deixam o Bernardo branco de pavor.

— Ou acabas de vez a história com essa gaja ou juro que conto tudo agora à Catarina e ficas sem mulher, sem filhos, sem nada, percebeste, meu cabrão? Acaba com essa merda ou tens de te haver comigo.

O Bernardo nem sabe onde se há-de meter. Já percebeu que não vale a pena contrariar-me e que as minhas palavras não são só ameaças. Cabrão de merda. Andou a Catarina desfeita por causa dum caso com uma recepcionista de meia-tigela!!! Estou completamente chocada. Depois de o fuzilar com o olhar vou à casa de banho passar as mãos por água e ganhar tempo para pensar no que é que devo fazer. Agora sim, a imagem refletida no espelho revela preocupação e até um certo transtorno. Não posso sair já daqui, tenho de me acalmar.

Hesito em ir falar com a Odete, mas rapidamente desisto da ideia. Preciso de falar com alguém para não fazer nenhuma asneira. Não posso estragar a noite à Catarina que parece tão bem-disposta, nem sou um censor pago a soldo da moral para me meter na vida dos meus amigos. Entre marido e mulher não se mete a colher, diz o ditado e repito-o para dentro, tentando-me convencer que é assim que as coisas devem ser e que foi um disparate ter agido daquela forma.

Alguns minutos depois, ligeiramente mais calma, volto ao circo onde o cenário continua a receber personagens e figurantes. Olho à minha volta e reconheço o fulano que entrevistei antes do Verão. Está a conversar com a mãe do Gonçalo, o amigo do Francisco que a Luísa passou a ferro. Mais ao fundo, o meu último entrevistado conversa animadamente com o Guilherme e a Catarina. O Bernardo desapareceu e a Odete também. O instinto diz-me que estão juntos a discutir a cena que lhes fiz. A Luísa está a conversar com o Gonçalo, a quem não deve ver desde que se fartou dele e que está perfilado ao lado dela como um soldado raso perante o sargento do batalhão. A Teresa sentou-se a um canto a conversar com uma amiga e o João circula como uma enguia à roda de um grupo de trintonas. Estão neste salão gigantesco mais de quatrocentas pessoas e se me puser a fazer contas de cabeça e a construir o *puzzle* de quem já comeu ou anda a comer quem, as linhas cruzam-se nas

mais variadas direcções. A sociedade portuguesa é uma miscelânea kafkiana de histórias de alcova, *affairs* secretos e histórias paralelas de uma complexidade absolutamente irretratável e totalmente indescritível. E o que mais me impressiona é que tudo se sabe e nada se desmascara. O Bernardo anda com a recepcionista, e depois? Quem é que não anda? Quem é que nesta terra à beira-mar plantada não tem as suas histórias paralelas, as suas aventuras classificadas, os seus esquemas de interesse e cama, elas por tédio ou necessidade de promoção socio-financeira e eles por uma questão de afirmação, de *status*, de virilidade?

Nas inspiradas crónicas de *Uma Campanha Alegre* já Eça de Queiroz falava desta tendência de as mulheres portuguesas terem um amante pelo prazer puro de terem com que se ocupar. Cem anos depois nada mudou, e provavelmente nunca mudará. As pessoas são assim mesmo, está-lhes no sangue a confusão, a traição, a cena, o *plot*. *Plot* que os pariu a todos.

— O que é que tens? Parece que viste um fantasma — pergunta o Guilherme que entretanto vinha em minha direcção e que nem vi, de tão absorta que estou. Conto-lhe em três frases o que acabei de descobrir.

O Guilherme fita-me com um sorriso vagamente malicioso.

— E depois? Um homem tem de se distrair...

— Queres levar um estalo na cara?

— Não, minha linda, não estou a falar por mim mas pelos outros. Até tu mandaste vir o teu *ex*, porque é que criticas tanto os outros?

Se ele não tivesse alguma razão enfiava-lhe mesmo um estalo, mas em vez disso agarro-lhe nas mãos, e digo-lhe que decidi ficar em sua casa se ele não se importar.

— Afinal não demoraste muito tempo a encontrar uma solução — afirma com um ar de vitória que não pode deixar

de me irritar. — Assim o basco não fica sem tecto e tu ficas comigo. Vá, e agora anda ali para o pé da Catarina antes que isto ainda nos estoire nas mãos..

A pouco e pouco começo a descontraír-me. São onze da noite e desde o telefonema do Ricardo que a confusão ainda não parou. Primeiro a conversa com o Guilherme durante a viagem de carro, depois a cena do Bernardo com a Odete. Sinto-me exausta e o som da Orquestra do Brilho, da Glória e da Felicidade a tocar um *hit* de Glenn Miller, já completamente gasto, põe-me nervosa.

Na pista de dança junto à orquestra avisto a Mariana a dançar com homem cuja altura deve rondar os dois metros, louro, de óculos, com inequívoco ar de estrangeiro. Deve ser a tal fígada de que me falou hoje à tarde. Os nossos olhares cruzam-se e lança-me um sorriso radioso. Estará apaixonada e não me quis dizer nada? Onde terá desencantado o nórdico? A melodia termina triunfal e o casal de dançarinos dirige-se a nós. A Mariana apresenta o Georgy Vladisqualquercoisa, segundo violino da orquestra da Gulbenkian, com a expressão ligeiramente louca que os enamorados denunciam quando já perderam a cabeça, e a torre eslava também tem a mesma expressão. Música com música se paga. O Guilherme dispara imediatamente uma conversa de circunstância com o segundo violino, o que me dá margem para perguntar à Mariana que raio se passa ali. Conheceu-o durante as férias, e ele nunca mais lhe tinha dito nada até que há duas semanas lhe telefonou e começaram a sair. Pergunta-me como está tudo com o Guilherme e conto-lhe o telefonema do Ricardo e como o Guilherme reagiu.

— Ele é muito esperto — comenta com um sorriso. — Se fosse a ti não estragava o que tens por causa do chato do basco.

— Claro que não. Deixo-o ficar lá em casa e durante esses dias durmo em casa do Guilherme.

Alguém me pousa a mão no ombro esquerdo. O meu nariz reconhece instintivamente o cheiro a perfume.

— Olá, Madalena. Estás boa?

Não acredito. O Francisco também cá está. Claro que está, e fui eu que lhe mandei o convite. Tinha-o introduzido no *mailing* e esqueci-me completamente de o retirar. Estúpida, estúpida, estúpida. Hoje não é o meu dia de sorte.

Cumprimento-o secamente e preparo-me para me descartar quando o Guilherme e ele trocam um aperto de mão formal e cerimonioso. Logo a seguir o Francisco afasta-se para cumprimentar o Gonçalo e a Luísa.

— Tu conheces este gajo?

— Conheço. Colabora connosco no Ministério.

— Colabora como?

— É do sis.

Não pode ser. Isto não me pode estar a acontecer. O Guilherme e o Francisco conhecem-se. O Francisco trabalha no sis. E eu tenho um Ó na testa. De otária. De obtusa. De obviamente muito idiota.

— Tens a certeza?

— Claro que tenho. É do departamento de informações internacionais.

— Não pode ser!!!

— Não pode porquê?

— Porque ele sempre me disse que trabalha com o pai numa exploração de mármore em Estremoz...

— E se calhar trabalha. Estes tipos têm sempre uma actividade oficial. Não convém que se saiba que são do sis, senão já não eram secretos, percebes? Eu nem te devia ter contado, mas saiu-me. Por esta e por outras é que nunca vou chegar a embaixador — remata com uma expressão cómica.

— Mas... mas este é que é o Francisco de que eu te falei, com quem andei depois do Ricardo!...

O Guilherme ficou espantado, mas não tanto como eu.

— Tu andaste com aquele gajo? Mas o gajo tem um ar tão irritante! É um taco de pia armado em bom. Onde é que estavas com a cabeça???

Estou sem resposta. Aliás, estou sem voz. Não consigo acreditar no que acabei de ouvir. O Francisco desapareceu com a Luísa, vejo-os a saírem em direcção à porta.

— Isto é demais para uma noite só — rosno entre dentes —, já completamente transtornada. Vamos para casa, está bem?

— Como queiras, querida.

A auto-estrada parece uma pista de aviação com os candeeiros todos alinhados e as riscas brancas intermitentes pintadas no chão traçadas ao milímetro. O silêncio reina dentro do carro, um silêncio horrível, incómodo e esmagador. O Guilherme guia placidamente, como se nada fosse. Estou com uma dor de cabeça fortíssima, daquelas que põem a testa a latejar e os miolos com vontade de saírem pelos olhos. Sinto as mão peganhentas e os pés gelados. Apetece-me roer as unhas, mas o brilho imaculado do verniz dissuade-me a tempo de não estragar o trabalho aplicado da manicura. O Bernardo com a Odete. E eu estes meses todos com o caso mesmo debaixo do nariz e sem nunca ter dado por nada. E o Francisco, a trabalhar para o sis... não, não pode ser verdade.

— Não posso acreditar que aquele gajo me andou a enganar este tempo todo, acabo por desabafar.

— Ninguém te mandou andar com ele.

Ou são ciúmes ou temos aqui uma nova faceta menos simpática do homem ideal.

— Parece-me que não tens nada a ver com isso.

— Não, mas também não te gabo o gosto. O gajo é um convencido!

— Pois é. Mas apeteceu-me andar com ele e agradecia que não te referisses ao assunto em tom de crítica.

— Tu é que puxaste a conversa — remata, discretamente triunfal.

Não volto a abrir a boca até chegarmos à porta de casa dele. Quando o vejo a virar o volante para entrar na garagem peço-lhe que me leve a casa. Ainda tenta persuadir-me a ficar, mas sem qualquer sucesso.

— Leva-me a casa, ou então chamo um táxi. Quero ficar sozinha para arrumar a cabeça e não ter que conversar com ninguém.

O Guilherme desliga o motor, apaga os faróis e põe o braço à volta dos meus ombros. É o primeiro gesto de carinho desde que me foi buscar a casa e agora sinto que essa indiferença me fragilizou ainda mais.

— Ouve, não podes pensar que a culpa é tua de não teres percebido nada. O Francisco trabalha para o sis e não é suposto ninguém saber. Nem os pais dele devem fazer ideia, percebes? Senão não valia a pena ele trabalhar lá. E quanto ao teu amigo Bernardo e à outra gaja, não te metas nessa história. Ajuda mas é a tua amiga Catarina, que é um amor, e tenta manter-te à margem. Já vi várias amizades acabarem por alguém querer ajudar e se meter a resolver a vida de casais. Entre marido e mulher não se mete a colher, nunca ouviste o ditado? Vá lá, não estejas triste... Se calhar até é melhor para ti saberes como é que as pessoas são...

O tom paternal conforta-me e irrita-me ao mesmo tempo.

— Falas-me como se eu fosse uma ingénua, uma idiota.

— Não é nada disso! Não vês que estas coisas podem acontecer a qualquer pessoa? Conheço tantos casos que passaram completamente ao lado das pessoas mais próximas... A vida é mesmo assim, muitas vezes não vemos o que está mesmo debaixo do nariz, mas isso não faz de ti uma pessoa ingénua, muito menos idiota.

Estou quase a sucumbir ao doce embalo e hesito em subir.

— Leva-me a casa, querido. Não é nada contigo, mas quero mesmo ficar sozinha e descansar esta noite.

O Guilherme não insiste. Da casa dele à minha são menos de cinco minutos e despeço-me com um beijo terno. Subo as escadas devagar, depois de ter tirado os sapatos. Cada vez que saio empoleirada nos andaimes, arrependo-me sempre. Entro sem fazer barulho e fecho a porta com cuidado para não acordar a vizinhança.

Vou à casa de banho e inicio o ritual da vaidade: leite de limpeza, tónico, creme hidratante... as lágrimas caem-me pela cara abaixo e misturam-se com os cremes. Sinto-me triste, arrasada, sem forças. Sinto-me estúpida, imbecil, tapada como um burro com dois pares de vendas. As pessoas só muito raramente são aquilo que parecem, sempre o soube, mas então porque é que continuo a esperar o melhor delas e a nunca estar preparada para o pior? As decepções com o género humano deixam-me sempre profundamente abalada. E no entanto, se puser a mão na consciência, eu mesma já decepcionei muitas pessoas...

O melhor é tomar um comprimido e dormir. Talvez amanhã, depois de uma noite bem dormida, uma boa chávena de café com leite e um duche, o quadro não pareça tão negro. Há muito poucas coisas que uma noite de sono, uma boa refeição e um bom banho não ajudem a atenuar.

## VI

O Ricardo chega quinta-feira, depois de amanhã. Quando me telefonou a confirmar a chegada tratei-o com alguma indiferença. Parece-me que estranhou um bocado, mas como é orgulhoso não quis fazer perguntas. Nem sonha que não vou cá estar em casa. Já planeei tudo: vou buscá-lo ao aeroporto, levo-o a jantar fora e depois venho pô-lo a casa. Dou-lhe uma chave e já não subo. O Guilherme achou o plano perfeito e nem sequer comentou o facto de irmos jantar fora. Nessa noite aproveita e vai jantar fora com a Vera, porque diz e com razão que precisa de passar algum tempo sozinho a namorar a filha. Saio da revista e vou a casa buscar o doce de leite condensado que a Virgínia me deixou pronto para levar aos anos da Teresa. É sempre assim: a aniversariante ocupa-se das entradas, *cocktails* acepipes e conduto, e a pandilha faz uma espécie de torneio de doces em que todas participam. A Luísa encomenda à mãe um bolo de bolacha inolvidável, a Catarina aplica-se em *bavaroises* imponentes e policromáticas, a Mariana faz a sua imbatível

tarte de amoras e eu resumo a tarefa ao básico pondo a Virgínia a trabalhar para mim. São sempre jantares fabulosos, nos quais a Teresa leva ao extremo do impossível as suas qualidades de fada do lar com requintes que fazem todos os presentes sentirem-se bem. Geralmente ficamos todos grossos e com sorte pode ser que a Luísa se lembre de trazer um charro já preparado que fumamos todas às escondidas da Catarina.

Encontro-me com o Guilherme nas Amoreiras para comprarmos o presente de anos. Estou sem imaginação nenhuma, mas entramos numa livraria e ele compra sem hesitações um livro da Isabel Allende e o problema fica resolvido. Estou um bocado nervosa com a chegada do Ricardo e o Guilherme já percebeu, por isso resolveu mimar-me até à exaustão, para que não me assalte qualquer dúvida. Nos últimos dias fomos três vezes ao cinema, levou-me a jantar fora, encheu a casa dele de flores e ofereceu-me duas colectâneas da Billie Holiday. Estamos em plena lua-de-mel e sinto que gosto cada vez mais dele, apesar da nossa relação na cama não ser exactamente o meu ideal. Mas se calhar são mesmo assim as relações estáveis e maduras. Há menos loucura e mais segurança. Há menos aventura e mais comodidade. E a comodidade já se tornou um valor importante.

Chegamos a casa da Teresa às nove e somos os últimos. O João abre-nos a porta com o seu irresistível sorriso de quem está sempre na maior e a Teresa chama-me da cozinha para ir pôr o leite condensado no congelador. Lá está a Luísa de avental, a temperar umas perdizes com um aspecto divino e a Teresa coloca no forno um arroz de passas para secar enquanto a Mariana acaba de temperar uma salada gigantesca e colorida onde há de tudo: espargos, alface, tomate, milho, nozes, requeijão e outras coisas que o meu olhar de leiga não consegue interpretar. A mesa já está posta e sentamo-nos cada um no seu lugar, indicado em letras pequeninas nos marcadores

de prata. Perguntamos à Mariana como é que vai o romance musical. Responde-nos com um sorriso sonhador e deliciado. Há muito tempo que não a via tão bonita e radiosa. A Luísa também não está mal, com uma saia curta e uma camisola preta de gola alta e marga curta que lhe realça as curvas bem desenhadas. A Teresa está de preto, igual a sempre, nem bem nem mal, antes pelo contrário. Os homens conversam animadamente na sala enquanto as fadas em rodopio trazem o manjar. Por fim, lá nos instalamos todos já bastante regados a champanhe que propicia a divagação e ao disparate. O Georgy encanta todos com o seu português primitivo e macarrónico que até não é mau de todo para quem só está em Portugal há três meses. A Teresa aproveita para comentar que a Luísa vem sozinha, mas esta não deixa o crédito por mãos alheias e explica para quem quiser ouvir que anda a sair com um amigo do Francisco. Outro, comenta a Catarina chocada. Ó filha, qualquer dia ainda comes a equipa de futebol inteira, remata o Bernardo. Se fosse a ti calava-me, respondo-lhe, cortante. O Bernardo faz-me um sorriso atrapalhado e ataca a perdiz. A Luísa então explica que o fulano ainda é primo do Francisco, que se conheceram na Kapital e que aparecem os dois mais tarde para beber um copo. O Guilherme fica com cara de poucos amigos perante a novidade mas disfarça bem. A mim também não me apetece ver o Francisco, até porque me vai ser muito difícil controlar-me e não lhe dizer na cara que o acho um cabrão e um filho da puta depois de ter sabido o que é que ele faz na vida, mas o Guilherme, que lê tudo nas entrelinhas, pede-me em sussurro para me controlar quando ele chegar, porque senão é ele que fica em xeque. A Teresa pesca elogios ao jantar enquanto o Bernardo, o Guilherme e o João discutem os atributos físicos da Pamela Anderson, indiferentes às nossas críticas e reparos acerca do número de plásticas, da sensação estranha que deve ser dar beijos numa boca injectada a silicone

e outros pormenores que tentamos que os choquem, sem qualquer sucesso. O Guilherme mostra a sua habilidade diplomática deitando alguma água na fervura, argumentando que ela nem é assim tão boa como vocês dizem, mas o João remata: Então se aquilo não é uma gaja boa, diz-me lá o que é que é.

Perante tal facto não há argumentos e para desanuviar explico ao Georgy, que não pesca nada da conversa, do que é que se está a falar. Ele abana a cabeça e faz um gesto com a mão exprimindo o seu desagrado pela actriz e é imediatamente aplaudido pela população feminina.

— Qué mulherr féa, non goxto, non goxto!

A Mariana estica o pescoço e assume um ar babado.

— Estão a ver??? Por estas e por outras é que eu gosto mais de estrangeiros! Têm bom gosto.

Mas o Bernardo e o João não concordam e explicam ao eslavo, num inglês pobre mas empenhado, que a mulher é uma bomba. O João ainda sugere mostrar-lhe algumas imagens da série de televisão, mas recua imediatamente perante o olhar ameaçador da Teresa.

— *Maybe later, maybe later* — contemporiza o Guilherme.

E mudam a conversa para a Expo 98 que todos acham que não vai estar pronta a horas e que vai ser uma barraca.

Por volta das onze chega o Francisco com o tal primo, o Eduardo, e uma amiga, a Ana Paula, que ele apresenta à sala com grande à vontade Faz-me um sorriso triunfante. Deve estar convencido que me irrita com a presença da amiga, mas mal sabe que sou eu que o vou chatear quando lhe disser quem é que está mesmo a chegar.

Pouco tempo depois, enquanto a Luísa dá corda ao tal Eduardo que está perfilado como um soldado raso ao lado dela (não sei o que é que ela lhes faz, mas os homens na sua presença parecem sempre uns cãezinhos de circo) o Francisco apanha o Guilherme distraído com o João e o Bernardo em

frente da televisão a mostrar a Pamela ao Georgy e mete conversa comigo.

— Então viúva, já te passou o luto ???

— O morto está a chegar — respondo-lhe perdida de riso.

— O quê ???

— Eu disse: o morto está a chegar, vem cá passar uns dias. Mas já tirei o luto, se queres mesmo saber. Foi o Guilherme que mo tirou e agora estou ótima.

— Folgo em saber, mas pensei que me tinha cabido essa missão.

— Não, tu foste só uma relação terapêutica.

O Francisco fica verde mas não acusa o toque e resolve mudar de tema.

— Então e o que é que esse gajo vem cá fazer?

— Sei lá, disse-me que vinha fazer a cobertura de um congresso qualquer dos países Latino-Americanos para um jornal de Pamplona.

O Francisco fita-me com uma expressão estranha.

— E quando é que chega, onde é que ele vai ficar ?

— Em minha casa.

O Francisco está cada vez mais baralhado.

— Mas como? E o Guilherme?

— Ele vai ficar lá em casa mas eu não, percebes, eu vou para casa do Guilherme.

— Muito bem. Então isso entre ti e o Guilherme é a sério...

— O que é que te interessa? — pergunto com brusquidão.

— Nada, nada, só quero saber se estás bem, não comeces já a mandar vir comigo, nunca te fiz mal nenhum.

Bebo um gole de vinho e respiro fundo para não lhe atirar à cara que sei que ele trabalha para o SIS, que acho uma vergonha termos andado quatro meses e nunca me ter dito nada e que perdi totalmente a confiança nele, sobretudo depois de

todas as prelecções e discursos que me fez por eu ter levado a carta do Ricardo para Cabo Verde. Também resolvo mudar de assunto.

— Ouve lá, e esta Ana Paula é tua namorada?

— Não, é uma amiga minha.

— Pois.

— A sério! É minha amiga há uma data de anos e..

— E nunca me falaste dela...

— Também nunca te falei de outras coisas — comenta com um sorriso sacana.

— Não me chateies.

Viro-lhe as costas. Prometi ao Guilherme que não o denunciava e além disso ver a Pamela Anderson na televisão é melhor do que desconversar com ele.

A Teresa chama todos para a mesa para o ritual do bolo de anos e por momentos apagam-se as luzes e lá procedemos à cantoria habitual como se tivéssemos todos cinco anos e a festa fosse no Jardim Zoológico. Depois das velas inicia-se a distribuição de presentes e a Teresa delira com o momento. Aproveito para pedir ao Guilherme para nos irmos embora e despeço-me dos donos da casa antes de nos eclipsarmos silenciosamente.

Voltamos para casa e o Guilherme está particularmente inspirado. O champanhe subiu-lhe à cabeça e enrolamos um charro antes de nos deitarmos. Fazemos amor com empenho e muita inspiração, muito mais do que é habitual. Se calhar só agora é que nos estamos a habituar um ao outro. Há coisas que só o tempo traz. E só o tempo leva. Às vezes, depois de fazer amor com o Francisco, lembrava-me do Ricardo. Mas com o Guilherme não. Não me lembro de nada, nem de ninguém. Fico quieta enquanto conversamos sobre as nossas coisas mais íntimas, ainda mais íntimas que os nosso corpos encaixados um no outro. E vêm ao de cima os medos, os traumas, os dese-

jos secretos e é exactamente aí que nos entendemos sempre um ao outro, muitas vezes apenas com meias palavras. Às vezes a conversa prolonga-se até mais tarde do que seria desejável para as horas de sono que tanto prezamos, mas nunca nos importamos porque é nestes momentos de maior intimidade, em que o *pillow talk* reina e prevalece, que nos sentimos mais próximos, mais amados e mais aceites um pelo outro. Acabamos por adormecer com vontade de fazer outra vez amor, mas nem sempre fazemos, e adormecemos consolados, agarrados um ao outro, com o sabor da eternidade a embalar-nos. Sei que o Ricardo está para chegar mas já não tenho medo. Nem dúvidas. Nem sequer a mais pequena incerteza. Sei que ele já não significa nada para mim, que faz parte do meu passado, de um passado que já passou e se conjuga no pretérito perfeito. Talvez não tenha tido força suficiente para o arrumar sozinha, o Guilherme deu uma ajuda fundamental. Mas já virei a página. O Ricardo foi um homem na minha vida, não foi nem é o homem da minha vida. E conto explicar-lhe isso na noite em que formos jantar, a qual talvez seja a única em que o vou voltar a ver nos próximos tempos.

O aeroporto da Portela consegue sempre surpreender-me porque está em obras há vinte anos e pelos vistos para sempre. Dirijo-me à porta das chegadas e espero pacientemente o voo do Ricardo. O coração está quieto, a bater ordenadamente, como se o advento da sua presença não tivesse a mínima relevância.

Lá vem ele, de saco às costas, com o seu ar aéreo e despen-teado, os olhos ansiosos e inquietos à procura da minha cara entre a pequena multidão que espera os viajantes. Em vez de me dirigir a ele, deixo-o encontrar-me.

Esboça um sorriso tímido e cumprimenta-me com um beijo na cara que não deixo transformar-se em abraço. Ini-

cio uma conversa cordial e descontraída. Conto-lhe a festa da revista, o jantar de anos da Teresa, omitindo com alguma contenção o Guilherme. Prefiro explicar-lhe tudo durante o jantar. Como já são oito e meia vamos directos para o restaurante preferido dele, uma tasca com seis mesas no Bairro Alto onde se comem as melhores pataniscas do mundo. Pedimos um garrafa de vinho branco e começamos a tentar conversar, mas o Ricardo está tão aéreo como eu e o fio da conversa perde-se várias vezes, até que me encho de coragem e lhe explico que tenho um namorado em casa de quem vou dormir enquanto ele estiver em Lisboa. Reconheço-lhe a expressão impenetrável de quem não gosta do que está a ouvir. A cara fecha-se e de repente parece que tem mais dez anos em cima. Um arrepio imprevisto percorre-me a espinha. Conheço demasiado bem esta cara, o sobrolho franzido, a expressão carrancuda que permanece durante horas. Vivi meses e meses assim com ele, no fim da nossa relação. Seria incapaz de tentar sequer reaproximar-me dele. Gosto dele como se gosta das pessoas que já amámos e que já saíram das nossas vidas. Mas tive de o ver outra vez, tive de o ter de novo por perto para ter a certeza do que já era afinal tão evidente: o Ricardo e eu sempre fomos, e seremos, uma conjunção impossível.

A pouco e pouco começa a ficar menos mal disposto e conta-me as histórias da faculdade e o convite do jornal para colaborar com algumas reportagens. Pergunto-lhe o que é que se vai discutir na cimeira dos países Latino-Americanos, mas dá-me umas respostas vagas. Ainda não estudou a lição e deve lembrar-se de mim quando saía para entrevistar este ou aquele sem me ter preparado devidamente. Pergunto-lhe se tem gravador ou se quer que lhe empreste o meu, mas não, diz que toma notas e faz o resto de ouvido.

Deixo-o em casa, depois de lhe abrir o sofá da sala e de lhe entregar a chave e despeço-me com uma serenidade na qual

mal me reconheço. Sinto que mudei e isso dá-me segurança. O Ricardo ainda me lança um olhar de perdigueiro arrependido que deixou escapar o coelho, mas agora é tarde, demasiado tarde para vacilar. Saio, depois de lhe dar um beijo amigável de boas-noites e guio em silêncio, devagar, até casa do Guilherme. Quando chego está na sala, de *boxers* e uma *T-shirt* desbotada, a ler e a ouvir a Billie. Levanta os olhos, pouso o livro nos joelhos e estende-me as mãos.

— Então, correu tudo bem?

— Muito bem. Fomos jantar e depois deixei-o lá em casa.

— E fez-te impressão?

Sento-me no chão e enrolo-me nas suas pernas nuas.

— Gosto tanto de ti.

## VII

O Ricardo já cá está há três dias e não voltámos a falar. Disse-lhe que me podia ligar para a revista, o que é o mesmo que dizer a um cavalo para ladrar. Nunca gostou de ligar para a revista e como fala mal português tem vergonha do sotaque e das calinadas que comete na língua camoniana. Se calhar estava à espera que eu lhe telefonasse, mas o facto é que nem sequer tive vontade. Para quê? Já não temos nada a dizer um ao outro. A nossa relação acabou há mais de um ano, quando ele se foi embora, e se a construí e reconstruí na minha cabeça foi mais por não aguentar o peso da derrota de uma relação falhada do que por qualquer outra coisa. Ou então estava demasiado só para aguentar a solidão e agarrei-me às memórias para me consolar com o impossível. Mas tudo isso passou e percebo agora a Luísa quando me criticava por viver tão agarrada ao passado e perder o presente. Só espero é que o Ricardo não tivesse vindo com grandes expectativas, mas parece-me que não. Provavelmente só queria um sítio para ficar

e saber se estou bem, naquele contexto dos *ex* que já foram a nossa família e com quem nos preocupamos sempre, mesmo depois de termos outra vida com outras pessoas.

A Luísa liga-me mesmo em cima da uma para irmos almoçar. Está um daqueles dias de Outono cheios de sol e os plátanos de Campo de Ourique forram a calçada, formando um tapete fofo e estaladiço que piso com prazer. Combinamos encontrar-nos no café da esquina que vende *mini pizzas* e sumos naturais de fruta. Arranjamos uma mesa por milagre, mesmo ao canto, e a Luísa relata-me mais uma vez a sua nova distracção, o tal Eduardo, primo do Francisco, de quem fala com displicência e alguma simpatia.

— Ele até é porreiro. Estás a ver o género de gajo descomplicado para quem está sempre tudo bem? Ainda outro dia o deixei mais de meia hora à minha espera nas docas e quando cheguei tinha encontrado um grupo de amigos e já estava sentado à mesa a beber uma cerveja. Nem me disse nada, fez-me um grande sorriso, como se eu tivesse chegado a horas. Fiquei parva, mas achei óptimo. É que pensava que já não havia gajos assim.

— Isso é só até não haver intimidade e confiança. Agora vê lá se também não o pões a viver em tua casa como é costume.

— Nem penses nisso. Já me deixei de devaneios. Ele até pode lá dormir quando quiser, mas a casa é minha e acabou-se. Com muita sorte deixa lá um par de *boxers* e a escova de dentes.

A D. Hilda que explora o café põe o rádio mais alto para ouvir uma notícia que lhe chamou a atenção.

— Olha! Parece-me que mataram um ministro qualquer lá na cimeira dos países não sei o quê — comenta perplexa enquanto limpa as mãos ao avental.

Nem acreditamos no que estamos a ouvir. Um atentado em Portugal, um país onde praticamente nunca acontece nada, muito menos destas coisas, apanha-nos sempre desprevenidos.

A D. Hilda liga a televisão e está a dar a telenovela, mas pouco minutos depois aparece o separador do Especial Notícias.

*Interrompemos a emissão para informar que hoje, cerca das doze e quarenta e cinco, o ministro da Cooperação e Desenvolvimento de Espanha, Javier Segovia, foi vítima de um atentado à porta do hotel onde se deu hoje início à Cimeira dos Países Latino-Americanos. Javier Segovia foi atingido a tiro no momento em que saía acompanhado de outras entidades oficiais. Não houve mais feridos, mas o representante do governo espanhol foi imediatamente transportado para o Hospital de S. José, dando entrada na Unidade de Cuidados Intensivos. O seu estado é considerado grave, encontrando-se entre a vida e a morte. A Polícia já constituiu uma comissão de inquérito para este grave incidente. O acto terrorista ainda não foi reivindicado, mas todas as suspeitas recaem sobre a ETA, etc, etc,...*

A câmara está em directo no local a filmar a porta do hotel, enquanto se mostram fotografias da vítima intercaladas com as imagens da polícia a dispersar a multidão e das inevitáveis manchas de sangue que vão custar ao hotel milhares de contos em cancelamentos de reservas e na mudança de decoração. De repente fico em pânico. O Ricardo estava lá! E se houve mais feridos? E se foi mais alguém atingido e eles não deram a notícia? Provavelmente ele deve ter tentado fazer algumas perguntas à vítima para a sua peça jornalística.

— Luísa, o Ricardo está lá.

— Está lá aonde?

— Na merda da cimeira, não percebes? O Ricardo está lá! Pode ter-lhe acontecido alguma coisa!

— Não sejas paranóica, Madalena. Eles disseram que não tinha havido mais vítimas.

— E eles o que é que sabem? Ó D. Hilda, ponha lá o rádio na TSF para sabermos o que é que se passa.

A D. Hilda está nervosa, põe-se a dar voltas ao botão sem acertar. Levanto-me como uma flecha e vou ao lado de dentro do balcão sintonizar no 89.5.

*A Cimeira dos Países Latino-Americanos foi hoje ensombrada com um atentado terrorista contra Javier Segovia, o representante do Governo espanhol, ministro da Cooperação e Desenvolvimento, que hoje à tarde iria apresentar o seu discurso. Javier Segovia foi vítima de um disparo de uma espingarda de alta precisão. Presume-se que o tiro foi disparado a cerca de cem metros de um dos telhados que rodeiam a entrada do hotel. O estadista encontra-se na Unidade de Cuidados Intensivos do Hospital de S. José e continuamos sem notícias acerca do seu estado de saúde. Sabe-se apenas que ao dar entrada nesta unidade hospitalar o seu estado era bastante grave. Javier Segovia foi atingido na zona do abdómen à porta do hotel, o que deixou a polícia perplexa quanto ao local de proveniência do tiro. Presume-se que se trata de mais um acto terrorista da ETA, uma vez que Javier Segovia esteve envolvido no processo GAL nos anos oitenta. Recorde-se que Segovia era também o homem forte na política interna do primeiro-ministro espanhol e foi recentemente condecorado pelo Rei Juan Carlos...*

— Estás a ver, não houve mais feridos — senão os gajos tinham dito alguma coisa, conclui a Luísa

— Não sei, estou com um mau *feeling*...

— Não sejas parva. Se calhar até foi bom para ele. Assim tem mais material e faz a reportagem da vida dele.

Espanta-me como a Luísa mantém o raciocínio frio e comercial em qualquer situação.

— Tu é que devias lá estar. Fazias uma reportagem e ias vendê-la ao *Expresso* o ao *Público* e deixavas essa revista de tias.

— Talvez tenhas razão, mas também não tenho grande estofo para atentados, política, e essas coisas.

Regresso à revista onde não se fala doutra coisa. Até a Odete, que tem a andado a fugir todos os dias de mim, esquece o nosso assunto e comenta com um ar desolado o atentado. Toda a gente está perplexa com os acontecimentos. Na rádio e na televisão vão desfilando testemunhos de figuras públicas de vários quadrantes, condenando o acto terrorista. Finalmente o chefe da equipa médica apresenta-se diante do batalhão de câmaras e microfones para dizer que o estado do Javier Segovia é crítico, embora estacionário, e que é totalmente impossível fazer previsões quanto à evolução do estado de saúde da vítima. O Paulo, que não se podia interessar menos por política e assuntos que não tenham *glamour*, Ferraris ou brilhantes, manda-nos a todos trabalhar.

Ligo incessantemente para casa à espera que o Ricardo atenda, sem qualquer sucesso. Ao fim da tarde vou lá, mas não vislumbro qualquer sinal dele. As chaves que lhe emprestei estão na mesinha da entrada e o sofá-cama está fechado e arrumado, o que não me espanta porque que não dispensei a Virgínia nos dias em que o Ricardo devia cá estar, mas não vejo as coisas dele em lado nenhum. Nem o saco, nem a máquina de barbear, nem a escova de dentes. Foi como se nunca cá tivesse estado. E já são oito da noite. Telefono ao Guilherme, que ainda está no Ministério, e conto-lhe o desaparecimento misterioso do Ricardo. O Guilherme aparece em menos de dez minutos e procura comigo algum indício da presença do Ricardo mas não encontramos nada.

— Há qualquer coisa nesta história que não bate certo — comenta com cara de caso.

Abro o frigorífico para ver se ele comeu os iogurtes e alguns restos que tinha deixado antes de ir para casa do Guilherme, e nada. Está tudo intacto. Começo a duvidar se ele dormiu cá na noite em que o deixei. Ligo à Virgínia que me diz que na sexta-feira quando chegou não estava ninguém em casa, mas a cama da sala estava por fazer e a casa de banho estava por arrumar. Ele dormiu cá pelo menos essa noite e desapareceu no fim-de-semana. Por isso é que não telefonou. Antes de sairmos dou uma última volta aos cantos e encontro o bilhete de avião debaixo do teclado junto com um bilhete. O Ricardo agradece a estadia e diz que teve que regressar mais cedo a Espanha.

— Se ele deixou o bilhete é porque voltou de carro.

— Mas porque é que ele ia voltar de carro se o jornal lhe pagou o bilhete de ida e volta?

— Porque não queria ser apanhado.

O Guilherme assume uma expressão enigmática, impenetrável. Senta-se e pede-me que me sente ao lado dele.

— Parece-me que o teu amigo basco está metido na história do atentado.

Sinto as pulsações a duplicarem de ritmo em menos de um segundo.

— Não posso acreditar no que estás a dizer! O Ricardo é a pessoa mais pacífica do mundo! Vivi com ele um ano e nunca, nunca...

Calo-me porque nem sei o que digo. Como é que eu posso saber como é que ele era, se estava sempre tão calado, falava tão pouco de si mesmo e da sua família, se nunca me convidou para ir a Pamplona conhecer o mundo dele?

— Ouve lá... onde é que conheceste o Francisco?

— O que é que o Francisco tem a ver com isto?

— Responde-me: onde é que o conheceste?

— No T-Clube, uma noite em que fui sair com a Luísa.

— E ele sabia que o Ricardo tinha sido teu namorado?

— Claro! Quando o conheci ainda tinha fotografias minhas e do Ricardo aqui na sala. A primeira vez que o Francisco veio cá a casa perguntou-me quem era e eu disse-lhe que tínhamos vivido juntos e que ele tinha voltado para Pamplona.

— E nunca notaste nada de estranho no Francisco?

— Nada de estranho como?

— Ele nunca te fez perguntas sobre o Ricardo, se tinhas algum contacto dele, se vocês ainda se escreviam ou se telefonavam?

— Não, nunca. Depois começámos a andar e nunca mais falámos no assunto. Só quando acabámos, porque o Ricardo escreveu-me e eu levei a carta de férias quando fui para Cabo Verde com o Francisco. Ele descobriu a carta e ficou furioso. Tivemos uma discussão e acabámos tudo quando chegámos a Lisboa.

— Estou a ver...

O Guilherme mantém-se calado durante alguns minutos.

— Tens aí a tal carta? Guardaste o envelope?

Vou à parte de cima do roupeiro onde guardo as caixas de sapatos com todas as recordações dos meus antigos namorados, cada um na sua caixa. Também está ali a caixa do Guilherme com as nossas cartas de há mais de dez anos, mas contenho-me e deixo-a arrumada. Não é este o momento de a mostrar, talvez mais tarde. Além disso, o Guilherme podia ficar chateado de se ver representado numa caixa ao lado do Ricardo, do Francisco e de mais alguns namorados que tive...

— Toma, está aqui.

— Era o que eu esperava. Não tem remetente.

— Pois não. Isso reparei eu logo quando a recebi, mas como o Ricardo é um bocado distraído...

— Distraídos somos nós, minha querida. Esse gajo está de certeza metido na história do atentado e tu viveste um ano com um terrorista sem teres a menor ideia do que se passava.

Estou em estado de choque com o que ele me diz.

— Como é que podes ter tanta certeza disso?

— Não tenho certezas nenhuma, mas basta-me somar as evidências. O gajo vive cá um ano, volta para Pamplona, escreve-te cartas sem remetente e desaparece no dia do atentado, deixa cá o bilhete de avião e um bilhete de despedida com uma desculpa esfarrapada e vais-me dizer que tudo isto é normal? Não vês que existem aqui demasiadas coincidências estranhas?

Fico em silêncio, sem saber o que pensar. Será que mais uma vez o Guilherme acertou? E se isto for verdade, qual é o papel do Francisco?

— Guilherme... achas que o Francisco andou comigo só para tentar descobrir coisas do Ricardo?

— Sei lá! Nesta fase dos acontecimentos já não sei nada...

Ficamos os dois calados, sentados no sofá, com a cabeça às voltas sem saber o que pensar, tentando adaptar o meu raciocínio aos novos dados, mas as pistas lançadas pelo Guilherme não me entram na cabeça. Tudo isto é demasiado absurdo para ser verdade. Recuso-me a acreditar que o Ricardo possa ter tido alguma ligação com o atentado, mas também há duas semanas me recusava a acreditar que o Francisco trabalha para o SIS e hoje sei que é verdade. E se calhar foi por isso mesmo que começou a andar atrás de mim. E se calhar também foi por isso que me deu o telemóvel. Para ver se apanhava alguma coisa por aí. Pergunto ao Guilherme se acha possível que o meu telemóvel esteja sob escuta.

— Claro que é possível — responde. — Se foi ele que te deu, é óbvio que sim.

Que nojo. Dói-me o estômago, tenho vontade de vomitar, sinto a cabeça a andar à roda, os quadros da sala começam a mexer-se sozinhos nas paredes. Levo as mãos à cara e começo a chorar como uma criança a quem atropelaram o

cão. Nem sei o que pensar desta merda toda. Fui usada pelo Ricardo e pelo Francisco e nunca percebi nada. Os dois dormiram comigo, entraram na minha casa, fizeram parte da minha vida e eu nunca percebi que não gostavam de mim, que só queriam tirar dividendos. O Ricardo ficou a conhecer bem Lisboa e sabia que podia voltar quando quisesse, que tinha sempre onde ficar. O Francisco usou-me para apurar as suas investigações, e quando percebeu que não conseguia descobrir nada através de mim, pôs-se a andar. Agarro-me ao Guilherme e choro convulsivamente, enquanto vou desabafando as minhas mágoas. O Guilherme tenta consolar-me, dizendo que talvez as coisas não sejam bem assim, talvez o Francisco se tenha apaixonado por mim independentemente da investigação, que pode ter sido uma coincidência que ele aproveitou, mas eu não acredito. Como já não acredito em nada do que o Ricardo dizia na carta que me escreveu antes de ir para Cabo Verde. Era só uma forma de garantir que podia vir para Lisboa e ficar numa casa particular, onde não pudesse ser encontrado. Por isso é que não quis ir para o hotel. Por isso é que não ficou chateado por eu não ter cá ficado. Assim dava-lhe maior margem de manobra para se movimentar.

Já são quase dez horas e as dores de estômago multiplicam-se.

— Estás mas é com fome. Vamos embora.

Também quero sair dali. Subitamente a minha casa tornou-se um lugar estranho e inóspito que me provoca arrepios. Foi aqui que vivi com o Ricardo, foi aqui que o Francisco dormiu tantas e tantas noites, foi aqui que ele descobriu a minha antiga ligação com o Ricardo, foi aqui que o autor ou cúmplice de um atentado terrorista se escondeu para planear o acto...

Voltamos para casa dele e seguimos pela rádio e pela televisão as notícias, enquanto engulo sem vontade uma sopa de cenoura, mas não há nada de novo. Apesar dos esforços dos

repórteres, não se consegue juntar nenhum dado novo ao caso. Antes de adormecer, depois de ter tomado um calmante e bebido um chá de cidreira que o Guilherme me fez, lembro-me que disse ao Francisco que o Ricardo ia ficar em minha casa.

— Guilherme...

O meu príncipe já está quase a dormir e responde-me debaixo dos lençóis um sim abafado e impaciente.

— Se o Francisco andava a seguir o rasto do Ricardo, eles já o apanharam.

— Porquê?

— Porque eu disse-lhe nos anos da Teresa que o Ricardo ia ficar em minha casa.

— A que propósito é que lhe contaste isso?

— Porque ele começou a irritar-me e como eu sei que ele tinha imensos ciúmes do Ricardo, resolvi chateá-lo.

— Mas tu és parva ou quê? Não vês que podes ser considerada cúmplice, se isto tudo se confirmar, por teres albergado na tua residência um terrorista?

— Como, se eu não fazia ideia nenhuma desta merda toda? Além disso eu disse-lhe que ia ficar aqui em tua casa durante estes dias...

— Não interessa! O Francisco não tem de saber que tu não sabes de nada e metes debaixo do teu tecto um terrorista, três dias antes de um atentado ao ministro do governo do país dele! Porque é que não ficaste calada, ao menos por uma vez?

Está visivelmente irritado e deve ter perdido o sono, porque já se levantou da cama e anda pelo quarto de pijama de um lado para o outro, gesticulando com alguma descoordenação.

— Não vês que o Francisco sabe que eu não sei de nada? E tu também não sabes, estamos aqui os dois a extrapolar a partir de uma série de conclusões que tu construístes com base nas tuas suposições! Nada nem ninguém nos confirmou que o Ricardo está metido na história e que é cúmplice do atentado.

O Guilherme pára por momentos, senta-se do meu lado da cama e agarra-me as mãos.

— Madalena, eu posso estar errado, mas mentaliza-te que o mais provável é estar certo. Não percebes que há demasiadas coincidências nesta história toda? Bem, mas o melhor agora é irmos dormir, não adianta nada estarmos aqui a massacrar-nos com conjecturas.

Adormeço mais de uma hora depois e passo a noite a sonhar com o Ricardo encarapuçado de preto no terraço de um prédio e o Francisco num helicóptero a sobrevoar o hotel à procura dele, qual cena de superprodução americana onde o herói vence o vilão no último segundo. Na rua, a Odete passeia à trela os gatos da Elisa e eu acompanho tudo na qualidade de repórter de televisão, a transmitir em directo via satélite para a CNN. A certa altura aparecem a Catarina e a Luísa a perguntar-me se já comprei o presente de anos à Teresa e para não me esquecer de levar o leite creme...

Acordo transpirada dos pés à cabeça, depois de ter passado a noite inteira às voltas na cama, de tal forma que o Guilherme se irritou e foi dormir para o quarto da Vera para ter algum sossego. São oito e meia e ligo imediatamente o rádio da mesinha de cabeceira, um daqueles minicaixotes pretos de dígitos verdes, muito moderno e muito feio, que acumula funções de despertador, rádio, gravador e talvez outras que ainda desconheço. Poucos minutos depois as notícias sobre o atentado desfiavam-se em novos pormenores.

*A Polícia Judiciária deteve esta manhã um dos presumíveis autores do atentado, tendo os outros dois escapado. O detido é um jovem universitário de origem basca de vinte e um anos cuja identidade não foi revelada. Sabe-se apenas que estava em Lisboa aparentemente a passar férias e foi visto por teste-*

*munhas oculares a entrar para um prédio próximo do hotel, onde alugara um quarto de uma pensão por três dias poucos minutos antes do atentado. Os outros dois suspeitos, que o esperavam em Leiria para depois fugirem pelo norte do país, terão encetado a fuga sem ele, uma vez que a Polícia Judiciária o interceptou na estação de Santa Apolónia.*

As televisões dizem o mesmo que as rádios e mostram imagens repetidas do hospital, da entrada do hotel e outras novas mas sem importância, da estação de Santa Apolónia e de terras por onde se presume que os outros dois cúmplices se terão escondido. E pensar que andámos o Ricardo e eu pelo Douro a passar férias no Verão do ano passado... provavelmente até isso foi planeado. Palmilhamos tudo de uma ponta à outra e o Ricardo anotou imensas curiosidades no seu caderno de viagem. Devem ter sido informações fundamentais quanto a estradas, esconderijos e caminhos por onde fugiu com o outro cúmplice.

O Guilherme já delineou uma estratégia enquanto tomava duche e dá-me boleia para a revista. Pede-me para não lhe fazer perguntas e agir como se nada se tivesse passado. Alertou-me para o facto de poder estar a ser vigiada e proibiu-me de telefonar a quem quer que fosse a comentar os acontecimentos.

— Faz a tua vida normal, vai almoçar com uma amiga tua, não lhe contes nada e ao fim da tarde eu passo a buscar-te, está bem?

Não está nada bem, mas o melhor é fazer o que ele diz. Ao meio-dia não aguento mais e apanho um táxi para casa da minha mãe. Só tenho tempo de entrar e me sentar na sala para desatar a chorar e contar-lhe o que se passa. Não está mais ninguém em casa e ali tenho a certeza que ninguém nos ouve. A minha mãe ouve-me em silêncio e vai empalidecendo gradualmente mas guarda o sangue-frio e a serenidade que

tanta falta me fazem. Dá razão em tudo ao Guilherme, mas fica profundamente chocada quando lhe conto o lado oculto do Francisco.

— Não pode ser! Parecia um rapaz tão correcto, tão atilado! De facto, nunca se conhece verdadeiramente as pessoas, pois não, querida?

Respiramos as duas fundo. Já me sinto mais aliviada. A minha mãe é um poço, tenho a certeza que não conta nada a ninguém. É um segredo que vamos guardar as duas.

Volto para a revista de táxi sem me preocupar se estou a ser ou não seguida. Quero lá saber. Não tive nada a ver com a história, não tenho nada a temer. O Paulo ainda tenta por duas vezes entrar no gabinete e discutir a próxima edição, mas argumento que já pensei em algumas coisas e que hoje não posso falar porque tenho de acabar o artigo sobre as lojas que este ano estão na moda para as compras de Natal, o que não é verdade, porque encomendei o artigo a uma jornalista *free-lancer* e só o estou a retocar, mas nem isso nem o resto o Paulo tem de saber.

Ao fim da tarde o Guilherme telefona e passa a buscar-me. Mantém-se calado ao volante e não percebo se está tranquilo ou se apenas esconde o nervosismo por detrás da capa inexorável de diplomata por vocação. Em vez de irmos para casa leva-me a jantar ao Bairro Alto, e como é terça-feira e o Pap'Açorda está fechado, optamos pelo Fidalgo onde acalmo o nervosismo gástrico com uns magníficos pastéis de massa tenra.

Finalmente decide-se a quebrar o voto de silêncio.

— Já falei com o Francisco.

— E então?

— Fomos almoçar. Liguei-lhe de manhã para a Judiciária e dispôs-se imediatamente a vir almoçar quando o convidei.

Fico com um bocado de carne entalada na garganta, mas domino o nervoso e continuo a comer devagar.

— Vá lá, deixa-te de rodeios e conta-me tudo.

— O teu Ricardo saiu-nos um artista! Está implicado na ETA até à medula. O Francisco tinha o *dossier* dele em cima da mesa desde o final do ano passado, mas quando te conheceu não fazia ideia nenhuma que tu tinhas vivido com ele. Só quando foi a tua casa e o reconheceu nas fotografias é que ficou intrigado e decidiu investigar.

— Então quer dizer que só andou comigo porque eu conhecia o Ricardo e...

— Não, não me parece. Foi uma daquelas coincidências que são impossíveis de prever. Acho que ele esteve mesmo apaixonado por ti. Percebia-se pela forma como falou de ti...

— E achas que ele te ia falar de outra forma, sabendo que nós andamos?

— Porque não? Ele não me deve nada! Não trabalho directamente com ele, não tenho nada a ver com a vida dele, porque é que ele me havia de fazer algum charme? A nossa conversa foi muito franca e do meu lado só tinha dois objectivos: confirmar que o Ricardo estava envolvido no crime e saber se tu eras suspeita de cumplicidade ou não. Confirmei o envolvimento do Ricardo e a tua inocência. Segundo o Francisco, nunca foste considerada suspeita, apesar de ter sofrido algumas presões de outros colegas que trabalhavam com ele em equipa na investigação. O Francisco sempre percebeu que tu não fazias a mínima ideia de quem era o Ricardo, mesmo quando lhe disseste que ele ia ficar em tua casa.

— Porquê?

— Porque eu contei-lhe que te tinha dito que ele era do SIS. E se tu soubesses que ele era do SIS e que o Ricardo tinha alguma ligação com a ETA, nunca lhe terias dito que ele vinha cá e onde é que ia ficar, pois não?

— E ele, acreditou?

— Claro! Não é verdade que já em casa da Teresa tu sabias que ele trabalhava para os serviços de informação? E não é verdade que o quiseste chatear porque sabias que ele tinha ciúmes do Ricardo e por isso é que lhe disseste que ele ia para tua casa?

— Então porque é que não o apanhou? Porque é que ele conseguiu escapar?

— Porque tu não lhe disseste o dia em que o Ricardo chegava, só lhe disseste que estava para chegar. O Francisco pôs a tua casa sob vigilância vinte e quatro horas por dia e viram-te a entrar com o Ricardo quando ele dormiu lá, mas perderam-no no dia seguinte, quando o polícia que estava de piquete o viu sair de manhã sem bagagem e entrar na leitaria da esquina para tomar o pequeno almoço. Não sabem como, mas já não o viram sair e a partir daí perderam-lhe o rasto.

— Então e o saco de viagem dele?

— Provavelmente deixou-o em tua casa e tu não o encontraste. Ou então entregou-o a alguém que o levou a meio da noite. O que é facto é que saiu sem o saco e já não voltou

— Por isso é que a Virgínia não viu lá nada e já não se cruzou com ele.

— Exacto. Ele deve ter dormido o fim-de-semana em qualquer sítio e encontrou-se em Leiria com o outro, para esperarem pelo terceiro tipo que foi o que ficou em Lisboa e cometeu o atentado.

— E como é que o Francisco pode ter a certeza que eu não tive nada a ver com a história?

— Não tem. Mas gosta de ti e pensa que se tu tivesses tido algum envolvimento, isso seria óbvio. Digamos que não suspeita de ti por exclusão de partes. Nada indica que sejas parte voluntária no processo, o que faz de ti um peão no xadrez.

— Um peão cego, surdo e estúpido.

Já acabámos de jantar e o Guilherme paga a conta. Está uma daquelas noites de Outono em que apetece andar a pé e descemos até ao Chiado para desentorpecer as pernas. Metade das ruínas dos Grandes Armazéns ainda continuam por reconstruir e as fachadas que resistiram aos escombros parecem agora exaustas de tantos anos à espera de recuperação. Gostava de saber por que é tudo tão lento neste país...

Estou ligeiramente mais calma. Afinal não passou tudo de um grande susto. O Guilherme já marcou uma pousada para o próximo fim-de-semana e quer levar-me daqui para fora. Ainda olho duas ou três vezes por cima do ombro para ver se estamos a ser seguidos e acabamos a noite sentados na esplanada da Brasileira com o Guilherme a descrever as pessoas que estão sentadas nas outras mesas, construindo um imaginativo e intrincado *plot* de terroristas e agentes da Judiciária que estão ali todos para me chatearem.

## VIII

O Natal está à porta e o meu primo Zé Miguel está mesmo a chegar de Seattle. Ainda bem, porque já tenho saudades dele e estou morta por lhe contar o episódio basco-terrorístico. Depois da recuperação, Javier Segovia foi transferido para um hospital de Madrid. Uma semana depois do atentado as notícias deixaram de falar no caso, até porque não se apurou mais nada de especial. O basco envolvido no atentado e detido pela Polícia Judiciária foi entregue às autoridades espanholas e os telejornais encheram-se de outras notícias que desviaram as atenções da opinião pública. A pouco e pouco fui-me esquecendo da história e recuperei lentamente o sono e a paz. Decidi vender a minha antiga casa e já tenho comprador para Janeiro. Ainda estou indecisa quanto ao que vou fazer depois. Devia comprar outra, mas o Guilherme pediu-me para ir viver com ele e sinto que tenho uma família. A Vera dorme lá uma vez por semana, às quartas-feiras, e passa quase todos os fins-de-semana connosco. Ao contrário do que pensava, adaptei-me a

esta nova vida, dou-me muito bem com a miúda. É inteligente, dócil, conversadora e muito boa companhia. Pai e filha continuam a fazer programas só deles, com passeatas e idas ao cinema e eu aproveito esses momentos para estar com os meus amigos e visitar os meus irmãos e sobrinhos. A pouco e pouco a minha vida entrou numa rotina que me agrada pela segurança e estabilidade, que me dá paz e algum conforto afectivo que, sinto agora, nunca tinha tido na vida. O Guilherme e a Vera fazem parte da minha vida e eu da vida deles. Estamos igualmente bem os dois quando estamos sós ou quando ela também está. Talvez o facto do pai lhe ter explicado com toda a sinceridade que gostava muito de mim e lhe ter pedido licença para eu viver com ele a tenha ajudado a aceitar-me tão bem. Já a levei comigo às compras e ajudou-me a escolher roupa. Depois fomos almoçar ao McDonald's, o que a deixou radiante porque o Guilherme sempre se recusou a levá-la, e como adorámos ir a duas combinámos que era o nosso segredo e que não lhe dizíamos nada.

A Luísa mantém o romance com o Eduardo, para grande espanto de todas nós, e o Bernardo convidou-me para almoçar fora e fazer as pazes comigo. Garantiu-me que acabou mesmo tudo com a Odete e desta vez acreditei porque a tenho visto de orelha murcha a queixar-se que está farta de trabalhar em Lisboa e que se calhar vai ajudar a tia a abrir outro cabeleireiro, desta vez no Laranjeiro. Além disso, a Catarina telefonou-me ontem a pedir-me para ser madrinha.

— Madrinha de quê? — perguntei sem perceber nada da conversa.

— Estou grávida outra vez!

Ficámos de nos encontrar ainda antes das festas para pôr a conversa em dia, mas li-lhe na voz uma alegria imensa, por isso parece que mais uma vez o casamento dela resistiu às intempéries e tudo se recompôs. Não percebo como é que tem saúde

e energia para ter outro filho, mas a Catarina sempre quis ter uma rapariga e pode ser que desta feita assim seja. A Mariana continua com o Georgy, a Teresa e o João continuam juntos e o meu amigo António continua a coleccionar namoradas, ou como ele diz, de uma forma muito mais poética mas também muito mais real, a acumular afectos.

O Comendador Machado Rocha vai fundar um banco e convidou-me para Directora de Comunicação do novo projecto. Ainda hesitei, mas como disse o Guilherme, *não tens nada a perder, e irás com certeza mais longe por aí do que se continuares na revista a fazer entrevistas idiotas a tipos idiotas* e estou quase a aceitar o convite. O Comendador convidou-me para almoçar no Belcanto, onde os empregados têm pelo menos cem anos e usam casacos daquela cor-de-mostarda que não vem classificada em nenhum manual de cores, e disse-me que queria dar uma imagem jovem e sóbria ao novo banco e achava que eu era a pessoa indicada para representar a nova geração que ele gostava de ter como cliente-alvo. Ainda lhe tentei explicar que não tenho grande paciência para fazer relações públicas, mas ele persuade-me com uma proposta de ordenado fabulosa e a possibilidade de ter horário flexível. Fiquei de lhe dar um resposta no princípio do ano porque o projecto só deve arrancar oficialmente depois do Verão de 97, o que me dá tempo para planear tudo com calma.

O Ricardo continua fugido, escondido algures no mundo, segundo as últimas informações que o Francisco deu ao Guilherme, num almoço do Ministério onde se cruzaram. Nunca mais vi o Francisco e espero não ter de o ver tão cedo, apesar da forma como ele lidou comigo em todo o processo. Podia ter-me sacrificado, podia ter-me transformado no bode expiatório, mas em vez disso acreditou em mim e poupou-me a interrogatórios, deixando-me completamente à margem do processo. Sei que de vez em quando vai almoçar com a Luísa e

a minha intuição diz-me que os almoços não devem ser totalmente inocentes, mas isso não me incomoda. Preparo as compras com antecedência pela primeira vez em muitos anos, faço a árvore de Natal com a Vera de surpresa para o Guilherme e vou mudando a pouco e pouco as minhas coisas para a nossa casa, com calma e suavidade, para que o Guilherme não estranhe as alterações.

Gosto da minha nova vida, de ter uma família, mesmo sem ter ainda os meus filhos, de saber que chego à noite a casa e o homem que amo está à minha espera com um sorriso cúmplice, para jantarmos à luz das velas e fumarmos um charro na companhia da Ella Fitzgerald, do Count Basie ou do Eric Satie. Continuamos a ouvir a Billie, a ler cada um o seu livro de mãos dadas como fazíamos há doze anos, no mesmo terraço que é agora um dos nossos refúgios.

No fim-de-semana passado fomos ao Alentejo ver uma casa, junto a uma barragem, que o Guilherme decidiu comprar para passarmos os fins-de-semana. Vamos decorá-la com os móveis que ainda tenho no andar do Bairro Alto e com outras coisas que o Guilherme quer renovar na casa de Lisboa. Ainda teremos de fazer algumas obras, mas vai ser uma delícia arranjar aquele bocado esquecido de paraíso escondido no Alentejo profundo, com a casa mais próxima a mais de cinco quilómetros, onde a electricidade, a água e o telefone acabaram de chegar.

A vida sabe-me outra vez bem, vivo em paz comigo e com o mundo. O Guilherme deu-me muito mais do que eu pensava, amadureceu-me, organizou-me por dentro. Despertou-me interesses e desejos novos, ensinou-me a viver com calma e a dominar as inseguranças. Com ele ao meu lado sinto que estou a tornar-me uma pessoa melhor, mais consistente e equilibrada, menos vaga e inconsequente, mais segura e certa das minhas ideias. Quando comentei tudo isto com a Luísa, ela riu-se e

disse-me que se eu fosse animal era um cão, que é tanto mais feliz quanto é fiel ao seu dono e este lhe dá mimos. Tivemos um ataque de riso e não a contestei. Devo ser mesmo assim. Na minha família as mulheres sempre tiveram uma dedicação canina aos maridos, porque não haveria eu também de herdar esse gene? Se és feliz assim, deixa-te estar, eu sou ao contrário, gosto é de os passear à trela, concluiu a minha Mata-Hari de estimação. Estávamos todas a jantar em casa da Mariana, que tinha mandado o Georgy com o João e o Bernardo ao futebol, sentadas à volta da mesa da cozinha a comer uma inevitável massa com queijo e cogumelos que a Teresa fizera com mestria e inspiração em menos de vinte minutos. Está mais magra e anda mais bem-disposta. Arranjou um *part-time* na loja de decoração de uma prima da Catarina e como só trabalha das três às sete e passa a tarde a encontrar gente conhecida, aliviou o feitio rabugento sem no entanto perder o sentido crítico e o espírito cáustico que tão bem a caracterizam. Comprámos todas uma peça de roupa cor-de-rosa de bebé que oferecemos à Catarina mesmo antes do Natal, com o intuito vão e sonhador de influenciar o sexo do feto.

— Qualquer dia quem anda a fazer botinhas e cueiros sou eu — deixo cair quase no fim do jantar, provocando algumas engasgadelas entre as presentes.

— Não me digas que estás grávida!

— Ainda não, ainda não. Mas andamos a fazer pontaria e o Guilherme não é vesgo...

— Que engraçadinha! Se calhar é vesgo do periscópio! — corta a Teresa.

— Já vi muitos a apontarem para o lado — continua a Luísa, pronta para uma dissertação de gosto duvidoso acerca do invocado, porém não citado membro.

Felizmente a Catarina impõe o respeito, evocando a presença de um menor na cozinha e acabamos o serão cedo, por-

que a grávida está muito ensonada e os bocejos são altamente contagiosos.

É quarta-feira e o Guilherme foi jantar fora com a Verinha. Já está em casa quando chego, como sempre a ouvir música e a ler um livro, sentado na sala, descalço, de *boxers*, apesar de estarmos em Dezembro. Sento-me aos pés dele como já é meu hábito e oiço outra vez a voz da Luísa a discursar sobre a minha dedicação canina.

— Então, divertiste-te com as loucas das tuas amigas? — pergunta com um sorriso adorável.

— Gosto mesmo de chegar a casa e ver-te assim, sossegado, a ler um livro com cara de quem não está à minha espera.

— E não estou... a propósito, que horas são?

— É quase meia-noite.

— Então anda. Vamos dormir.

E dormimos a sono solto como as figurinhas do presépio que repousam silenciosas e arrumadas debaixo da árvore.

## Epílogo

No dia 27 de Dezembro recebo uma encomenda pelo correio num envelope de papel pardo almofadado. Abro com curiosidade e as mãos começam a tremer. É o meu *filofax*. Intacto, inteiro, sem uma arranhadela. Verifico se faltam páginas. Nem uma. Está tudo lá, mesmo as coisas que já não me lembrava que tinha: fotografias do Ricardo e dos meus sobrinhos, bilhetes de metro usados e por usar, facturas de jantares e de roupa. No mesmo envelope também está a minha carteira com os documentos todos: o bilhete de identidade, a carta de condução, o número de contribuinte, os cheques, tudo muito arrumado, como se nunca tivesse sido mexido.

Um cartão do Francisco cai do envelope.

*Querida Madalena: desculpa só te devolver isto agora, mas só foi possível depois de encerrar o processo. Lamento o transtorno que te causei. Gostava que acreditasses que o fiz pelo teu bem, porque não sabia qual era o teu envolvimento*

*com o Ricardo e quis proteger-te. Por favor não fiques zangada comigo. Um beijo. F.*

Pensei que nunca mais me ia acontecer uma destas, mas uma pessoa tem de estar sempre preparada para o imprevisto. Foi o Francisco que mandou um dos seus elementos roubar-me o *filofax*, de certeza para ver se conseguia obter informações sobre o Ricardo. Que cabrão! Não sei porque é que não confiei no meu instinto quando o conheci e lhe topei logo a pinta de sacana. Estava fragilizada na altura, queria companhia e atenção. Mas afinal não é o que queremos todos?

Não resisto a pegar no telefone e ligar-lhe para o portátil.

— Feliz Natal — diz-me a voz atrevida do costume. — Gostaste do presente?

— Ouve lá, meu grande cabrão, por que é que nunca me disseste que me roubaste o *filofax*?

— Porque nunca me perguntaste.

Lisboa, 25 de Junho de 1998





